



*De um tempo
à eternidade*

Cíntia Cortegoso

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

DE UM TEMPO À ETERNIDADE

CÍNTIA CORTEGOSO

2015

DE UM TEMPO À ETERNIDADE

CÍNTIA CORTEGOSO

Data da publicação: 18/12/2015

CAPA: Cláudia Rezende Barbeiro
REVISÃO: Cíntia Cortegoso
PUBLICAÇÃO: EVOC – Editora Virtual O Consolador
Rua Senador Souza Naves, 2245
CEP 86015-430
Fone: (43) 3343-2000
www.oconsolador.com
Londrina – Estado do Paraná

Dados internacionais de catalogação na publicação

Bibliotecária responsável Maria Luiza Perez CRB9/703

C855d

Cortegoso, Cíntia
De um tempo à eternidade - 25 contos / Cíntia
Cortegoso; revisão: Cíntia Cortegoso; capa de Cláudia
Rezende Barbeiro. - Londrina, PR : EVOC, 2015.
198 p.

1. Literatura brasileira-contos. 2. Literatura espírita. I.
Oliveira Filho, Astolfo Olegário de. II. Barbeiro, Cláudia
Rezende III. Título. IV. 25 contos.

CDD B869.3
19.ed.

ÍNDICE

Prefácio,	5
Apresentação,	7
Gratidão,	8
Eternidade...,	9
A distância não existe para o raio de sol,	10
Como o trem que retorna à estação,	17
Aiko e Cinza à mesa das existências,	22
Juan García e o segredo de uma vida,	27
De repente a chuva vem e anima a vida,	46
As histórias tiveram começo e se perpetuam pelo tempo,	51
Mais uma tarde,	57
Nem o Sol poderia viver pela Lua,	59
A relva verde atravessa o tempo,	65
Há as cebolas para serem cortadas,	74
Na aridez, Bahareh e senhora Margot encontraram a paz,	79
Gente de cá e gente de lá,	97
O alento ao coração de uma mãe,	108
Um sonho no momento da morte,	118
As flores nascidas das lágrimas da dor,	124
O sentimento de Allegra,	130
As sementes plantadas originarão os seus frutos,	140
Uma frase, um olhar, uma vida,	146

Só um sorvete de casquinha, 151
Um Natal branco como o açúcar fininho, 157
Um espírito acompanhando os laços da Terra, 165
Uma garotinha em busca de um mundo melhor, 170
A pequenina que aprendeu a compartilhar, 175
A mais sublime arte: amar neste instante, 179
Janelas que se abrem na noite de Natal, 189

PREFÁCIO

Na vida todos são personagens de seus contos. Para tudo há um tempo, lugar, narrador, uma história e principalmente uma ocasião na qual a existência muda. Alguns desses momentos são mais brandos; outros, intensos; muitos, realmente difíceis, no entanto, são a reação de atos vividos ou muito recentes que já repercutem agora.

Assim como a vida real, a literatura de contos possui o seu desenvolvimento, a sua surpresa dos encontros e desencontros, do amor e de sua ausência, da paz e da tormenta, da saudade e do abraço, da compreensão e do desentendimento, da liberdade e da prisão, da aceitação de certos fatos, esta que só mesmo um coração amoroso pode ser capaz de realizar.

De um tempo à eternidade traz a emoção de muitos sentimentos e ocorrências com os quais a centelha leitora, em suas formas sutil e materializada, poderá se identificar.

E quando se leem histórias semelhantes às quais vivenciamos ou ainda mais fragilizadas e presenciamos as características de personagens cuja identificação nos é imediata, constatamos, então, que infinitos universos individuais participam de um universo maior e, assim, podemos sentir que em todos os momentos, mesmo nos delicados, não estamos sós. Há um Observador Onisciente

a nos amparar por meio dos seus bondosos coadjuvantes
nas linhas dos nossos contos.

APRESENTAÇÃO

Cíntia Cortegoso nasceu em Londrina, no Paraná. Formada em Letras Anglo-Portuguesas. Professora de Língua Portuguesa e das respectivas línguas estrangeiras: Espanhol, Inglês e Italiano. Colaboradora cultural da Academia de Letras, Ciências e Artes de Londrina. E alguém que ama as palavras, mas que ama ainda mais a vida.

GRATIDÃO

Agradeço a Deus a vida, grandiosidade absoluta.

A meus pais, tão queridos companheiros de jornada.

A Astolfo Olegário de Oliveira Filho, tantas oportunidades, como esta.

A Marina de Paula, todo o apoio e dedicação.

Alguns poderão observar que acima está a mesma dedicatória do meu primeiro livro *“Inteiramente sobre a vida”*, só poderia ser, pois também é o mesmo maravilhoso amparo que recebo. Que bom!

Mas ainda dedico esta obra a todos os leitores que já conhecem minhas palavras e àqueles que certamente as conhecerão, pois a troca de experiência faz surgir luz e amor nos dias de agora e nos que hão de nascer.

ETERNIDADE...

Um tempo imensurável e, de certa forma, incompreensível, mas além... extraordinário.

Ser para sempre, aprimorar, e viver, e conhecer, e amar, e aprender a não sofrer, e amar ainda mais, sentir a pura nobreza da vida, pois se é eterna, então que também sejam para a eternidade a luz, a bondade e o amor.

A distância não existe para o raio de sol

Havia uma calçada estreita em volta da casa. Fora isso, a terra batida completava o quintal. Algumas galinhas, soltas, davam o pouco dinamismo ao lugar e também os ovos para quase toda refeição.

A horta era apenas um singelo canteiro com algumas hortaliças, no entanto, é melhor ter pouco que nada. A água era escassa na região e não havia meios de manter maiores áreas de plantio.

O poço artesiano era o recurso mais importante para o lugar; lá no fundo, a água era viva e vida mantinha.

Duas vezes ao dia, a jovem campesina e moradora da casa ia até o poço e tirava dois baldes do bálsamo salutar. Levava-os para dentro da casa. Retirava um potinho e colocava para as galinhas. Estas pareciam sorrir quando a água e mesmo a pouca comida eram oferecidas.

Uma senhora, avó da jovem e também moradora da casa, sem hora determinada, aparecia na porta da cozinha. Olhava para o céu e para a linha reta do infinito e constatava que a imensidão da vida era a riqueza presentada por Deus.

Em segundos, voltavam tantas lembranças... conquistas, dificuldades que resultaram na mulher vivida e companheira de seu esposo, homem simples e honesto,

que passara boa parte da vida ao seu lado; ele, há algum tempo, não compartilhava mais do mundo da matéria.

A senhora também não podia se esquecer da filha, mãe da neta, mas esta agora era a sua única família.

Olhos que se perdiam em pensamentos, porém, estavam, de certa forma, em harmonia com a vida presente. A avó tinha a sua neta, uma casinha, os animais de que tanto gostava, entretanto, não mais podia cuidar deles devido à saúde frágil. Mas a avó podia conversar com a neta... e rir... e explicar... e passar tanto ensinamento.

E as duas se entendiam muito bem e se amavam acima de tudo.

– Vó, venha! Passei café e fiz alguns bolinhos. Venha, vó! – a neta pediu.

Aqueles cafés, à tarde, eram início de longas “prosas” como dizia a senhora.

– Sim, minha neta! Tenha paciência, pois para me virar preciso fazer todo um planejamento para as partes do corpo não se perderem – a senhora, sempre brincalhona, buscava a paisagem do interior da casa.

Ela deixava, no horizonte, as lembranças se diluírem.

– Que cheirinho bom! Tão jovem, meu bem, e tão prendada. Que felicidade para nós! – a avó falou.

– Ah, vó! Mas foi a senhora quem me ensinou tudo o que sei. A senhora é minha vó, minha mãe, minha amiga...

– os olhinhos da menina se embargaram.

– Oh, minha neta querida. Você é a luz que ilumina minha vida. Não chore, não! Vamos comer os bolinhos... E devem estar deliciosos! – a avó fortaleceu-a.

A neta enxugou os olhos, apertou, com carinho, a mão da avó e começou a comer a merenda da tarde.

As galinhas desfilavam em frente à porta com a esperança de ganharem algum pedaço de bolinho.

E a conversa entre família sempre ficava muito animada, pois quanto acontecimento engraçado a avó tinha para contar.

E aquelas mãos simples, da avó e da menina, repousaram sobre a mesa. As duas estavam alimentadas e simplesmente felizes. A senhora já lhe ensinara que a responsabilidade é individual quanto à posição que cada um ocupa na existência.

A avó dizia também que de acordo com o pensamento, atitude, palavra e sentimento é que se conquistará um coração mais leve e contente ou uma consciência de pesado fardo. A cada um lhe é dado o livre-arbítrio. E tanto a avó explicava.

Talvez a senhora preocupava-se demasiadamente com uma situação relacionada à neta, pois “com quem a menina ficaria quando fosse chegada sua hora?”, essas eram as palavras a afligirem a avó, no entanto, sabe-se que todos são amparados.

Naquela tarde, o tempo começou a modificar; as nuvens começaram a preencher o céu. O azul cedera ao

cinza das nuvens de chuva, bálsamo da vida, que há tanto não era sentido.

E as duas se levantaram e foram até a porta para presenciar os primeiros pingos de chuva. Naquela tarde, toda a natureza queria ser abençoada pela água que escorria do céu e que prepararia a vida para em mais vida se tornar.

– Minha filha, olhe a água cristalina! Quão maravilhoso é o Senhor por nos presentear assim – a avó falava com tanta fé e admiração.

– Sim, vovó. Quantas bênçãos! – a neta concordou.

E esses pares de olhos se encantavam com a vida jorrada do alto.

E a menina se sentia fortalecida pelas inúmeras vezes que sua avó lhe explicava tanto sobre a vida. E a neta criara confiança, assim, como a chuva que, aos pouquinhos, molhava toda a terra e a preparava para o plantio e para o nascimento natural.

Durante a noite, também a chuva foi certa como as estrelas no céu de uma noite limpa. E as duas dormiam e descansavam, e a água caía para alimentar e limpar.

A manhã nasceu e a chuva continuava; a neta se levantara e se dirigiu à porta para observar de perto a riqueza enviada do céu. O bálsamo ainda jorrava brilhante.

Esquentou a água para o café. A avó ainda não viera à cozinha; a neta começou a estranhar.

– Talvez seja pelo aconchego da chuva que há tanto não nos presenteava – falou baixinho a neta.

Passou o café, arrumou a mesa simples ainda com alguns bolinhos da tarde anterior e a avó ainda não aparecera.

A menina, então, foi ao quarto, aliás, o único da casa e aproximou-se da avó que, de uma certa forma, agonizava em sua singela cama de há muitas noites dormidas.

– Vó, vó... o que está acontecendo? – a neta, aflita, perguntou.

A avó olhou para a menina e respirando com dificuldade, falou estas palavras:

– Minha neta querida, o dia de única preocupação para mim... chegou. Sei que é chegada a minha hora... e o que mais me afligia era deixá-la sozinha... sem família... sem ninguém. Mas nossas aflições são maiores do que os reais acontecimentos – a senhora buscou fôlego para continuar.

– Essa noite, muito me foi elucidado quanto à sua vida e seu caminho a seguir... sem mim... ou melhor, sem estar com você fisicamente. Todos temos o tempo adequado para cada vivência e as lições a aprender.

A neta ouvia, com lágrimas, as palavras de sua anciã tão querida.

– Minha filha, continue a estrada com muito amor, proteção, paz, saúde e busque sempre o conhecimento que ilumina os passos. Minha querida, que em seu coração a fé e a paz sejam baluartes.

A senhora segurou a mão pequenina e frágil da neta; os olhos da avó se fecharam. A neta tanto abraçou a mulher que tudo a ensinou. O semblante estava sereno, cumprira todo o percurso determinado com muita alegria, otimismo e amor. E assim deve ser. A vida deve ser contemplada a cada raiar do sol.

E todo ritual posterior se deu com simplicidade e com as poucas flores do quintal.

Pronto! A neta estava novamente em casa, porém, sem a avó querida, pois esta havia virado mais uma luz no universo. A estrela buscara lugar rumo à eternidade.

O que fazer agora? A menina estava só naquelas terras isoladas. Esta era a grande preocupação da senhora.

Passaram-se dois dias do ocorrido e a menina mantinha sua rotina comum e previsível. Os mantimentos pouco restavam e o que a menina, então, faria?

À tarde, começou mais uma vez a chover. E a jovem, solitária, se encontrava na casa simples. Ela estava com os olhos sem brilho.

– O que farei a partir de agora? Senhor, por favor, me ampare!

Com as mãos entrelaçadas em prece, rogou ajuda e discernimento.

Os pingos da chuva cessaram e o sol voltou por inteiro. Às três horas da tarde, um carro imponente parou em frente ao casebre naquele sertão esquecido.

O motorista desceu e abriu a porta de trás para um senhor, de muito boa aparência, descer. Ele olhou, observou o singelo lugar. Sentiu emoção por estar ali. Bateu palma. Mais uma vez. Então, a porta, rangendo se abriu. A menina, chorosa, veio com receio, para atendê-lo.

O homem, com olhos banhados em lágrimas, perguntou:

– Por favor, procuro por Eleonora.

– Quem é o senhor? – a menina, receosa, perguntou.

– Sou Otávio Augusto Linhares – ele respondeu.

A menina se emocionou de alegria, de esperança viva.

– Sou eu... sou eu... Eleonora sou eu – a menina respondeu.

Quanta felicidade experimentou o coração juvenil, pois até o momento o único contato com esse nome completo era quando lia em seu registro de nascimento.

– Você é o meu pai? – perguntou a jovem, soluçando baixinho.

– Sim, quanto te procurei. Quanto sonhei com você... minha filha... meu tesouro... minha vida.

Como o trem que retorna à estação

Talvez fosse ritual ou disciplina aprendida. No entanto, verídico era todo dia o homem chegar ao mesmo exato minuto, girar duas vezes a chave e, junto do apito do trem, pisar o pé direito na cozinha de sua casa.

Na primavera das flores, no verão escaldante, no outono do aconchego ou no inverno do recolhimento passou a ser assim, desde o tempo em que ele começou a residir solitariamente no endereço. A cadência metódica era bastante peculiar.

Não mais ouvira o balbuciar das palavrinhas graciosas do menino mais novo; a filha maior, ah... esta também não entrava, não saía, não mais brincava no quintal; a esposa não mais o esperava para o almoço menos ainda para o jantar. A vida estava sem a graça que a torna grandiosa.

Apenas um ponto positivo restara: o cão de rua que o acompanhava no trajeto passou a ter um lar. Eram o homem e, agora, o seu cão. E como este era leal!

Quando nunca se teve uma casa para morar e se é convidado a ter comida, teto e um pouco que seja de carinho, o tapete em frente à porta se torna um palácio. Religiosamente, lá estavam o homem e o seu cão; este, dessa forma, sentia a segurança que conhecera a partir de agora e aquele podia, superficialmente, reviver mais um

minuto de carinho e aconchego. O cão o olhava nos olhos, nos olhos do seu companheiro.

Os olhares se entendiam; as palavras soavam muito pouco no ambiente familiar; na verdade, era apenas o lar de um homem e de um cão.

Mesmo que os dias se multipliquem e os anos perdurem, o sentimento de um ser humano não possui regras exatas como a matemática, nem estruturas coerentes pertencentes à formação de um idioma. O sentimento humano chega, muitas vezes, ao extremo da incompreensão alheia e pura coerência ao protagonista em questão.

Depois do último domingo do mês de maio às quatro horas da tarde do ano passado, a vida do homem tanto se transformara como se saltasse do Hemisfério Norte para o Hemisfério Sul. No seguinte domingo atual, completaria o ciclo de um ano o ocorrido.

Ele sentou-se na única cadeira da tímida varanda em frente à edícula onde morava. O cão sempre o acompanhava. E olhando com mais atenção, ele notou uma pequenina flor mesclada de branca e rosa bem rente ao muro.

Não se conteve e precisou apreciá-la de perto. Lembrou-se de que não a vira antes, agora já estava formada e linda, e pensou: “Quanto se perde com a falta de interesse, de entusiasmo pela vida”.

E tão introspectivo o homem estava. O cão copiava o sentimento humano.

O homem admirou a formosura da flor e se encantou ainda mais pela força, persistência e fé daquela pequenina. Grande exemplo.

Sentiu-se como a flor – sozinho – e aprendeu que precisava de mais determinação e amor pela vida, pois a conquista depende da atitude.

Olhou-a mais um pouquinho, levantou-se, alongou a coluna e voltou para a cadeira reservada na varanda. O cão também voltou e deitou-se bem ao lado.

Os dois passaram a apreciar o movimento da rua, a gostar de analisar o céu e a acompanhar o voo do pássaro até o seu desaparecimento.

Nesta tarde enfastiada, palminhas bateram ao portão. O homem olhou para a identificação das palmas. Por alguns segundos, ele não respirou, mas seu coração continuou a bombear; em sua mente, uma extensa história se apresentou em curtos instantes.

– Papai... sou eu... Maria!

Os olhos paternos se emocionaram.

– Papai... abre o portão!

O homem não sabia nem se levantar da cadeira. A surpresa foi gigantesca, mas, enfim, conseguiu. Ele se encaminhou ao portão; o cão parecia compreender a tão situação delicada e foi no mesmo ritmo das pernas humanas.

A mão direita alcançou o trinco e abriu.

Sem palavras, a filha Maria o abraçou pela cintura. Apertou-o forte de saudade, de tristeza por estar ausente por todo esse tempo; ela soluçou de emoção, estava ao lado do pai.

Também o filho menor se jogou para os braços do pai; o menino era pequeno, no entanto, recordava-se dos olhos protetores.

O pai o pegou e o afagou com amor renovado. Filhos e pai estavam juntos e enlaçados pelo profundo sentimento.

A mãe observava de cabeça baixa; nada podia falar. Sua consciência a castigara, palavras eram dispensadas.

Quase um ano de padecimento implacável; noites em claro, peso perdido, olhos sem brilho, coração sem sentido. Uma família desfeita; desalento de quatro corações.

O homem, afogado na sua dor, respirou fundo, olhou para o céu, entendeu que a vida é eterna e o tempo para cada ação, efêmero. Não possuía o direito de julgá-la, era ainda sua esposa e, definitivamente, mãe dos seus filhos.

Nesse quase um ano de reflexão, compreendeu que nem toda atitude será compreendida; cada coração tem seus desejos e suas razões.

E a esposa se iludiu com uma nova vida, um novo amor. A ilusão foi tão descomedida que arrastou outros três companheiros para o mar da desilusão.

Mas o céu sempre está à espreita dos acontecimentos e, em sua grandeza, pode enxergar todos os atos realizados e prever os que ainda são só pensamentos.

Então, o homem, com o filho no colo e a filha abraçada a sua cintura, pôde também com o braço esquerdo, mesmo lado do coração, abraçar a mulher e, como uma família nova e completa, eles e mais o cão buscaram a casa simples e pequena, aconchegante e amorosa, sustentados pelo ato do perdão.

Aiko e Cinza à mesa das existências

Ele não conhecia a boa vida nem imaginava uma diferente da que levava; porém, tinha um desejo: fazer uma refeição pelo menos uma vez, com mesa posta rodeada de uma família ou de seres que o amassem e que ele, reciprocamente, o sentisse.

Esse desejo se despertou quando Aiko completara seus treze anos nas ruas de Kanazawa, província de Ishikawa, localizada no litoral do Mar do Japão. O menino vivia pelas ruas mais simples e sem a família que tanto sonhara. É o tipo de situação que, de repente, ocorre, e simplesmente já é.

O nome Aiko traz em sua significação o que ele era em sua essência: criança amorosa. De certa forma, poderia ser imensamente contraditório, mas se sabe que o amor pode ser presenciado de múltiplas maneiras e ocasiões. E Aiko, mesmo sozinho, ou melhor, com um gato acinzentado, era feliz e fazia quem com ele estivesse, por algum momento, também muito feliz.

A sua valorização era sensível quanto à natureza. E numa sexta-feira de primavera, o menino se encontrava num dos cuidados e maravilhosos parques, como é comum em todo o Japão, e sua mão ainda pequena e delicada tocava carinhosamente nas folhas, ainda com mais cuidado, nas flores que da planta floresciam.

Quanto respeito e amor! Reverenciava as “pequeninas”, assim como as chamava. Encantadoramente as admirava. Seu gato Cinza, realmente era o nome, observava seu companheiro em total silêncio; tanto um aprendia com o outro.

E naquela tarde, o sol tão brilhante se irradiava como ouro, com seus raios amarelo-ouro, pelo parque. O menino anotava informações. Desde tenra idade, aprendera a ler e a escrever, talvez trouxera a bagagem de outro tempo. Conhecia importantes histórias; admirava o movimento do vento, a sua variação, dinâmica; silenciava, respeitosamente, ao perceber a montagem do céu para, com a chuva, aguar a terra.

Aiko não guardava para si as anotações, mas as entregava em forma de pergaminho para o porteiro de um laboratório renomado em sua cidade.

Ainda na sexta à tarde, no parque, o menino anotou incontáveis observações como se preenchesse um longo relatório. Também desenhava algumas flores visualizadas e registrava as informações necessárias. Quando percebera, já era o horário para o fechamento dos portões. Os guardas do lugar o conheciam e tinham muito apreço por ele.

– Boa tarde, Aiko!

– Boa tarde, senhor guarda do parque! Bom descanso e até amanhã! – assim o menino se despedia.

Normalmente, as pessoas voltam para casa no fim de tarde, começo da noite; no entanto, Aiko não tinha uma

família para esperá-lo e nem uma casa comum para retornar. Muito se ouve que a vivência padrão é a mais provável de se encontrar, porém, não quer dizer a única forma adequada para se viver.

E Aiko retornava para sua grande flor, assim ele nomeava sua casa. Uma construção com tudo o que se pudesse imaginar de reciclável. Aiko e Cinza já estavam a uns dez passos para chegarem ao lar quando um forte clarão abrihantou os olhos do gato e os do menino. O animal levou um grande susto e se escafedeu pelo espaço encontrado. O menino parou, extasiado, com a surpresa do que lhe poderia suceder.

Talvez durara de cinco a dez segundos aquele brilho, um significativo tempo para determinado e imprevisto acontecimento.

Quando o menino foi capaz de abrir os olhos... não acreditava no que estava em sua frente.

Dois quadros se punham diante do olhar juvenil: o da esquerda trazia a imagem de um ancião ocidental, com barba e cabelos longos brancos, túnica de cor clara, chapéu com formato de cone e tantos vidros de vários tamanhos sobre uma mesa, os quais o homem administrava num trabalho de grande necessidade e responsabilidade.

O quadro do lado direito exibia a imagem de um homem oriental voltado para uma mesa repleta de aparelhos, microscópios, computadores de alta precisão para o trabalho desenvolvido. O homem vestia um jaleco

longo e branco, estava com os cabelos curtos e com a barba feita. Demonstrava habilidade no manuseio de seu material.

Aiko atentava-se aos dois. Começou a associar o segundo ao primeiro. E nos dois, um gato cinza.

“Seria a sequência?”, questionava-se o menino.

Refletia, estupefato, procurando compreender a significação das duas telas no tempo. Era fenomenal.

Esqueceu-se de si e de seu redor. Queria insaciavelmente entender tudo aquilo. E tão familiar, eram os olhos.

Pôde mais uma vez reparar com observância o quadro da direita e depois o outro.

Com a mesma rapidez que se construiu a imagem também deixou de ser. E estava de volta o cenário simples da rua japonesa. Com a calma presente, o gato Cinza veio se aproximando, atento, do menino companheiro.

Aiko percebeu o animal, um pouco desconcertado, mas retomando a ação comum. O menino, maravilhado, ainda se encontrava na mesma posição na calçada, onde tudo sucedera.

Buscou uma vez mais os quadros; porém, já não eram visíveis aos olhos; eles existiam no tempo e na vida. Dimensões simultâneas e distintas.

Restou, então, a entrada para casa.

– Venha, Cinza. Vamos, meu amigo!

O menino olhou para o céu e quantas estrelas havia. Respirou fundo e foi para o lar.

Como conhecia a construção de sua casa, abriu com cuidado a porta, mas antes de abri-la totalmente, percebeu uma claridade incomum. E abriu, com calma, a porta do lar.

Parados à entrada, o menino e o gato, de bocas abertas, se deslumbraram com o cenário: uma mesa posta com todos os detalhes dignos de um sonho agora realizado.

Em cada extremidade da mesa havia um homem. O lado esquerdo estava ocupado pelo ancião; o direito, pelo jovem homem oriental. Aiko sentou-se ao meio da mesa: entre um e outro. Cinza deitou-se no chão, ao lado do menino.

Na sexta-feira à noite, Aiko realizou o grande desejo. E os três possuíam o mesmo olhar: do que foi, do que é e do que pode vir a ser.

A responsabilidade com a vida é, incontestavelmente, imprescindível, pois há muito por fazer para o progresso. O futuro sempre aguarda, mas depende da conduta do presente. E o espírito é eterno com sua multiplicidade de existência.

Juan García e o segredo de uma vida

O doce e o azedo; o frio e o gelado; o claro e o escuro; o fundo e o raso; o sim e o não; o bem e o mal.

Pela aparência das árvores e a grande quantidade de folhas amarronzadas para o laranja, a estação era o outono. Este tempo se situa entre o verão e o inverno, e na vida humana sua posição se encontra na fase anterior à velhice.

Naquela estação de trem, um jovem estrangeiro estava pela primeira vez. Gostaria de ter chegado ao determinado país para realizar estudos do idioma, aperfeiçoamento da língua inglesa, nativa, daquele lugar. Há certos casos em que os fatos são bem distintos quanto à idealização.

Então, não havia ninguém para aguardá-lo, pois não houve acordo algum anterior à sua chegada. Estava muito interessado em aprender o novo idioma, no entanto, a verdade era que o jovem viera em busca de uma vida com melhores oportunidades financeiras. Em seu bolso, havia pouco mais da quantia para se fazer uma refeição diária por cinco dias.

Santiago deixara a vida no Chile dos vinhedos para a esperança da britânica ocasião, onde o céu era cinza na maioria das vezes, entretanto, a polidez usual e a valorização cidadã inspiravam-no a uma sociedade mais ideal do que conhecera em sua terra até agora vivida.

Os olhos do jovem, ainda na estação, buscavam o lado direito do caminho, não estavam certos, então, desejaram observar o outro lado e depois à frente; a direção seria tomada para o horizonte que mais se afinizasse com seu coração. Pois bem, o jovem escolhera e o primeiro passo recebeu a energia comandada pela programação bem antes assumida.

Mas aonde ir? Não havia lugar para o pernoite, e Santiago andou por ruas largas e algumas estreitas. Tentando economizar o mísero dinheiro, pensou que conseguiria ficar sem comer, sem alimentar o corpo físico, mas este é movido a energia apropriada para a sua manutenção. Há de se alimentar os corpos com o alimento compatível à sua formação: corpo somático ou físico, perispírito e espírito.

Durante o caminho escolhido, quantos pensamentos surgiram na mente do rapaz. Vinham a voz esclarecedora sugerindo ânimo e a voz desanimadora podando a luz da esperança. Quando percebeu que a inquietação interna estava realmente desordenada, teve apenas uma atitude: a prece.

O jovem deixou a maleta ao lado e com a fé aliada ao ensinamento da família quanto à importância da oração, por ser ele oriundo de um núcleo familiar bastante religioso, na calçada mesmo, rogou a Deus, proteção, sabedoria e discernimento para o presente e futuro tão próximo.

Naquele momento, cuja concentração, fé e energia amorosa se fundiram, a luz brilhante uniu Santiago ao Alto e um determinado raio de extensão ao seu redor também se iluminou com a luz radiosa, curadora, esclarecedora e protetora da oração sincera. Após a conexão, o jovem estava mais calmo e revigorado com a capacidade de, pelo menos por aquele momento, poder orientar-se, fortalecer-se e proteger-se de investidas negativas e maléficas.

Após aquela conturbação vencida, Santiago, caminhando com mais equilíbrio e paz, deparou-se com um anúncio pregado num poste na calçada, que dizia estas palavras: “Contrata-se jovem para trabalhar em oficina; há quarto para dormir. Entrevistas somente na terça-feira de manhã.” O jovem sofrera para compreender o novo idioma, mas entendeu. E a terça seria o dia seguinte. Ele se ajeitou sobre uma cobertura comercial e começou a comer o lanche que havia comprado minutos antes de enxergar o anúncio. Mesmo com muita fome, o rapaz comeria com calma e mastigava várias vezes antes de engolir. O corpo agradecia a energia para manter-se com força a fim de continuar o seu objetivo.

Depois de alimentado e de ter amansado a sede com um restinho de água da garrafa que trouxera da viagem, ajeitou-se no local que mesmo público e sem conforto acolhedor, pôde se acomodar para, pelo menos, descansar um pouco para no dia seguinte dar início, de fato, aos passos nos degraus de seu propósito.

Os primeiros raios de sol, incrivelmente, começaram a surgir no cenário gris londrino. Então, quando Santiago acordou, com um pequeno brilho iluminando seu rosto, sem dúvida, sentiu que a nova etapa poderia, sim, ser muito feliz. Preparou-se como pôde e logo, o jovem que viera da América do Sul, pegou a direção de onde se precisava.

Santiago caminhava com a confiança da realização da iminente primeira conquista; como ainda é um plano material, faz-se necessária a energia do dinheiro, e o trabalho honesto é o meio mais seguro e confiável para a aquisição desse recurso.

E os seus passos levaram-no para o endereço do estabelecimento registrado no anúncio. O rapaz, com sua pequena maleta, olhou, procurou por alguém, entrou alguns passos e, sem demora, um homem, muito bem vestido veio ao seu encontro.

– Bom dia, em que posso ajudá-lo? – o homem perguntou com um olhar bastante simpático.

– Bom dia, senhor! Estou aqui por causa da vaga para ajudante de mecânico, ou melhor, para trabalhar em que precisar na oficina – o rapaz respondeu acanhado e misturando o pouco Inglês que sabia com o seu Espanhol, nativo.

– Você tem alguma experiência?

– Não, senhor, mas preciso muito trabalhar e também de um local para dormir.

– Pelo sotaque, vejo que não é inglês.

– O senhor está certo. Sou do Chile e meu nome é Santiago.

– Então, você é a capital do país? – o homem falou em tom leve de brincadeira.

Santiago sorriu.

– Quantos anos você tem? – o homem quis saber.

– Tenho vinte anos, senhor! – respondeu o jovem.

– De início, não é um salário muito bom, mas poderá se manter. E penso que precisará aprender melhor o idioma para se comunicar e compreender.

– Sim, senhor! Quero muito aprender – respondeu o rapaz.

– Pois bem, seja bem-vindo ao país e ao seu novo trabalho. Se quiser... já está contratado – o homem, sucintamente, falou.

– Quero, quero, sim. Muito, muito obrigado!

Apertaram-se as mãos.

– Desculpe-me, por favor, como é o seu nome, senhor?

– Ah, sim. Meu nome é Juan García.

Santiago admirou-se:

– O senhor é...

– Sim, também sou chileno – falou interrompendo.

– Quanta coincidência! – o jovem estava muito surpreso.

– Coincidência não existe, rapaz. Há sempre um fio que liga os acontecimentos da vida, as pessoas pelas quais

passaremos e as quais passarão por nós. Venha, vou lhe mostrar o seu quarto – o homem convidou.

Santiago seguiu Juan. Durante o percurso, o dono da oficina apresentou-lhe alguns funcionários e mecânicos e também o levou para conhecer o local onde ficavam os carros para o conserto. Era uma grande área total.

Finalmente, o rapaz chegou ao quarto no qual poderia guardar sua maleta com tão poucas roupas.

– Este será seu dormitório enquanto trabalhar na oficina. É individual.

– Gostei muito, senhor. É quase do tamanho de minha casa, no Chile, na qual moravam cinco pessoas, agora, quatro – Santiago, feliz, estava. – Senhor, com profundo sentimento, agradeço-lhe. Farei todo o trabalho com muita disciplina e capricho. Muito obrigado, senhor – o rapaz curvou-se e abaixou um pouco a cabeça demonstrando seu respeito e reconhecimento pela oportunidade.

– Tudo bem! Tudo bem! Receberei sua gratidão com um bom trabalho realizado. Vamos! Vamos! Tome um banho, troque-se de roupa e vá para o refeitório tomar o café da manhã. Após a refeição, passe no meu escritório para regularizar os documentos e, em seguida, começará a aprender o ofício. Procure pelo senhor Dimitrius.

Os jovens olhos, atentamente, compreenderam a ordenação. Outra vez agradeceram.

O senhor Juan, atropelando sua emoção, deixou logo o jovem e voltou ao trabalho.

Durante o trajeto até o escritório, o homem estava conturbado; seus pensamentos estavam confusos, recebiam informações incoerentes e as imagens lançadas poderiam ser reveladoras ou, simplesmente, algumas situações com equívocos próprios da mente.

Quando Juan chegou à sua sala, pegou um copo d'água com a crente promessa de se acalmar e voltar ao normal, ou melhor, à forma mais estável e serena cotidiana. No entanto, a vida é a própria arte e não há como fugir do espetáculo.

Santiago, em trinta minutos, havia tomado banho e estava no refeitório para tomar o café da manhã. Um pouco tímido, aproximou-se do balcão no qual lhe ofereceriam a bandeja com pão, leite, café e uma fruta. Recebeu o desjejum e foi sentar-se para a refeição.

Carregando a bandeja, não acreditava que já havia conseguido emprego e lugar para ficar. Sentia-se tão feliz, pois em breve poderia enviar algum dinheiro para a família.

Comeria tudo o que lhe fora servido. Então, devolveu a bandeja no balcão e agradeceu à senhora que o servira.

Com passos mais rápidos, foi procurar pelo senhor Dimitrius, quem lhe ensinaria o trabalho.

Encantou-se com o local. Perguntando pelo senhor, logo o encontrou.

– Bom dia, senhor! Sou Santiago.

– Bom dia, meu rapaz. Sou Dimitrius. Seja bem-vindo e venha que você começará a aprender o ofício.

O senhor, para ajudar, também entendia o Espanhol e o Inglês básico do rapaz.

O jovem acompanhou o senhor.

Do primeiro andar, o senhor Juan García tinha a visão completa da oficina que era especializada na parte elétrica de automóveis. O dono podia ver, mas não era visto pelo vidro, havia um insulfilme espelhado, impedindo a visão interna.

O dono da oficina tinha um filho, Estevan, com dezenove anos. O jovem observou, silencioso, todo o desencadeamento e a contratação de Santiago. Como conhecia seu pai, percebeu que ele estava, de certa forma, inquieto por algo relacionado ao rapaz chileno. Estevan também reparou que o pai estava em pé e observava, pelo vidro, alguma coisa na parte da oficina.

Sem comentar, o curioso filho levantou-se e buscou a mesma direção do olhar paterno. O único alvo para o ângulo era a figura do jovem Santiago que aprendia o novo trabalho.

– O que tanto interessa ao senhor? Nunca o vi observar por mais de dez segundos sequer... e já dura quase dois minutos sua observação com um certo interesse... parece-me – o filho, incomodado, questionou o pai.

– Não... somente observo se o novo rapaz está interessado realmente pelo trabalho, apenas isso – o pai respondeu um pouco desconsertado.

– Isso é estranho, pois nem sequer vira os novos contratados... mal sabia o nome – insistiu o filho.

– Por favor, Estevan, chega de falar! – o pai pediu rispidamente.

O filho saiu e bateu a porta do escritório. O pai fechou os olhos com a batida, mas logo os abriu e buscou, mais uma vez, a figura de Santiago que, ao mesmo tempo, o incomodava e lhe trazia tanta alegria.

Os dias se passavam.

Dimitrius ensinava todo o trabalho para o rapaz chileno que aprendia com maestria e muito capricho.

Sempre havia os olhos de Estevan cuidando dos passos do novo funcionário. E a perseguição passou a se transformar em ciúme doentio, rivalidade exacerbada, descontrole emocional.

E Santiago não possuía nenhum sentimento negativo, muito menos pelo filho do patrão; na verdade, quase nem o via, quase nem o conhecia. No entanto, a cada dia, Estevan sentia maior o sentimento negativo e começou a criar formas de pôr fim a essa situação.

Algo incomum foi Juan García querer conhecer mais o jovem chileno. Então, para não se aproximar tanto do rapaz, passou a perguntar a Dimitrius como o jovem era, como era o seu comportamento. E o responsável pelo

trabalho o elogiava com os mais significativos atributos. A cada descoberta, Juan passava a gostar mais do jovem estrangeiro.

Passou a se enxergar em Santiago quando tinha essa mesma idade em sua juventude.

Estevan, após quase um ano de sofrimento, pelo ciúme e inveja do jovem estrangeiro, que era pobre e sozinho, sugeriu ao pai que o demitisse.

– E qual seria o motivo? – perguntou Juan.

– O motivo é que não faz um bom trabalho e ainda não sabe se comunicar – o filho respondeu com frases incoerentes para quem conhecia o jovem estrangeiro.

– Que mais? – o pai perguntou, rude.

– E não é o suficiente? – o filho respondeu com outra pergunta. – Pai, diga-me, por que o senhor o admira tanto e lhe tem todo esse carinho? E por que nunca me admirou e nem demonstra afeto por mim? – o filho questionou com sentimentos em desequilíbrio.

Juan García, no escritório onde estavam, sentiu-se tão perturbado perante as palavras e o estado do filho.

– Estevan, meu filho, não sei aonde quer chegar! – simplesmente o pai falou. – O que lhe falta? Tem tudo – o pai respondeu também alterado.

– Não tenho, não! O senhor só se refere a coisas materiais... Por Santiago, sente um carinho que nunca teve por mim. Por que para ele, enquanto eu sou o seu filho? – o rapaz gritou e saiu do escritório batendo a porta.

Juan García permaneceu no lugar. Seu estado emocional também era perturbador.

Nenhum funcionário percebera; os dois se desentenderam a portas fechadas. E por ordem de Dimitrius, Santiago foi levar uma nota de serviço ao patrão. Dificilmente Santiago subia ao escritório; raras foram as vezes. No entanto, naquele momento acontecera.

Com vergonha e receio, o rapaz chegou à sala. Bateu silenciosamente à porta, recebeu uma voz de autorização para entrar.

Quando os olhos do homem perceberam o rapaz, foi como fazer descer uma cortina de agradável imagem à sua frente. Tudo se apaziguou.

– Senhor, Dimitrius pediu para trazer-lhe esta nota de serviço – o rapaz, em tom baixo, falou.

– Sim, Santiago. Entre, por favor!

O jovem encostou, cuidadosamente, a porta e se aproximou do patrão com o documento, entregando-lhe.

Juan García pegou o papel, mas logo pediu:

– Por favor, sente-se, gostaria de conversar um pouco.

Santiago, com muita timidez, se sentou ocupando apenas parte da dianteira do assento da cadeira demonstrando desconforto pela situação, pois muito simples e humilde era o rapaz.

– Você está contente aqui, meu jovem? – perguntou.

– Sim, senhor. Estou muito – ponderava o que era necessário.

– Não sei muito sobre você, sobre sua família. Como era a sua vida no Chile? – perguntou, interessado.

– Senhor, vivia uma vida com muita privação... minha família ainda vive assim – o rapaz respondeu.

– Conte-me um pouco sobre você – pediu o patrão.

– O senhor quer saber, mesmo? – insistiu pela insegurança de falar de fato.

– Por favor, sobre sua família também.

O rapaz observou-o desacreditando que estivesse interessado em sua história, mas, assim, começou:

– Minha família é muito pobre. Bem, a história começa por minha mãe que foi abandonada há quase vinte anos por um homem, quando soube que ela estava grávida; portanto, não conheço meu pai de verdade, mas Lorenzo me criou como seu próprio filho, tornando-se meu pai do coração e eu, seu filho do peito; ele sempre cuidou muito bem de minha mãe. Quando eles se casaram, eu estava com dois anos, mas minha mãe me contou que nos dois anos antes de conhecê-lo, muita fome passamos. Não havia ninguém para nos ajudar e meus avós maternos não aceitaram minha mãe, grávida e solteira – o rapaz, com calma, contava. – O senhor quer que eu continue? – perguntou com receio.

– Por favor, Santiago! – o senhor pediu.

– Depois do casamento, nasceram os meus dois irmãos, Azucena e o caçula Paco; cada vez mais nos sentíamos uma família, mas a dificuldade financeira aumentou, até que

minha mãe adoeceu recentemente e por falta de trabalho, decidi buscar uma nova oportunidade de emprego para ajudar minha família.

A cada palavra, Juan García se sentia mais interessado e, ao mesmo tempo, tão incomodado com os fatos revelados.

– E quando cheguei aqui e encontrei este trabalho, tanto agradeci a Deus e ainda, com lugar para dormir, pois economizaria e enviaria mais dinheiro ao tratamento de minha mãe querida – Santiago completou.

Fez-se um silêncio. Olhos se olharam.

O semblante do rapaz era tão bom, mesmo com tantas situações aflitivas já vividas.

– Desculpe-me, senhor Juan – o rapaz se sentiu constrangido pelo silêncio do interlocutor.

– Santiago, por favor, qual era o nome de sua mãe? Se quiser responder – pediu o homem.

– Posso, sim, senhor. Minha mãe se chama María Dolores.

Quando Juan ouviu esse nome, seus olhos se dispersaram no horizonte em busca de suas memórias. Estático, completamente, estático, ele ficou.

– O senhor está bem? – Santiago perguntou, assustado, com a fisionomia pálida de Juan.

Ele demorou a responder e quando voltou para aquele momento, lançou outra pergunta:

– Por favor... e qual é o sobrenome?

– De minha mãe?

– Sim...

– Sosa. María Dolores Sosa – falou o nome completo.

Juan largou o corpo no encosto da cadeira para não se perder no chão.

– O senhor está bem? – Santiago, rapidamente, se aproximou. – Vou pegar um copo d’água.

Naquele momento o jovem serviu o senhor.

Como um quebra-cabeça, o homem juntava algumas informações e intensamente simpatizava com o rapaz. O rosto de uma jovem mulher ficava rondando a mente de Juan com exagerada insistência. Atos do passado investiam contra o momento presente.

Quando um pouco de equilíbrio estava prestes a aparecer, a porta bruscamente se abriu e Estevan presenciou a pior cena para o seu ciúme exagerado: Santiago, com uma das mãos no ombro de Juan e com a outra oferecia-lhe um copo d’água, com o cuidado tão próximo.

Naquele instante, todo sentimento denso e negativo do filho foi lançado ao pai e ao jovem chileno. Palavras depreciativas, esbravejadas e infelizes foram lançadas e direcionadas tão ferozmente.

Minutos perduraram horas angustiantes. Por fim, três almas feridas dividiam o mesmo ambiente.

Estevan, então, desnortado, saiu do escritório; sem entender nada, Santiago pediu para se retirar; Juan García,

com incontáveis pensamentos confusos, procurou a ficha do jovem rapaz para conferir o seu nome completo e, principalmente, se certificar do nome do genitor.

Com as mãos trêmulas, procurava sem encontrar a ficha desejada; o nervosismo sempre cega os olhos da razão, o que tão claro e próximo está.

Desorganizou todos os ordenados documentos e, finalmente, os olhos lacrimejados identificaram o nome do rapaz e conferiu: Santiago Sosa Hernandez.

Como se o homem despencasse num abismo em sua consciência e soltasse o desassossegado monstro que tanto o ameaçara e o ferira durante duas décadas e um pouquinho mais.

Veio como uma espada em brasa também a lembrança de seu sobrenome que há muito não usava: Juan García Hernandez. Seu peito sentiu-se diminuir querendo deixar de existir, fugir para um lugar onde, neste momento, não haveria, pois à sua consciência pertence tanto o momento favorável quanto o desesperador.

Reviveu com forte emoção a ocorrência do passado que não o deixara até esse dia. Lutou a cada amanhecer contra sua consciência implacável que o acusava incessantemente, carregava o seu próprio juiz.

Lembrou-se do primeiro sorriso de María Dolores, em sua companhia e, na mesma hora, ouviu mais uma vez o choro da mulher quando lhe contara que esperava um filho seu. Juan não quis tamanho compromisso e despejou a

mulher grávida na ladeira do desgosto e da infelicidade. Desde esse ato, ele não mais encontrou o brilho do sol, nem o colorido das flores, muito menos, os segundos de paz, nem mais uma noite de verdadeiro descanso e refazimento. Sua vida se compunha de antes e depois da arbitrária decisão cometida.

Então, o homem buscou novos ares em terras estrangeiras, imaginou que longe da situação, do local e da pessoa, pudesse recomeçar como se nada houvesse... mas não se foge do que lhe pertence; aonde quer que se vá também vão as dores e os amores que se hajam conquistado.

Conheceu nova mulher e logo constituiu família tentando a paz, mas garantindo apenas uma grande decepção permitida pela ilusão criada por ele.

Quantas noites, já com a nova etapa em outro país, ficou em claro sem poder dormir, sem a tranquilidade que restaura o corpo e a alma, eterno espírito.

E o outro filho nascera no núcleo atual, mas Juan não era capaz de se alegrar com a nova criatura sabendo que havia outra talvez passando por tanto sofrimento, necessidade primária e até mesmo de toda sorte.

Com as estações que se passavam, Juan não conseguia cultivar amor pelo filho do convívio, pois sempre sofria com a comparação de um que podia ter tudo o que precisava e de outro que nem ao menos sabia se fora capaz de

sobreviver e, se assim fosse, quantas necessidades e desgostos, podia ele ter passado.

O homem começou a repelir o filho; não havia carinho, amor. O tratamento era somente de um pai provedor das questões materiais.

E assim, Juan deixou de cumprir sua obrigação diante dos comprometimentos acordados no plano imaterial, tanto com um filho quanto com outro; espíritos compromissados para retificação e posterior progresso. Entretanto, ainda pela imperfeição de espíritos perfectíveis, o sofrimento ocupava a maior parte das emoções.

Estevan cresceu com a ausência do pai presente; Santiago, com um pai que lhe renegara num impulso impensado, mas com a bondade do Alto recebera um pai que o amara tanto e lhe proporcionou ensinamentos sobre moral e os bons sentimentos.

Um pai e dois filhos. Cada um com seu segredo, com o seu desejo de conviver. O pai que se cobrava pela irresponsabilidade; o filho mais velho desejoso de conhecer e compreender o motivo do abandono; o filho mais novo insistindo pelo amor paterno sob o mesmo teto, mas não um lar.

Com a emoção dando início ao equilíbrio, Juan García estava novamente junto de seu corpo, retornara da imensa viagem em sua memória, lembranças tão presentes e atormentadoras pelos atos, pelo tempo.

Olhou para o Alto como uma alma que roga a Deus, força, discernimento, amparo. Naquele dia, mais nenhuma emoção seu coração suportaria.

A noite veio e muitas questões difíceis se resolvem durante o sono dos aflitos, com amparo dos bons amigos.

Pela manhã, o homem pediu, no escritório, a presença de seu filho Estevan e também a do jovem Santiago.

Os dois jovens atenderam ao pedido e estavam presentes.

No começo da conversa, os olhos se incomodavam uns com os outros e fugiam rapidamente de suas indagações. No entanto, as resoluções também são imprescindíveis e sempre ocorrem.

E este era um dos momentos no qual se encerra um tempo para um novo caminho.

– Chamei-os a fim de elucidar um acontecimento, por uma ação inadequada, irracional, o profundo equívoco e desencontro.

Durante o esclarecimento, as lágrimas rancorosas e ciumentas de Estevan passaram a se transformar em compadecidas lágrimas e amorosamente fraternais, pois ainda aqui, em grau de parentesco, eram, sim, irmãos em busca de um horizonte com paz.

As lágrimas mais doces e amparadoras de Santiago abraçaram o pai tão desejado e embalaram com amor o choro carente do irmão.

Palavras apropriadas foram intuídas pelo amparo rogado com tanto amor e piedade. Enquanto Juan García expunha todo o ocorrido era-lhe ministrada energia calmante e refazedora do Alto, de mãos amigas e bondosas; dois amigos espirituais rodeando os três também amparavam e protegiam a ocasião.

Os jovens ouviam não mais a dor, mas um sentimento maior de amor e perdão fortalecidos pela compreensão.

E naquele momento, o pai e os dois filhos de hoje se ouviam e começaram, pela primeira vez em tantas oportunidades falidas, um entendimento de que somente com amor sustentado pelo perdão é que poderiam encontrar a paz tão necessária para a trilha da vida, caminho da libertação.

Estevan olhou o pai com olhar de um menino puro, simples, carente do carinho paterno que, agora, sim, começou a receber e como se redescobriu sendo irmão.

Santiago, com o contentamento pleno da alma, admirava estar ao lado do pai e mais ainda se felicitou em observar no olhar do recém-irmão a força a mais para uma grande caminhada que teriam pela frente, os três.

Aquela quinta-feira recebeu o brilho do sol. O pai, com seus dois meninos, abraçou-os, beijou-os; seu coração depois de, aproximadamente, vinte anos passou a compassar na harmonia que só a bondade, a paz e o amor promovidos pelo perdão são capazes de sintonizar o perfeito compasso para o sopro da vida.

De repente a chuva vem e anima a vida

Algo começou a descer do alto morro descampado... e bem rápido. Eram o menino e o seu cão.

Josué, naquele mês, faria nove anos e seu cãozinho, fiel companheiro, dois; fora presente de aniversário. Nessa data, há dois anos, o menino chorava de imensa alegria e o animalzinho... “do que seria de mim”.

Na verdade, criou-se um laço maravilhoso de amor e cumplicidade. O cãozinho só se separava do menino quando este estava na escola. E do momento que Josué ia para a escola rural, perto do sítio onde morava, o animalzinho, Sol era seu nome, de pelagem curta, deitava-se no tapete da varanda da frente da casa, de onde tinha toda a vista da estrada e não arredava as patinhas enquanto Josué não chegasse.

E os dois em segundos desceram o morro e estavam próximos do terreno mais plano que os levaria ao quintal da casa. Os dois ainda curtiam as férias. Brincavam de folguedos variados, pareciam dois meninos.

Com todas as gracinhas, girando com os braços abertos e o Sol atrás, foram se distanciando do quintal da casa e se aproximaram rapidamente de uma pequena gruta com nascente de água que a mãe de Josué, todos os dias pela manhã, permanecia alguns minutos em prece. Era um lugar

pequenino e acolhedor. Quando os avós do menino compraram o sítio, essa gruta já existia.

E os dois, um pouco tontos de tanto rodarem, caíram para descansar bem pertinho desse local. Sol parecia dar gargalhadas tal qual Josué; era muito amor e companheirismo.

Quando foram se acalmando e o silêncio começou a estar entre os dois, puderam ouvir um choro fino. O menino se levantou e procurou atentar-se ao som.

– Fique quietinho, Sol.

O cão imediatamente engoliu sua euforia e ergueu as orelhas, pois também estava ouvindo. Olharam para um lado, depois para outro, nada visível por enquanto. O choro cessou. Novamente iniciou.

Josué estava em pé; Sol, também. Com muita atenção seguiram o som.

– Vem da gruta – o menino falou para o cãozinho que compreendia perfeitamente.

Acompanharam o choro e logo estavam à entrada da gruta.

Por ser um local mais escuro, não foi possível, de imediato, ver onde o pequeno chorãozinho estava, ainda mais identificar o que seria; poderia ser um gatinho, cãozinho... até um bebê.

Sol, com suas orelhas erguidas e muito cuidado, pois o desconhecido gera uma certa apreensão... um medinho, cheirava incessantemente para descobrir o que poderia ser.

Josué, ansioso, queria logo saber o que era. Bem àquela hora, começou uma forte chuva, o que colaborou para o suspense e mais escuro ficou.

Um pouco tateando e se guiando pelo som do choro, Josué, finalmente, tocara algo que se mexeu. De susto, recolheu a mão.

– Sol, toquei alguma coisa.

O cão, como se compreendesse, latiu.

– Meu Deus, o que será? – o menino perguntou, um pouco nervoso. – Preciso ter coragem. Senhor Deus, ajude-me!

Assim que o menino pediu ajuda, uma leve luz se fez presente iluminando o local. Ele viu o cãozinho ao seu lado, viu uma imagem esculpida do rosto de Jesus que sempre esteve na gruta e encontrou de relance uma caixa com algo embrulhado que agora, estava um pouco mais calmo; o choro estava menos nervoso e estridente.

– Olhe, Sol. Aqui tem uma caixinha... tem alguma coisa chorando e se mexendo.

O cão olhava como se quisesse averiguar o que era e por que estava lá.

Josué se aproximou e com receio do que pudesse ser, com muito cuidado, pegou a pontinha do pano que o envolvera a fim de retirar e ver. Devagar, puxou e conseguiu tirar o pano e...

– Ai, meu Deus! O que é isso?

Tanto o menino quanto o seu cãozinho afastaram-se de súbito. E a chuva continuava um pouco mais mansa, quase parando.

Os dois respiraram fundo e o menino precisava saber o que era. Aproximou-se, mas com muito medo, pois o momento e o local eram propícios à surpresa emoção. Aproximou-se mais um pouquinho até chegar bem perto da caixa e poder ter a certeza do que era. A chuva havia parado e um feixe de luz iluminou o interior da gruta.

Sim. Os olhos de Josué se iluminaram quando encontraram os dois olhinhos. Sol também veio ver.

– É um bebê... – o menino, encantado, falou.

Sol abanou o rabo, ficara feliz, queria cheirar o pequeno bebê que sorria e se mexia mais aliviado, “ainda bem, fui encontrado”.

Um pouco desajeitado, Josué pegou o pequeno, embrulhou-o no pano que estava na caixa e com seu amigo Sol seguiram para casa.

– Vou levá-lo para a mamãe... ela cuidará de você – Josué falou e o pequeno o ouvia.

Os três seguiram para casa. Na gruta, dois protetores ainda se encontravam e outros dois acompanhavam as duas crianças e o animalzinho.

Por razões maiores e desconhecidas, o bebê foi para o lar onde deveria crescer, viver com outros espíritos encarnados que lhe propiciariam a formação em um dos

maiores educadores do século XXI; seria conhecido como o restaurador amoroso das almas juvenis.

Tudo tem o seu tempo, o seu lugar, os espíritos envolvidos, os seus propósitos, os acontecimentos e sua duração, ou seja, sempre haverá um motivo para algo se cumprir. O mais importante na vida é poder realizar da melhor maneira os projetos da caminhada. Dificilmente se saberá de forma prévia, no entanto, com amor, todos os objetivos se encaminharão para o seu propósito, desenvolvimento e realização.

As histórias tiveram começo e se perpetuam pelo tempo

Normalmente os dias eram úmidos e frios e o período noturno ainda menos aconchegante.

Se pudesse sair, correr pelos campos, realizar alguma atividade fora do castelo... mas a sua clausura, segundo o pai, era necessária e seria para aquisição dos bons costumes, do conhecimento incomparável, da imagem social vangloriada.

No entanto, Yeva era uma jovem de seus breves treze anos, logo completaria mais um ano de vida... que não podia viver, que não podia sentir ao menos o vento em sua face, pois a paisagem de uma natureza desmedida de tão maravilhosa só lhe era permitida a fria observação pelo imóvel vidro da janela de seu quarto. E quanto ficava a admirar, a sonhar com uma realidade mais feliz e ter o que a alma tanto anseia: liberdade.

Professores diversos iam até o castelo para lhe ministrarem aulas de idiomas, música, canto lírico, Ciências, História. Número exacerbado de atividades sem que houvesse o brilho da alegria nos olhos, dádiva que não se compra com dinheiro, nem com posição social.

Suas roupas, impecáveis; sua comida servida nos minutos exatos; seus pertences munidos das marcas mais famosas e caras, europeias, e o seu coração tão infeliz

naquele cenário. Yeva desejava simplesmente a leveza do dia, a ida e a vinda para o jardim e o campo harmonioso.

A menina, como balsamizante, tinha a companhia, no entanto, nem sempre, da filha da cozinheira da família. A jovem era dois anos mais velha que Yeva. Ah, mas aquela jovem possuía a luz da vida... a energia da felicidade soprando livremente em seus dias. Kyria era o nome da filha da cozinheira.

Há sempre pessoas que amenizam a jornada mais sofrida e fazem vislumbrar as flores coloridas à beira do caminho. E Kyria era o afago para a alma de Yeva. Semanas inteiras se passavam sem que o pai lhe desse uma palavra, nem pensar, um carinho. A mãe, submissa ao esposo e demasiada interessada nos bens financeiros, olhos não possuíam para perceber a sua menina tão solitária e triste. Ter tantos bens e não ser afortunado, pois a alma precisa do tesouro adequado para sorrir e se fortalecer.

O horizonte mais e mais lhe apresentava o sonho de ser livre. Mesmo sem felicidade, Yeva proferia palavras doces como jasmims, tinha nos gestos a ternura e a bondade.

E Yeva amanheceu para mais um, possivelmente, morno dia de emoção e ainda frio do inverno rigoroso e permanente.

A jovem recebeu o professor de Francês e foi a exímia aluna de sempre. Teve o momento para o almoço e o descanso de poucos minutos. Retornou às atividades vespertinas do dia em questão.

O ponteiro do relógio de parede marcava cinco horas de uma sexta-feira. Não teria mais os professores por aquele dia, pois esse compromisso era até o horário conferido. Então, voltou ao seu quarto e, antes de ir para o banho, puxou uma pequena cadeira de leitura e a posicionou em frente à janela. Àquele momento já era quase noite e buscou o horizonte mais longínquo que seus olhos, assim, desvalidos da alegria de sua juventude, pudessem alcançar.

Sem medida de tempo, os minutos se passaram porque o andamento é ininterrupto; porém, para a menina Yeva, foi exatamente o sentimento interior aguçado que somente sentiu vivo.

Ela chegou a suspirar buscando o ar que sua tristeza lhe tirara.

Olhou para os lençóis e verificou o comprimento, analisou a altura da sacada de seu aposento. Em sua mente, criou todas as etapas com sofisticação para a resolução do próprio atentado. E quando imaginou a cena final... de uma jovem pendurada já sem vida e impossibilitada de nem ao menos ver a paisagem pela janela, seus olhos se encheram das lágrimas mais sentidas que um dia a menina pôde viver; neste momento ela compreendeu.

Seu coração disparou descompassadamente; seu corpo sofreu o tremor mais real que seus órgãos podiam suportar.

A menina acordou do sonho que até o presente dia sofrera. Ela tomou consciência, na fração que a luz se acende, do sentido do bem precioso: a vida. Seu coração se inundou com a saudade e a alegria de tudo o que pôde viver; o passado já é um tempo inacessível, mas o presente é regalo para a alma e o futuro... ah, quão maravilhoso pode ser.

O despertar trouxe leveza verdadeira para a sua alma, também ternura real para amar, principalmente, compreender. E bem no instante no qual a menina elevou seu pensamento em prece, mesmo com todo transtorno, a energia de amor foi operante e Yeva foi envolta numa luz tão calma, tão viva... bondosa... de renovação.

Dos olhos ainda escorriam as lágrimas em excesso geradas, agora, pelo ato da gratidão de ainda a tempo ter a oportunidade de percorrer, com amor, a sua jornada.

Entregou-se à sua cadeira e tão humildemente enxugava a face banhada nas lágrimas mais felizes de sua juventude. Reconheceu quanto pode fazer por si e pelos outros, pois um dia crescerá e alçará o seu voo para a liberdade.

Assimilou que todo aprendizado é oportunidade semeada para o próprio amparo e também para o de seus companheiros.

Enquanto a menina se refazia do turbilhão vivido, havia ao seu lado dois amigos de longa data amparando-a com a prece e a vibração tão benéficas. Sabe-se que a oração de

verdade transcende e torna-se lenitivo ao doador e ao seu recebedor.

Mas a menina não os podia muito sentir, pois ainda o seu desequilíbrio deixava-a em vibração inferior àquela em que eles se encontravam. No entanto, compassadamente, seu corpo se recuperou e sua alma estava feliz pelo afloramento da compreensão alcançada no momento decorrido.

Yeva agora olhava a paisagem e seus olhos sorriam com a plenitude do entendimento; dali adiante, os raios de sol seriam dourados e a imensidão do céu, a proteção constante.

Kyria bateu à porta e avisou que o jantar seria servido.

– Sim, obrigada. Já irei – a menina respondeu.

Apressou-se com o banho, mas seu pensamento se regozijava. Enfim, estava pronta para a refeição, para a nova vida.

Sentou-se sozinha à mesa, pois seus pais realizavam atividades supostamente mais importantes. E com a gratidão encontrada, participou do banquete servido: comida e compreensão.

Estava sozinha para tanta fartura.

– Kyria, sente-se e faça a refeição comigo, minha amiga – a menina pediu.

– Não posso, senhorita Yeva – a jovem respondeu um pouco desconcertada.

– Por favor, minha amiga! Compartilhe comigo!

Kyria olhou nos olhos da menina e foram alguns segundos para se decidir.

– Sim, então me sento e compartilho.

E as jovens comeram em paz e com a felicidade de reencontrarem a vida verdadeira.

E Kyria, sentada com a menina Yeva, mais uma vez, sentiu pulsante alegria, sem a noção da última existência, na qual tanto zelou por esta sua irmã menor favorecendo o impedimento de também realizar o que hoje, por si própria, soube resistir.

Yeva compreendeu que um ato impróprio não seria a solução para a vivência atual, ou melhor, abarcaria situações muito piores e sofredoras.

As experiências adquiridas geram o conhecimento protetor. Todos são viajores pela senda da evolução. Se hoje o passo ainda não caminha reto para a felicidade, certamente, no futuro ele caminhará apoiado nos bons sentimentos, pensamentos, palavras edificantes e na conduta do bem.

E Kyria e Yeva terminaram o jantar, comeram a sobremesa com calda de chocolate e passaram longos minutos a se contemplarem com o brilho fraterno já conquistado tempos atrás.

Mais uma tarde

Naquela quinta-feira, os dois jovens amigos haviam combinado um encontro às quatro da tarde. Era só mais um de tantos já ocorridos.

Não tinham mais que doze anos e, portanto, quase a mesma idade; gostavam de muitas coisas em comum. Eram meninos simples, conheciam as mais singelas ramificações da vida, ou seja, as melhores.

Estavam na praça da pequena cidade; sempre conversavam muito, riam e brincavam, principalmente, de bola. E o tempo andava a passo lento naquele lugarejo, mas não para os folguedos.

Como o inverno quase se iniciava, o vento, naquela tarde, passou a ser mais gelado e forte.

Seis horas. O sino bateu. Concordaram que era hora de retornar. Um deles chegava mais rápido, visto que a casa era mais central; o outro deveria morar mais distante, pois se despedia do amigo e seguia adiante com seus passos. Então, seguiu.

Já em casa – o da região central – o pai lhe perguntou:

– Tudo bem, filho?

– Sim, pai – respondeu naturalmente.

Quando o menino se preparava para ir tomar banho, o pai ainda questionou:

– E os amigos? Por que não brinca com seus amigos?

– Meus amigos? Eu sempre estou com um deles, do qual gosto muito – lançou a explicação.

– Voltando para casa, hoje, vi que brincava, sozinho, de bola na praça – o pai constatou.

– Não, estava com meu amigo – respondeu o garoto.

– Filho, fiquei te olhando durante um tempo. Você estava sozinho... sempre brinca sozinho. Por quê? Qual é o seu problema, menino? – questionou o pai.

– Pai, ele estava lá comigo. Muitas tardes, passamos juntos nos divertindo e buscando respostas para tantos porquês – com honestidade, ele falou.

– Não estava. Não havia ninguém... sempre está sozinho e as pessoas dão risada de você – o pai, impaciente, elevou a voz.

O filho, incompreendido, pediu licença e foi para o banho.

Sentado, o pai ficou ali nervoso e afastado do seu menino.

Mundos que se encontram. Frequências existentes em todos os cantos.

É, simplesmente, a vida.

Nem o Sol poderia viver pela Lua

“Deve ser sempre o nosso passo a nos guiar para o caminho escolhido. Às vezes, podemos demorar mais ou menos; no entanto, o importante é termos liberdade e decisão. E que cada escolha possa ser feita pela nossa vontade, com a certeza de que estaremos sempre amparados para o caminho do bem, a fim de conquistarmos o progresso e a luz de nossa vida.” (Cíntia Cortegoso)

Um rapaz bastante jovem estava sentado num banco antigo de uma das praças de Lyon, França. Não era mais comum uma cena assim nos tempos atuais, devido ao dinamismo das ações; pois bem, mas ele estava.

Seu semblante não era convidativo nem mesmo para cumprimentá-lo, quem dera para algumas palavras frente à iniciação de uma conversa, como pretendia o senhor aposentado que observava o rapaz no banco do lado oposto.

Os gestos com a cabeça demonstravam inconformismo e contrariedade do jovem perante algum acontecimento em questão. E as miúdas flores amarelas ao lado do banco se balançavam com o vento calmo que soprava na tarde.

Sabe-se que a experiência na vida torna real muitas possibilidades existentes. Quando se é mais jovem, certas coisas parecem complicadas, mais embaraçosas para a realização ou mudança de caminho. O que antes traria vergonha ou imobilidade de ação, com a maturidade, de uma forma geral, quase tudo se torna realizável.

E foi dessa maneira, com a crença de que é possível, que o senhor do banco oposto se transferiu para onde o jovem estava.

Mediante a atitude de um desconhecido em se aproximar, o rapaz recolheu-se um pouco distanciando-se pelo menos uns vinte centímetros do senhor. Sem dúvida, ele se incomodou mais que o experiente homem.

Olhou para o senhor como a perguntar-lhe o que estava fazendo; entretanto, preferiu saudá-lo:

– Boa tarde!

– Boa tarde, jovem!

– O senhor precisa de algo? – o rapaz perguntou.

– Não, só estou a receber o ar mais livre como faço todas as tardes deste outono fresco. E você... está bem? – o senhor se mostrou receptivo a escutá-lo.

Então, o jovem virou a cabeça e olhou bem profundamente para os olhos do senhor:

– Não o conheço... no entanto, agradeço-lhe a preocupação, se assim posso chamá-la – respondeu o jovem.

– Na minha idade, as preocupações da juventude passaram a ser o início de um crescimento – deu uma pausa. – Sabe, jovem, quando tinha os seus breves vinte anos, como a maioria dessa geração, passei grandes desafios também. O mundo deseja receber a nova criatura, entretanto, com grande expectativa de suas realizações.

E o jovem, extático e interessado, ouvia as palavras com sabedoria.

– O número atuante de nossas funções na vida se amplia, pois da restrita atuação de filho... irmão... neto... passamos a nos responsabilizar com o desempenho de aluno, futuro profissional; de competente realizador da atividade escolhida; de cônjuge; de mãe e pai; de membro de uma sociedade que, muitas vezes, cobra bem mais que apoia ou reconhece os nossos atributos. Mas... o fator preponderante é ser feliz com o que se tem e com o que se realiza profissional e humanamente – assim foram as palavras do senhor.

O jovem tentava assimilar tamanha informação. E como o tocou! Olhou para o céu, respirou fundo, deparou-se com a imensidão diante dos olhos, quão pequenino se sentiu e, ao mesmo tempo, enclausurado no sofrimento imposto por uma força, de certa forma, poderosa no momento.

– O senhor pode me ouvir um pouco? – perguntou com os olhos cheios de esperança.

– Como se fosse um filho meu! – respondeu com o carinho que um pai sempre deveria estar.

– Obrigado!

O silêncio foi mais alto neste instante. Na verdade, uma preparação para o desencadeamento.

– Desejo ser médico... – uma pausa. – Desejo ser médico, mas meu pai me exige o Direito, para continuar a tradição familiar – o rapaz começou a contar.

O senhor, muito atento, olhava para o jovem, dando a entender que se quisesse poderia continuar.

– E... ele sabe como pressionar-me a ponto até de pensar na desistência do meu objetivo... meu sonho – o jovem abaixou a cabeça sentindo-se um pouco fracassado antes mesmo da realização.

Então, o homem mais experiente suspirou e perguntou:

– O sonho é seu ou de seu pai?

Os jovens olhos se assustaram com a pergunta.

– É... o meu sonho – respondeu, gaguejando um pouco.

– Perfeito! Então, não há mais dilema – assim, com toda a facilidade, o senhor concluiu.

Extremamente sem entender, o rapaz olhou para o homem aguardando resposta.

– Isso mesmo. Não há mais problema algum a resolver – o senhor insistiu na resposta.

– Mas, meu senhor, como não há problema? – o jovem questionou, indignado, por seu sofrimento.

– Meu rapaz, a maior dificuldade na vida é descobrir o caminho. Quando se descobre, somente é preciso a energia desbravadora para conquistá-lo – o senhor respondeu com tranquilidade.

– E meu pai? E a tradição? E o que as pessoas pensarão? Talvez seja grande desacato! – em tom de incompreensão, o jovem questionou.

– Então me responda! Você ficará, todos os dias, somente em função de seu pai? Responda-me! – o senhor, com brandura, perguntou.

– Não... – o jovem começou a responder um pouco envergonhado.

– Você tem uma vida a viver ou apenas seu pai é quem tem?

– Não... eu... também tenho.

– Você se casará com a tradição e os dois serão felizes para sempre? – o senhor continuou.

– Não...

– As pessoas trarão a satisfação que você deseja?

– Não...

– Pois bem, meu rapaz, confraternize-se com a vida e seja feliz sendo o melhor que puder. A vida é presente divino. Não permita que outras pessoas desfaleçam os seus sonhos. Que cada passo “seu” busque o bem, o progresso, o amor. Todos nós temos uma vida que se propaga para a eternidade, mas a caminhada é individual, seus méritos serão conquistados por você e seus débitos também

aguardarão a sua quitação. Siga adiante, meu rapaz. Escreva sua história com passagens felizes e edificantes. Siga adiante! – o senhor concluiu.

O jovem olhou respeitosamente para o senhor. Quanta admiração!

– Meu rapaz, tenho de ir. A noite quer se apresentar e eu... não sou tão jovem quanto você para receber o vento mais fresco gotejado pelo sereno. Grande satisfação em conhecê-lo. Conquiste o seu horizonte e ele o fará feliz. Au revoir! – e assim o senhor se levantou e seguiu com seus passos calmos e experientes.

– Obrigado! Au revoir! – o rapaz, com um pouco de atraso, respondeu.

Algumas estrelas começaram a se apresentar e o jovem, ao percebê-las, olhou para o céu em agradecimento. Quando procurou o senhor, não mais estava presente, simplesmente assim.

A relva verde atravessa o tempo

Os pés subiam a íngreme montanha coberta por uma vegetação rala, devido à intempérie climática, e ainda verde, por insistência, com raminhos longos e finos. Sua mão de, aproximadamente, pouco mais de meio século se apoiava num cajado feito de galho de árvore forte e centenária. O seu corpo estava coberto por roupas que o protegiam do vento frio e constante, comum à região.

No entanto, naquela hora, uma tempestade quase varrerá o cenário, menos o que possuía raiz mais funda. O homem estava com a cabeça protegida com um gorro de pele de algum animal abatido para se tornar alimento e vestimenta.

Às vezes, ele parava para poupar um pouco de energia, porém, não demorava e, logo, com calma e persistência, continuava sua subida. O pé direito sempre repousava à frente.

Faltavam cerca de duas horas para as seis da tarde. Em decorrência do mau tempo, típico da época, a noite já era mais presente que o dia. Naquela data, um ou outro transeunte se atrevia a sair de sua casa adequada ao clima.

Exatamente, cinquenta minutos, foi a duração do percurso de seu último descanso até a casa no alto da colina aonde deveria chegar. Em ambiente assim, o corpo

humano despense alto nível de energia, no entanto, a alimentação mais rica em caloria repõe essa perda.

A essa hora o céu já era escuro por completo, de frio, de vento, de falta das luzes das casas que por perto não existiam. Mas uma tão singela e pequenina aguardava o homem que determinadamente alcançava sua porta de entrada.

Se não bastasse toda a dificuldade vencida, ele ainda carregava na outra mão, sem o cajado, um saco de estopa com alguns mantimentos, um tipo especial de remédio e uma garrafa de leite.

Com calma, como em todo o desenvolvimento do caminho, abriu a porta. Subiu a perna direita para ultrapassar uma tábua existente entre o lado de dentro e o de fora; talvez fosse uma maneira de evitar que a neve, em dias ainda piores, invadisse o interior da casa.

Encostou o cajado na parede e o saco de estopa colocou-o em cima da minúscula mesa quadrada que pegava o espaço na casa de um cômodo.

O homem suspirou mais fundo que de costume, olhou o local, observou a cama com outro corpo mais debilitado que o seu. Passou alguns segundos olhando o ser repousado no colchão de uma espécie de capim com algum preparo para não se perder em mofo.

E continuou a tirar os poucos mantimentos trazidos com a garrafa de leite. Os outros olhos pouco se abriram, mas seguiam os movimentos executados pelo senhor do

cajado. Este colocou cada coisa em seu devido lugar. Lavou a mão, despejando com a caneca a água morna de uma espécie de garrafa que mantinha essa temperatura.

Depois esperou escorrer as últimas gotas mais pesadas da mão, olhando, fixamente, para o plano da água que se encerrava na bacia esmaltada com várias lasquinhas tiradas. Secou as mãos na toalhinha pendurada próxima.

Pegou a garrafa de leite. Era preciso aquecê-lo um pouco e o fez enquanto passava um café fresco. Depois de ter colocado a mistura de café com leite em duas canecas de alumínio, pegou pão caseiro e cortou duas fatias com pelo menos três centímetros de largura cada.

Olhou pela janela e teve a certeza de que neve e frio seriam presentes nos dias vindouros. O homem soltou um sorriso pelo canto dos lábios, talvez por já conhecer a rotina do lugar.

Preparou a fatia de pão com mel puro e grosso extraído das abelhas do parque na época da primavera. Pegou a caneca com leite quente e café e foi em direção à cama com a pessoa quase imóvel.

Reservou a refeição em cima de um banquinho de madeira ao lado da cama. Acomodou melhor o outro corpo, amparou as costas e, pacientemente, deu-lhe a caneca na mão. Era o que conseguia. Os outros olhos agora sorriram.

Os dois homens compartilharam o momento e a comida. Já estavam alimentados.

Mais uma vez se entreolharam. Talvez neste átimo de tempo, poderiam vivenciar a mesma lembrança, no entanto, nenhum dos dois mencionara qualquer ideia retomada.

O senhor, então, recolheu as duas canecas. Alguns farelos de pão ficaram adormecidos na cama com outros dos dias anteriores. Sem muito se governar, o homem, debilitado, pendeu para o lado direito. Ficou alguns minutinhos assim até o outro perceber e endireitá-lo. Os olhos do acamado agradeciam-lhe e sentiam o mais puro arrependimento.

Era uma tarde ainda fria, havia exatamente um ano. O senhor morador da casa no alto da colina chegava depois de um duro dia de trabalho; saía de manhãzinha e só no final do dia retornava. Não tivera filhos e sua esposa, dois anos atrás, também numa tarde fria, havia sido enterrada.

Com um pouco de dificuldade pelo clima e pelo cansaço solitário, ele demorou alguns segundos a mais para abrir a porta de seu casebre. Esse foi o tempo necessário para um homem, nunca visto nas imediações, atacar o senhor e tentar roubá-lo levando o tão pouco que conseguira com o trabalho dos dias anteriores.

Quando há escassez, o pouco se torna muito e há de protegê-lo para sua permanência e aproveitamento para se manter em pé, com vida.

E de repente o estranho homem investiu, sorrateiramente, um golpe pelas costas contra o senhor. O

alvo era o minguido pacote de comida e, caso as encontrasse, algumas moedas. Dois homens rolando como meninos em momento pueril, com a diferença de que meninos, ainda assim, possuem uma pureza mais confiável.

Os golpes duraram minutos eternizantes até que a experiência foi mais sábia que a força e a juventude. O senhor do casebre imprimiu uma rasteira ao desconhecido que perdera o equilíbrio e caiu de costas numa pedra mais pontuda que as demais daquele terreno. Da mesma forma que caíra, portanto, ficou.

São segundos na vida que bem pouco se compreende o andamento das ocorrências, mas são capazes de alterar todo o percurso predeterminado de uma existência.

O senhor, ofegante pelo esforço, olhou para o homem mais moço, imóvel, gemendo de dor e tremendo pelo desespero da imobilidade que visitara seu corpo. O senhor buscou fundo o ar necessitado até se acalmar e recobrar a respiração mais harmoniosa e batidas do coração menos aceleradas.

Já mais calmo, aproximou-se do homem sobre a pedra e lhe perguntou:

– Homem, o que você fez?

O mais jovem não lhe respondera, porém, fitou-o com olhos tristes, desesperançosos.

O senhor, inquieto, entrou no casebre e tomou um gole de água fresca armazenada numa moringa grande. Saiu novamente. Não sabia o que fazer. O mais próximo

morador residia a cerca de dois quilômetros de distância. Ele teria de encontrar alguma solução. A noite já era dominante.

Deixou a fraca luz acesa e seu sentimento apenas lhe dizia para recolher o homem desconhecido e, agora, imóvel.

Com grande dificuldade e tremendo gasto de energia, o senhor, por fim, conseguiu recolhê-lo e o colocou em um leito que há muito não era usado, desde o falecimento de sua esposa.

Talvez o homem, ao carregar o jovem para dentro, tenha feito o maior esforço físico até o momento; o rapaz estava muito pesado e com o corpo relaxado, também não havia coordenação, devido à lesão ocasionada pelo tombo.

Exatamente essa situação em andamento completara um ano; o jovem, infrator daquela hora e, de fato, com as razões sustentadas por sentimento desconhecido do momento, estava agora sob os cuidados do homem que sofrera o susto e o mal-estar de ter sido acuado por um assalto.

Mesmo que palavras não sejam pronunciadas ou escritas, os olhos podem ler o diálogo e a conversa do espírito... da alma. Sempre o coração alertará o seu dono dos prós e contras realizados.

Dessa forma, os olhos do jovem sempre imploravam o perdão pela conduta impensada, desesperada de fome, apavorada por talvez tantos desencontros vividos. No

entanto, a sabedoria da vida já ensinou ao viajante que em toda época apenas a trilha do bem o levará à luz. Todo coração reconhece o sentimento suave, a paz benevolente ou o desassossegado torpor da má conduta.

O senhor lavou as duas canecas, guardou o restante do pão, deixou organizada a parte onde se reconhecia como cozinha. Mais tarde sabia que deveria fazer um caldo quente para ambos se alimentarem; no frio intenso, o corpo necessita de maior quantidade de energia para se manter aquecido.

Ele ainda tinha um tempo para descansar antes de ir para a feitura do jantar.

Os olhos do mais jovem, porém, acamados, seguiam o dono do casebre. Admiração, arrependimento, força, amor, fé; aquele olhar era capaz de sentir isso tudo. E somente o que poderia fazer era conviver com o sentimento arrependido.

Com os dias que se passavam, o jovem começou por uma palavra, depois uma frase, o exercício diário da prece. O arrependimento começou a se transformar em respeito, afeto... amor. Sim, era o mais nobre sentimento que ele, agora, sentia pelo homem que quase fora a vítima fatal de seu desequilíbrio.

E mais uma vez o senhor olhou para o céu e em seguida fechou a porta; o frio era congelante. A pequena, entretanto, e imprescindível lareira estava acesa e estalava com a energia do fogo que ardia. Como de costume, o

senhor, toda noite, alcançava um dos poucos livros presentes e corria os olhos em voz alta pela crônica ou o conto do momento.

Era a grande espera cotidiana, a leitura de um escrito. E o jovem não era capaz de contar ao senhor, nem ao menos, o sonho que tivera, pela situação física conquistada na tarde do desatino.

Portanto, o jovem não pôde lhe contar que a noite passada sonhara que era ainda menino e o senhor era o seu pai. Os dois passeavam num campo de relva verdinha e baixa; a época era bem próxima à Primeira Grande Guerra. E nesse passeio, um dos entregadores da correspondência do Governo foi ao encontro do pai e lhe passou, em mãos, o papel que mudara toda uma história.

Em dois dias o homem deixara esposa e filho para servir o país. No menino, ficou impressa a infinita tristeza de não mais poder, com seu herói, conviver. Quanto vazio a alma do filho passara!

Possivelmente o sonho fora uma maneira de resgatar a memória eterna, que voltou a ser espírito e agora estava alma mais uma vez vivendo o que lhe fora, supostamente, roubado: a convivência com seu pai.

O tempo e a experiência mostrarão ao jovem que o pai não tivera culpa de seguir, e o abraço, então, será de frente como almas que se amam. E ainda compreenderá que a Terra é escola da vida onde os alunos nela matriculados precisam aprender o amor antes de tudo.

E o jovem atentava em cada palavra lida pelo senhor. Aqueles olhos se encantavam por esta voz. E o senhor cuidava do jovem como se fora seu próprio filho, ou melhor, o filho que nesta existência ainda não lhe tinha sido presenteado.

Há as cebolas para serem cortadas

Era um dia comum e o céu estava encoberto por nuvens que a qualquer minuto voltariam a desaguar.

Cecília voltava da escola na companhia de seu irmão menor, Gael, de oito; eles tinham uma diferença de quase quatro anos.

Em segundos já entraram pelo portão, pois a chuva muito prometia. Da varanda, através de uma janela, a menina observou a mãe preparando carinhosamente o almoço e a filha se demorou um pouco a observá-la e percebeu que a mãe chorava baixinho; Gael seguiu direto para a cozinha e logo cumprimentou a mãe, Luísa.

– Chegamos, mamãe – falou e abraçou-a.

– Olá, filho – a mãe respondeu disfarçadamente enxugando os olhos e o abraçando também.

A filha observou-a mais uns segundos e, um pouco triste, também se dirigiu à cozinha. O cachorrinho fazia a maior festa com a chegada das crianças.

– Oi, mamãe – Cecília cumprimentou-a com um beijo no rosto e um forte abraço.

– Oi, minha filha. Tudo bem? – a mãe quis saber ainda abraçada.

– Tudo bem, mamãe. E você? – a filha perguntou se soltando lentamente.

– Está tudo bem... sempre com muito trabalho, mas está tudo bem, filha – a mãe respondeu sem muito buscar o olhar da menina e logo se voltou para o fogão.

Cecília observou um pouco mais a mãe e esta, incomodada, logo pediu para a filha trocar-se de roupa, lavar as mãos e vir para o almoço que a comida já estava pronta; era para trazer também o irmão.

Durante a ausência da menina, Luísa enxugou melhor os olhos e respirou fundo. Mais uns minutinhos e os dois irmãos estavam trocados, de mãos limpas e sentados à mesa para almoçarem.

– Mamãe, o papai não vem de novo para almoçar? – a filha perguntou.

Luísa colocou mais uma colherada de sopa na boca e, com isso, ganhou tempo para criar uma boa resposta.

– O seu pai está trabalhando numa cidade próxima e voltará à tardezinha – ela respondeu.

Um silêncio se instalou no ambiente. Cecília, olhando para o prato de sopa, continuou comendo; a mãe passou, rapidamente, os olhos pela menina.

Após o almoço, a mãe lhes serviu uma salada de frutas simples, colhidas do quintal; a mãe cuidava de uma horta e de alguns pés de frutas que ela mesma plantara. Em seguida, o filho pediu licença e saiu para brincar. Restaram apenas mãe e filha, criaturas que muito se amavam e se compreendiam.

Um pouco mais de silêncio entre as duas até que Cecília falou:

– Mamãe, quando chegamos... vi, pela janela, que você estava chorando.

A mãe se surpreendeu e demorou para responder.

– Também percebo que você e o papai não se conversam... – lançou rapidamente outra observação.

– Ora, filha. Estava cortando a cebola... por isso os olhos arderam – a mulher logo falou.

A filha ficou olhando o jeito da mãe e mais se convencia de que havia algum problema.

Então, Luísa também se calou e as lágrimas começaram a descer pela face.

– Mamãe, agora você não está mais cortando cebola.

– Sim, filha. Agora não estou – a mulher falou enxugando o rosto. – Minha querida, há momentos que ficamos mais sensíveis com algumas coisas, alguns pensamentos... só isso – a mãe tentou amenizar a preocupação da filha.

– Mas e o papai... que quase nunca está em casa e nem tem trabalho todo dia? – a menina questionou.

– Meu bem, sei que o seu pai não é o que você queria, mas é o que você tem... e ele é o seu pai – a mãe afirmou com carinho. – Lembro-me de que meu avô dizia que nunca poderemos mudar o outro, no entanto, podemos nos mudar a todo tempo.

– Não entendi, mamãe.

– Podemos fazer coisas melhores, filha, como melhorarmos o nosso sentimento e atitude. E, assim, o que tanto nos incomoda passa a ser suavizado e começamos a dar mais importância àquilo que realmente nos faz bem... e ainda o nosso exemplo pode ser também a grande mudança para a outra pessoa – a mãe falou.

Naquele dia, o pai apareceu para almoçar. As duas, ainda sentadas à mesa, muito se surpreenderam.

– Sente-se, Jorge. Vou lhe servir a comida – a esposa falou já se levantando.

– Oi, papai. Tudo bem? – a filha perguntou.

– Sim, estou... mas não vai se levantar? – o pai perguntou.

– Não, papai. Vou lhe fazer companhia – a filha respondeu com um discreto sorriso.

A mãe observou, muito assustada, pois sabia da aversão que Cecília tinha pelo pai. A filha nunca se aproximava dele, nem brincava ou conversava com ele. Entretanto, a partir daquele momento, com o aprendizado das palavras maternas, a menina começou a muito se melhorar, principalmente, em relação a seu pai que tanto sentiu a modificação e se esforçou também para ser um melhor pai e marido.

Daquele dia em diante, nascera uma nova família. Jorge arrumou emprego regular e Cecília, com amor, passou a enxergar o pai.

Sabe-se que a grande mudança é sempre individual e esta, também um grande exemplo para os companheiros.

Quando lágrimas, a partir daquele dia, escorriam pela face de Luísa, eram somente da alegria em ver sua família mais unida pelo respeito e o nascimento do amor, especialmente, entre pai e filha.

De fato, todo núcleo familiar está arranjado como se deve ser, ou por amor ou pela dor; ambos só trarão o progresso. No entanto, a sabedoria consiste na melhoria individual que acarretará, de forma imprescindível, o melhoramento coletivo.

Torna-se evidente que o ajuste pode ser realizado por meios contrários: ou por uma estrada tranquila ou por uma totalmente atormentada.

Na aridez, Bahareh e senhora Margot encontraram a paz

Era numa das cidades áridas e quentes de verão atuante e ainda com fogo cruzado – sem a permissão do esquecimento de uma guerra incompreendida pelo coração, este que na verdade só almeja a paz – que a menina Bahareh morava com seus pais e o irmão caçula Ahmad.

A casa era pequena, ou melhor, era mais uma porta no cortiço repleto de escadas, com panos estendidos servindo de cortinas delimitando as fronteiras entre as muitas famílias. No entanto, a atmosfera de pobreza e das inúmeras dificuldades recendia no cenário comum para todos os moradores daquele lugar.

Naquela parte do Oriente, até mesmo a participação e a frequência em uma escola não eram casos simples devido aos muitos obstáculos ocasionados desde tempo remoto que ainda perduravam. Na verdade, a vida era bem difícil em muitos aspectos; a miserabilidade predominava.

Bahareh já completara seus doze anos e o seu sonho era tornar-se professora para doar conhecimento, libertar seres humanos da gaiola da ignorância, mas com amor e não por meio de um gesto mecânico e indiferente de aprendizagem. Era uma aluna muito aplicada, embora as condições desfavoráveis somavam um número bem maior.

Não faltava às aulas, mesmo, às vezes, sem ir com nenhuma refeição nem levar um lanchinho sequer. Havia escassez de comida no lugar. Entretanto, sempre há alguém observando e todos acabam sendo observados.

Realmente foi o que aconteceu a Bahareh. Na escola onde estudava, havia uma senhora canadense que fazia pesquisas sobre a qualidade dos estudos naquela parte do Oriente. A senhora, chamada Margot, trabalhava para uma renomada instituição, preocupada, principalmente, com a educação e, em consequência, com a melhoria de países pobres e ainda em guerra. Margot observava o comportamento dos muitos alunos e, certo dia, passou a atentar-se mais à menina Bahareh e a se interessar por sua disciplina e amabilidade com os colegas e professores. A cada novo dia, a senhora Margot gostava mais da franzina menina.

O irmão Ahmad também frequentava a série inicial na escola; no entanto, os olhos da pesquisadora se encantaram por Bahareh.

A senhora Margot buscava mais informações sobre a menina por meio dos professores e, com novas descobertas diariamente, a apreciava mais. Até que surgiu uma ocasião e puderam, as duas, conversar um pouco. A menina, em sua tão plena simplicidade, não compreendera muito bem o objetivo daquelas palavras, mas simpatizou com a senhora canadense. Então, esta escreveu um bilhete pedindo a seus pais que viessem à escola para explicar-lhes

sobre a eminente oportunidade, se é que eles a compreenderiam.

Bahareh voltou para casa com o irmão. Logo, ao chegar, entregou o bilhete à mãe, pois o pai estava fazendo algum biscate, ele havia sido dispensado recentemente de um trabalho formal. A mãe lera sem bem compreender, até ficou brava com a filha imaginando alguma má-criação na escola.

– Mamãe, não fiz nada de errado. A senhora Margot, uma pesquisadora canadense, quer muito lhe falar... com o papai também... se ele puder – a menina, com medo, tentou explicar à mãe.

No dia seguinte, a família compareceu à escola. As crianças foram direto à sala de aula e os pais, com muita vergonha e medo por algum problema, dirigiram-se até a coordenação, pois o bilhete assim lhes pedia.

Aproximaram-se da porta e em segundos a senhora veio recebê-los.

– Bom dia, vocês são os pais de Bahareh, não é mesmo? – ela perguntou afirmando.

– Sim... ela fez alguma coisa errada? – o pai perguntou.

– Não, por favor! Bahareh é uma ótima aluna... muito aplicada, gentil e inteligente.

Os pais respiraram com mais alívio. A mãe mal olhava para a senhora.

– Por favor, queiram entrar e se sentem.

O casal entrou e sentou-se de frente para a senhora canadense.

– Aceitam café ou água?

– Não, obrigado – o homem respondeu também pela esposa. – Desculpe-me, senhora, mas estamos preocupados com o que deseja conosco – o homem falou, apreensivo.

– Sim, senhor Mohamed, vou lhes explicar.

Então, a senhora esclareceu sobre o trabalho que realizava, de onde era e o porquê do interesse em Bahareh.

– Senhor Mohamed, é uma grande oportunidade de melhor educação para sua filha. Vocês têm todas as garantias e acompanharão o seu desenvolvimento. A instituição na qual trabalho viabiliza meios para que crianças esforçadas e inteligentes, como Bahareh, possam ter formação, fato que aqui, na realidade atual, dificilmente aconteceria, aliás, é quase impossível – a senhora confirmou.

Os pais observavam, desconfiados, mas ao mesmo tempo, pela primeira vez, visualizavam um possível futuro mais feliz para a sua menina.

– Ela terá casa, estudo e tudo o que for necessário para o seu bom desenvolvimento – a senhora observou o casal.
– Não fiquem preocupados, ela será cuidada como uma filha – a senhora Margot falou sinceramente.

Naquela manhã, o céu estava bem azul; há muito não se via uma cor bonita em meio à fumaça da guerra rotineira.

Os pais, cobertos da pura simplicidade, se olharam buscando a resposta que, de certa forma, era única, pelo amor à filha.

– Eu e minha esposa concordamos com plena confiança em suas palavras, senhora. A mais nobre atitude é poder confiar em quem é confiável de verdade, pois é conquista assumida ao longo dos bons atos – o senhor Mohamed silenciou e olhou para os olhos da senhora Margot e continuou. – Somos família muito pobre, mas amor não falta entre nós. Peço que a senhora olhe nossa filha como se fosse a sua própria. Por amor, libertamos nossa menina, se ela quiser, para melhor oportunidade com completa confiança em suas palavras, senhora – o senhor falou com a voz embargada do amor imensurável.

Os olhos dos pais estavam rasos da lágrima sentida, no entanto, esperançosa.

– Sim, senhor Mohamed e senhora Naheed. Vou buscar Bahareh para que possamos ouvir sua opinião e resposta. Por favor, aguardem. Logo estarei de volta.

A senhora foi buscar a aluna aplicada e amorosa.

– Por favor, preciso de um instante com Bahareh, professora Dara – a senhora Margot pediu com toda delicadeza e bondade; essas já eram seus atributos conhecidos.

Bahareh recebeu permissão e, um pouco ansiosa pelo assunto, andou lado a lado com a senhora canadense, que nada comentou, até chegarem à sala onde os pais estavam.

– Querida Bahareh, por favor, sente-se nesta cadeira – a senhora puxou o lugar ao seu lado e de frente para seus pais.

A menina, muda e mais apreensiva pelos olhares dos pais, sentiu o coração bater forte e rápido. Respirava fundo, instintivamente, querendo se acalmar.

Quatro seres em busca de algo melhor; entretanto, as grandes mudanças sempre são acompanhadas de um temor talvez por serem desconhecidos os seus resultados, mas são das mudanças que se conquistam progresso e crescimento.

E durante a conversa explicativa, a senhora Margot esclarecia todas as etapas à pequena Bahareh, explanações essas, aproveitadas, mais uma vez, pelos pais. Os olhos da menina brilhavam o brilho da surpresa, da alegria, da dor de, por enquanto, separar-se de sua família... de seu pequenino e amado irmãozinho.

Após a explicação, a senhora percebeu que os quatro participantes do momento estavam emocionados, felizes, muito esperançosos e os três sentiam o pesar da breve separação. Começaram a sentir a dor da ausência de quem se ama. Mas o amor é o exímio professor da liberdade, duas características iluminadas para a alma de agora, espírito eterno.

A menina veio para o aconchego dos braços paternos e quanto a abraçaram. E quantos beijos a filha recebeu de seus pais. Esses gestos selaram o consentimento e a decisão para um novo caminho na vida da pequena e querida Bahareh.

Com a resolução tomada, os papéis assinados e só alguns documentos por ainda apresentar, a senhora Margot abraçou a mãe e também deu um abraço um tanto distante no pai, ainda assim, o senhor Mohamed, mesmo que formalmente, deixou-se abraçar – costumes do Oriente Médio. Com tanta singeleza e agradecimento, Bahareh abraçou a senhora; olhos castanhos, com a ternura profunda, olharam os doces olhos azuis da canadense descendente de franceses, e como reconheceram, de alguma forma, o carinho, talvez, de outro tempo... com o sentimento mais profundo.

Os três se retiraram da sala e não havia maneira, ou seja, condições, de Bahareh voltar à aula; fora um grande acontecimento. Então, os pais pediram permissão para também levarem o pequeno Ahmad, assim, não precisariam retornar somente para buscá-lo.

A família, com passos dispersos pela ocasião, retornara, em silêncio surpreso, para o rústico lar, privado, quase por inteiro, das tão necessárias mínimas coisas; mas amor... quão importante, isso possuía, mesmo com a demonstração mais discreta.

Esse silêncio era interrompido quando o menino Ahmad questionava o motivo da volta antecipada para casa.

– Ninguém responde – reclamava o pequeno. – Mas ter menos aula é legal! – ele

comentava um pouco baixo com medo da censura dos pais.

Criança é sempre o mesmo encanto em todos os lugares.

A família chegara ao cortiço e logo estava à frente da porta de sua casa.

Os pais e Bahareh estavam aparentemente contentes, no entanto, a preocupação pelos iminentes acontecimentos e ainda mais a separação eram fatores inquietantes para a família que se amava.

Os olhos da mãe estavam rasos da lágrima doída. E Bahareh percebendo falou-lhe:

– Mamãe, se a senhora não quiser eu não vou – sempre com um jeito doce, a menina se expressava.

– Não, minha filha. É uma oportunidade de vida melhor para você. Aqui, meu amor, será assim ou pior com os anos – a mãe sentou-se e trouxe a filha para perto. – A mamãe está muito feliz por isso... – a mãe chorou com sentimento profundo. – Mas sofro pela separação... se você será cuidada... por tanto amor, minha querida filha Bahareh.

O pai ouvia sem se intrometer, ele fingia arrumar algo por perto. Também estava com um incômodo, se se pode

dizer, no coração, uma sensação de que algo poderia modificar muito o andamento de suas vidas. Entretanto, era uma ocasião muito favorável e não podiam negar à filha. Quantos beijos nas faces, quantos abraços prolongados, mãe e filha se deram!

O pequeno Ahmad, sem compreender, mas curioso, perguntou, brincando com um caminhãozinho sem rodas:

– Mamãe, o que está acontecendo?

A senhora olhou para o filho e buscou a forma mais apropriada para explicar-lhe a situação. Após o esclarecimento, mais lágrimas banharam também o rosto do menino.

– Bahareh, você vai nos deixar?

Com o pranto na face e na alma, o irmãozinho não se conteve e chorou como verdadeira criança que era, por tanto sentimento, por tanto amor.

A irmã não encontrara as palavras certas e imediatas, então, abraçou-o com a brandura fraterna que lhe era própria.

– Ah... Ahmad! Não fique assim, meu lindo. Eu te amo tanto. Olhe para mim! – a menina levantou, pelo queixo, o rosto do pequeno. – É um grande presente recebido dos Céus. Preste atenção, meu irmão. Vou ficar um tempo fora para estudar, aprender coisas novas e quando estiver pronta retornarei para ajudá-lo a viver de maneira mais proveitosa e feliz. Não fique triste, meu lindo. Eu te amo

tanto – Bahareh abraçou o pequeno e ficou assim até ele se acalmar e parar de soluçar.

Não havia muito tempo para organizar o que era preciso, pois Bahareh deixaria seu país em poucos dias rumo ao Canadá, na companhia da senhora Margot.

Os dias seguintes chegaram e terminaram rápido e quando se percebeu o dia da partida, então, amanhecera. O mês era julho.

A família foi até a escola, pois de lá partiriam ao aeroporto. A mala, que continha as coisas da menina, era pequena e simplesmente simples, podia ser carregada por sua dona sem nenhum esforço.

Foram, então, ao aeroporto.

A senhora Margot, de fato, estava muito feliz. Seu semblante, quando olhava a menina, era do amor puro materno.

Os três ficaram com a saudade, com a ausência, mas com a esperança de receberem, futuramente, uma Bahareh preparada para ser feliz e também promover a felicidade a tantos infelizes do momento, num país onde o mais comum eram a cor e o ruído da guerra.

O avião desapareceu no céu. A família, acompanhada do motorista que trouxera, voltou ao lar... lar, a partir de agora, por enquanto, sem Bahareh. Os três, na verdade, entendiam a grande oportunidade e, dessa forma, se acalmaram e iniciaram a nova fase.

A menina, durante a viagem, foi muito bem cuidada pela senhora Margot e esqueceu-se, um pouco, do momento dolorido da separação. Tantas coisas a senhora contava, explicava para a menina que sorria lançando o brilho por seus olhos bondosos e cheios de esperança.

Quando chegaram ao país de destino, já era tarde e a instituição onde a menina ficaria, certamente, não estaria aberta. Bahareh estava muito cansada. A senhora Margot, observando a pequena e toda a situação, não teve dúvida e se encaminhou a seu apartamento com a bagagem e a juvenzinha.

Já em casa, a senhora conduziu Bahareh ao banho enquanto preparava algo para comerem. O apartamento era cuidado por funcionário da instituição, por isso sempre estava limpo e com mantimentos, pois a senhora Margot não tinha dia definido para retornar, podia ser a qualquer momento.

Após o banho, Bahareh, com pijaminha e com cabelo penteado, apareceu na cozinha, chegou bem silenciosa, devagar e muito acanhada.

– Oi, Bahareh! Já está limpinha? – a senhora comentou.

– Sim, senhora Margot! – a menina respondeu tão timidamente.

– Estou preparando uma sopa de legumes para comermos antes do descanso. Está quase pronta. Sente-se à mesa! – a senhora falou com carinho.

A menina delicadamente sentou-se. Era muita novidade. Nem podia acreditar, mas também era tudo estranho... desconhecido.

Muitos pensamentos passaram por Bahareh até ser trazida à sua realidade com as palavras da senhora:

– Pronto, Bahareh. A sopa está pronta e podemos comer. Deixe-me servi-la e esfrie um pouco antes, está muito quente.

Senhora e menina compartilharam uma ocasião tão simples e eterna; este momento ficaria em suas memórias.

Comeram em silêncio.

A senhora Margot, com discrição, observava a menina e sentia em seu peito cada vez mais carinho e ternura por aquela criatura tão dependente... tão meiga... tão cheia de luz.

Após a refeição, ficaram mais alguns minutos conversando sobre a viagem, nada de importante. No entanto, os olhinhos de Bahareh queriam se fechar pelo cansaço de todos os acontecimentos.

Então, a senhora ajudou a pequena até o banheiro e em seguida com a cama limpa e arrumada. Bahareh deitou-se e, assim que descansou a cabeça no travesseiro de fronha branca e bordada, já estava adormecida.

A senhora cobriu-a e sentiu uma emoção profunda, como se algo a revisitasse.

Olhou, mais uma vez, a menina e deixou, tão pensativa, o quarto. Sentiu uma amorosa emoção.

Na manhã seguinte, senhora Margot foi chamar Bahareh. Quando entrou no quarto, deparou-se com a menina trocada de roupa e sentadinha na cama, arrumada, impecavelmente.

– Bom dia, Bahareh! Já está pronta, minha querida?

– Sim, senhora Margot – respondeu a menina.

– Percebo que está um pouco encabulada, constrangida. Meu bem, você veio para cá por seus méritos, por suas qualidades. Não fique, em nenhum momento, envergonhada. Você é muito especial e capaz. Olhe para mim! – a senhora, com ternura, levantou o rosto tão singelo da pequena.

Bahareh, com os olhinhos mais felizes, deu um sorriso discreto, mas já era sinal da tranquilidade e segurança que precisava sentir.

Após o café da manhã, seguiram para o colégio onde a menina estudaria. Tudo era muito diferente, a começar pelos ônibus, ruas, casas, carros, jardins, tudo era tão bonito, limpo, novo; o contrário de onde a menina vivia em sua terra natal.

Quando chegou ao colégio, o encantamento foi certo. Os passos da menina tornaram-se mais lentos quando entraram no pátio do colégio.

– Senhora Margot, é tão lindo! – ela estava com puro encantamento nos olhos.

– Você estudará aqui, Bahareh. Poderá compartilhar de uma instituição renomada e de todos os seus benefícios.

Bem-vinda, querida! – a senhora estava realmente muito feliz.

Esse dia foi o primeiro dos inúmeros que se transformaram nos anos que precederam à sua formatura.

Passado todo esse tempo, Bahareh se formara, era uma professora de língua inglesa e francesa e de suas respectivas literaturas. Sua formação era apta ao ensino superior, mas seu desejo era poder ajudar as crianças de sua cidade, de seu país. Durante todo esse período, havia único objetivo e parte de seu sonho estava conquistada, agora conquistaria a outra.

A disciplina de Bahareh, aliada às notas máximas, em sua maioria, renderam-lhe o título de honra como a melhor aluna que passara pela universidade de Toronto até o momento. E no dia de sua formatura, a moça, agora, com as palavras mais carinhosas, reconheceu, com plena gratidão, todo amparo, amor, confiança e amizade doados pelo generoso coração da senhora Margot que via em Bahareh a filha que não tivera na existência corrente.

O sentimento e a atitude empenhados pela senhora canadense eram realmente valiosos e dignos de nobre exemplo para quem desejasse amparar e direcionar alguém para uma estrada iluminada, produtiva e feliz para ambas as partes. Respeito, amor, cuidado, direção, confiança... tópicos imprescindíveis para o progresso e todos esses foram existentes entre Bahareh e senhora Margot.

Restara agora a partida.

A jovem seguiria para a segunda etapa tão valiosa para o seu coração que era amparar quem tanto necessitava e quem era o futuro de uma família e de uma nação: as crianças fragilizadas de sua cidade.

Então, no dia de seu retorno, Bahareh pôde dizer tudo o que sentia a tão estimada senhora canadense; sentadas no sofá, a jovem pegou a mão com os traços da experiência de vida e assim começou:

– Senhora Margot, quero muito lhe agradecer o presente abençoado que me concedeu – os olhos de ambas começaram a ficar brilhosos com as lágrimas da emoção. – Com tanto amor, cuidou de mim, fez o que muitas mães não fariam pelos próprios filhos. Ensinou-me, com tanta ternura, as palavras para o meu aprimoramento e crescimento – tornava-se um momento eterno. – Cada gesto, ação, olhar, carinho, doados a mim, transformaram-se em flores e foram tantos que minha vida agora se constitui de antes e depois do encontro com a senhora.

– Oh, minha querida! Você trouxe luz e felicidade para o meu dia... quanto amor e carinho por você. Meu coração a reconhece como filha amada e eterna. Em cada amanhecer quando a via se aprontando para o colégio... minha alma pulsava com alegria animadora de vida; quando a via retornar, depois de um dia pleno de atividade, ficava em paz e completa – senhora Margot passou a mão na própria face, tentando secar as lágrimas incontidas da

emoção. – Estarei aqui... sempre a amando maternalmente. Você estará sempre comigo, minha querida.

Em momentos tão grandiosos assim, a energia amorosa e benéfica se irradia para todos os lados com um raio de grande extensão auxiliadora; os atos bondosos são luz para tantos.

O abraço se demorou, pois a separação, mesmo que momentânea ou tardia, infelicita um pouco o coração também amoroso e, naturalmente, uma reconstituição dos acontecimentos é vivenciada.

E Bahareh, muito emocionada, falou à senhora, olhando em seus olhos:

– Senhora Margot, também meu coração a sente como mãe amada e eterna.

Olhos que se olhavam e deixavam as lágrimas mais sentidas e sentimentais descerem pela face, propagação da alma.

O interfone anunciou que o táxi aguardava Bahareh; o voo sairia em poucas horas.

Normalmente, até que o espírito não se torne completo pelo progresso pode se sentir incompleto pela ausência das pessoas amadas, mas há aquelas que o coração nunca esquece e sofre, sim, a impermanência e distância. No entanto, a bondade suprema reconcilia a felicidade no coração oportunizando reencontros e aproximações, mesmo que ainda breves.

No caminho para o aeroporto, Bahareh sentira a mais profunda dor na existência em questão, não esquecia a imagem da senhora Margot acenando pela janela. Como poderia ser feliz deixando quem tanto a ama e a ajudou, principalmente, no tempo tão delicado da idade mais avançada, momento no qual se encontrava a senhora.

Então, a jovem mulher pediu ao motorista que retornasse à origem. E chegando à frente do prédio, a senhora Margot ainda estava atrás do vidro, olhando, talvez, para o horizonte incerto de alegria, mas ainda assim com belas realizações e lembranças.

Bahareh desceu rapidamente do carro e subiu as escadas até o primeiro andar e abriu a porta, encostada como deixara.

– Também, minha querida mãe, não posso deixá-la... é parte de mim... de minha vida. Ficarei com a senhora até quando neste plano estiver.

Bahareh abraçou tanto a senhora Margot, com amor puro e fortalecido pelo tempo. Nesta hora, enquanto viviam o mais eternizante sentimento e abraço, na dimensão paralela, algumas cenas marcadas por outras existências puderam ser vistas. Na primeira, que desencadeou todo o processo, a senhora Margot abandonara a filha pequena; em outro momento, a filha, adulta, deixara de lado a mãe adoentada e idosa, seguira irresponsavelmente seu caminho. Sucessivas vezes, ocorreu o processo de se abandonarem e deixarem de realizar o

que já era sábia programação. Quando no tempo atual vieram em núcleos familiares diferentes e já com um fardo extenso de sofrimento pelas reincidências dos mesmos atos inadequados, e com a vontade de se melhorarem inconscientemente – essência da alma, casa do espírito –, venceram o obstáculo e o ranço da atitude desfavorável se desfez dando espaço ao magnânimo amor, edificante e mais nobre energia que cura os debilitados, traz luz aos olhos espirituais que só viam a escuridão.

E a completude entre mãe e filha se deu num anoitecer do primeiro mês do ano, quando a neve, fresca, completava o cenário branco... a mesma cor da paz.

Gente de cá e gente de lá

Naquele vilarejo chileno, as crianças tinham mais liberdade do que as da cidade. Menos preocupação com o trânsito, pois eram apenas alguns carros a transitarem por lá. Não havia poluição, a vida era bem mais natural. A criminalidade era inexistente e se caso algum forasteiro quisesse aproveitar de determinada ocasião, os moradores se uniam e o pobre coitado, na marra, aprendia uma lição. A comunicação moderna ainda não dominava o lugar e sobrava mais tempo para as conversas, para as brincadeiras infantis e para o convívio humano.

A vida, no vilarejo, era simples e rica ao mesmo tempo, pois os reais valores eram aproveitados. Tudo do bom que se perdeu nas cidades como a convivência com mais calma e mais conversas entre pessoas de verdade e não só virtuais, ainda lá se mantinha. E como as crianças brincavam!

Havia quatro garotinhas que eram muito amigas. Seus nomes eram Constanza, Paulina, Matilde e Azucena e muito se entendiam e se divertiam. As quatro amigas estudavam pela manhã na mesma escola, tinham quase a mesma idade, mais ou menos doze anos. As quatro meninas se divertiam com as inúmeras brincadeiras que sempre inventavam.

O vilarejo, de certa forma, era ainda bastante rústico. As casas eram simples e pequenas; as ruas, parte delas, eram de terra batida; as casinhas, próximas do rio, não tinham luz elétrica e nem água encanada; havia um poço artesiano com água muito boa para essas famílias. E era numa dessas casas, próximas do rio, que Azucena morava com sua família: avô e avó maternos, a mãe e uma irmã que completara oito anos. O pai, há alguns anos, fora procurar trabalho numa cidade vizinha e até hoje não deu sinal de vida. Ninguém sabe se aconteceu alguma coisa que o impediu de voltar ou se ele aproveitou a oportunidade para se livrar da responsabilidade de cuidar de uma família, porém, Azucena sentia muita falta dele.

E desde bem criança, ela demonstrava uma faculdade não muito comum... não se assustem... vou falar baixinho... mas ela via gente de lá... e ainda conversava com... gente morta, como se dizem.

Quando ela era bem pequenina tinha muito medo, mas sua avó Martina... que aprendeu com sua avó... que aprendeu com sua avó... que nem sabe com quem aprendeu... começou a lhe explicar o que acontecia e, aos poucos, ela deixou de ter muito medo para só sentir um pouquinho. A avó ainda lhe falou que um dia, depois de compreender muito, não terá medo nenhum.

Certo dia, quando Azucena tinha seis anos, ela brincava com alguns brinquedos simples na pequena parte que chamava de seu quarto e onde estava a sua cama, quando

percebeu um menino também brincando ali sentadinho. Ela olhou para ele tentando reconhecê-lo, mas não se lembrou de onde. Nunca o havia visto pelo vilarejo. Ela olhou mais uma vez para ele e mesmo sem lembrar passou a brincar e conversar com ele, ficaram amigos, encontrando-se, diariamente, por cerca de três anos. Mas era só Azucena que o via. Depois desse período, a menina não mais o viu. Ela acredita que ele tenha se mudado com a família. Inocente menina! E tantos outros casos a juvenzinha vivenciou.

Houve um tempo em que ela via tantas pessoas do outro lado – refiro-me a outro lado a dimensão onde os espíritos ficam, e são muitos lugares naquela dimensão como se fossem... emissoras de rádio... muitas rádios podemos sintonizar, mas cada uma tem o seu espaço e forma para ser ouvida – que um dia deu um grito, “ahhhhhh...” e lhes pediu: “Quero saber quem é daqui e quem é de lá”. A avó só a observava de longe, pois sabia o que estava acontecendo, e não interferiu.

De repente, um jovem falou: “Sou de lá... e, na verdade, os que você vê aqui são de lá também. De alguma forma você perceberá quem é de lá. Chegamos até você porque sentimos que nos percebe e queremos conversar... não lhe faremos mal”.

Desse dia em diante, Azucena ficou mais tranquila, mas antes de ontem, ela lhes falou que eles precisavam se organizar, pois ela tinha uma vida para viver... brincar...

conversar com gente daqui e não ficar com gente de lá o tempo todo. Eles ficaram um pouco tristes, mas foi a avó Martina que pediu para Azucena lhes falar. E hoje, a menina iria à festa, simples, de aniversário de sua querida amiga Matilde.

Azucena já lhes avisou: “Só eu quem fui convidada, certo?”

Os olhares foram tristes, mas deveriam respeitar, pois a menina os ajudava muito em conversar com eles e lhes explicar muitas coisas que os ajudavam; a avó Martina lhe ensinava.

Azucena levaria um presentinho bem lindo de aniversário, feito pela avó: uma boneca de pano. A avó demorou uma semana para confeccionar a boneca, e essa atividade, a avó Martina também aprendeu com sua avó... que aprendeu com sua avó... que nem sei com quem aprendeu. Mas a boneca estava linda.

Então, Azucena pegou o presente embalado de forma caseira, deu um abraço na avó e lhe agradeceu e foi, bem bonitinha, com seu vestido mais lindo, também costurado pela avó, e seguiu o caminho para a casa da amiga Matilde. Tantos olhinhos ficaram para trás... mas apenas Azucena tinha sido convidada.

A menina, um pouco tímida, chegou à casa da amiga; as outras amigas haviam acabado de chegar. E como elas se queriam bem! Se faltasse uma para alguma brincadeira ou só mesmo para conversar em frente à casa de uma delas, já

não era a mesma coisa. Para a felicidade de todas, era necessário estarem juntas.

E na festa de Matilde, as quatro estavam muito felizes, pois além de todas estarem, era festa de aniversário e até havia um bolo feito pela mãe da aniversariante. Brincavam tanto! Tudo era motivo de risada e felicidade. E finalmente chegou a hora de cantar o “feliz cumpleaños”, era assim como falavam.

Havia exatamente doze pessoas na festa; as oito restantes eram familiares de Matilde.

A mãe da aniversariante trouxe uma vela branca já usada e, com cuidado, colocou-a sobre o bolo forçando-a para ficar firme e não cair. A canção então começou; as meninas cantavam com alegria e Matilde, em seguida, com um sopro potente, apagou a vela branca de uma só vez.

E naquela alegria toda, Azucena viu os rostinhos de lá ali na festa, e pensou: “O que vocês estão fazendo aqui?” A resposta veio em seguida: “Sei que você nos pediu para ficarmos em casa, mas, Azucena, é só pensarmos em um lugar que já estamos nele”. E mais um... e mais um... e mais um... somando estavam quase todos os visitantes mais comuns... de lá... conhecidos de Azucena.

O que fazer?

Só sei que a menina ficou surpresa e um pouco assustadinha, pois se dera conta de que em todos os lugares a gente de lá poderia estar.

Os olhos da menina ficaram parados observando. A gente de lá ficou um pouco sem graça por estar ali também. Mas Azucena logo lhes falou em pensamento: “Tudo bem, já que estão aqui, podem ficar, mas, por favor, não compliquem ainda mais. Hoje é aniversário de minha amiga e quero continuar feliz”.

Uma menina da gente de lá lhe disse em pensamento que aquele dia também era seu aniversário. Ela estava tristonha. Não estava com sua família. Mas rapidamente Azucena pensou que ela era muito amada e logo estaria num local certo para sua felicidade. Tudo que Azucena passava aos de lá era ensinado pela avó Martina.

Como Azucena ficou um pouco diferente e suas amigas sabiam que ela via gente de lá, Constanza e Paulina se aproximaram da jovem menina e lhe perguntaram se estava tudo bem. Ela voltou mais para o lado de cá, o terreno, e respondeu, com um sorriso, que sim.

O bolo estava muito gostoso, embora sua aparência fosse de total simplicidade e nenhuma cobertura; depois de comerem um pedaço e tomarem suco de limão, foram brincar... e quantas brincadeiras inventavam. Azucena estava entretida com as ações do lado de cá. E corriam um pouco, paravam; brincavam de brincadeiras que não precisavam correr, de outras que eram necessárias as velhas mímicas, de adivinha a minha música e muitas mais... e a gente de lá estava por perto.

E a aniversariante de cá estava muito feliz, mas a aniversariante de lá ainda estava muito tristonha. E Azucena percebeu e logo falou em voz alta para as meninas:

– Lembrei-me de que tenho uma amiga chamada Laurinda e hoje também é o seu aniversário. Gostaria que ela soubesse que ela é muito amada e logo estará num lugar bem gostoso e em paz... E viva a Laurinda!

E a aniversariante de lá ficou emocionada e tão... tão feliz e falou em pensamento: “Obrigada, Azucena, há tanto tempo não me sentia tão feliz”.

Azucena, então, deu-lhe um sorriso. A alegria estava agora dos dois lados.

E as meninas do lado de cá estavam muito alegres. A simplicidade e o coração em paz são combinações perfeitas para se conseguir a felicidade. Mas a hora passou rapidinho e precisavam retornar às suas casas, ainda precisavam estudar para a prova do dia seguinte. Elas, então, se despediram da querida amiga e aniversariante, Matilde; amanhã brincariam mais... e depois... e depois... na verdade, elas queriam brincar por toda a vida. Ah... crianças... como é boa essa fase!

Menos Matilde, que já estava em sua casa, as outras três amigas caminharam juntas por mais uma parte do caminho e logo se separariam para seguirem até as suas casas. E no momento em que se despediam... Meu Deus... o que era aquilo? Um vento muito forte de repente soprou com barulho; o susto foi tão grande que as três não

entenderam o que estava acontecendo; elas se abraçaram e buscaram abrigo.

Essa época era de muitas tempestades, mas como aquela, repentina, nunca ninguém relatara.

As meninas correram para uma mercearia e se esconderam. Do estabelecimento, com mais calma, puderam perceber que não era nenhuma tempestade, nenhum vendaval... era apenas um helicóptero pousando num terreno no pequeno vilarejo. Nem elas nem o povo daquele lugar haviam visto uma “máquina” daquela. E quanta curiosidade despertada.

Com o helicóptero já pousado e o motor desligado, o movimento das hélices foi se acalmando. A porta da aeronave foi aberta e um senhor, muito bem vestido, desceu, olhou em direção ao pequeno centro do vilarejo e percebeu que quase todos os moradores estavam por ali querendo saber o que era aquilo e o que estava acontecendo.

– Por favor, queiram me desculpar a surpresa e o transtorno ocorridos. Sou Aloísio Chavez Durán, agricultor – o distinto senhor se desculpou e se apresentou.

Enquanto o senhor se apresentava às pessoas que cada vez mais apareciam, curiosas, o piloto desceu e outro senhor também. E quando este último se aproximou, tímido, do senhor Aloísio, os olhos da cor de mel de Azucena encontraram os olhos também da cor de mel do homem.

A menina não podia acreditar... seu coraçãozinho disparou... a emoção veio forte e seu rostinho se transformou na mais pura emocionada fisionomia. Ela saiu da mercearia e veio em direção ao homem, ela nem observou se havia pessoas ou não ao redor, apenas enxergava os olhos de cor de mel do homem. Até que ela se aproximou dele que estava inteiramente compadecido em ver também aqueles pequenos olhos da mesma cor.

– Você é Cristián? – a menina perguntou com o rostinho banhado em lágrimas.

– Sim, Azucena... minha filha querida.

A menina, devagar, veio e ficou bem em frente ao homem. Abriu os braços, com um certo receio, e tão ternamente se deixou nos braços paternos dos quais tanta saudade a filha sentia. O abraço mais valioso; o momento inesquecível para a pequena e o pai.

Os moradores, que sabiam da história e conheciam Cristián, se emocionaram demais. Até eu me emocionei. Ah, como o amor é maravilhoso!

O senhor agricultor poupou outras palavras, seriam totalmente desnecessárias.

Depois do abraço consolador, a filha olhou para os olhos do pai que baixaram para a sua direção.

– Papai, quanta saudade! Em nenhum dia me esqueci de você. Todas as noites... sonhava que voltaria para nós.

– Sinto muito, minha querida. E em todos os dias só me lembrava de vocês e tanto, tanto de você – o homem falou.

– Mas, papai, por que nos abandonou? – Azucena perguntou.

– Filha querida, saí em busca de trabalho e tanta coisa aconteceu... a vida a cada novo dia me levava para um lugar, até que encontrei um emprego na fazenda do senhor Aloísio e me estabeleci... e com melhores condições voltei para dar uma vida melhor para vocês – Cristián explicou e enxugou as lágrimas de sua menina.

Azucena abraçou mais uma vez o pai querido e pôde perceber seus amigos de lá, todos sorrindo e felizes pela pequena ajuda, a ela, ministrada. Sabe, as pessoas do lado de lá possuem a característica de lerem pensamentos e de se transportarem instantaneamente, então, nem preciso comentar a ajuda permitida.

Depois de um sorriso agradecido aos amigos de lá, Azucena olhou para o pai e lhe perguntou já querendo afirmar:

– Vamos para casa, papai? Nossa família também sempre o esperou.

– Sim, minha querida.

O pai pegou na mão da filha e os dois buscaram o caminho para casa. Passaram pelas pessoas que sorriam para eles.

Do lado de cá, Azucena dava a mão para o pai e a outra mão estava dada para Laurinda, sua amiga de lá, e muitos outros amigos do lado de lá também os acompanharam até a casa.

O amor reconstrói sempre. E certamente eles se entenderão.

Bem, agora deixo-os, leitores, um pouquinho para presenciar o encontro cheio de sentimento, palavras, explicações e abraços da família simples e querida do vilarejo chileno. Meus amigos de lá já me esperam, mas não sou como Azucena que pode vê-los... eu... na verdade, já sou um deles... do lado de lá... e também amiga de Azucena.

O alento ao coração de uma mãe

Após o acontecimento, a casa não tinha mais as risadas, nem os olhos brilhosos, nem a alegria de simplesmente estar com quem tanto se ama e abraçar esse alguém. E o ambiente, naquele lar, deixara de ser leve e passou a ser triste, sem as cores da vida.

A grande mudança se deu quando Leocádio, rapaz de seus dezesseis anos, sofrera um acidente com o veículo que o trazia do colégio. O motorista era um senhor, experiente, contratado por quatro famílias para levar os filhos à cidade vizinha, centro maior que proporcionava melhores estudos.

Quantos dias, meses, fizeram esse percurso com chuva, sol, frio, calor, no entanto, fora num dia de céu limpo, visão ampliada e nítida, que houve o ocorrido. Só faltavam poucos quilômetros para chegar à humilde cidade onde moravam, quando um animal, atordoado, passou em frente do veículo. Assustado e desorientado, o motorista perdeu a direção e caiu desfiladeiro abaixo. O carro capotou pelo menos três vezes até parar na superfície coberta de mato rasteiro.

Algumas horas se passaram até que os acidentados recebessem ajuda e fossem levados ao hospital. O motorista, embora muito preocupado e amedrontado, estava bem, como os outros três rapazes. Porém, não era o caso do rapaz Leocádio, moço muito bonito, saudável e

cheio de planos; ele havia sofrido traumatismo no pescoço e não suportara, vindo a falecer.

Foi um acontecimento muito comovente. A reduzida população procurou ajudar a família do rapaz com amparo, atenção e muito carinho. Por ser uma cidade pequena havia ainda esse compartilhamento mais vivo de amizade, doação e benefício entre as pessoas.

A mãe estava inconsolável e mais deprimida a cada nova hora. O pai também estava em verdadeiro teor da precariedade sentimental, espiritual; a tristeza o tomara, entretanto, mesmo com a debilidade da ocasião, sentia tímida mas, ainda assim, uma chama de fé e que havia um Pai Onipotente com a sabedoria de tudo.

O tempo foi avançando entre amanheceres e anoiteceres.

Na casa, a alegria não encontrava espaço, pois a energia gerada pelos sentimentos e pensamentos, principalmente os da mãe, era de grande dano físico e espiritual. O corpo estava desnutrido, apático, aberto somente às moléstias das mais simples às mais complexas e inexplicáveis.

Do marido, a esposa se afastou; o desequilíbrio era tanto que se tornavam incompatíveis as palavras, atitudes, sentimentos e toda forma de expressão.

E um negativo momento se aproximava: aparentemente, as duas almas, marido e esposa, estavam

desistindo do compromisso assumido, de um passo maior a ser dado.

A mãe, chamada Esmeralda, só rogava por sua morte a fim de reencontrar o filho amado; o pai, embora com um pouco de fé, não estava decidido no caminho a seguir, os momentos de fraqueza eram maiores e investiam mais fortemente contra sua fé ainda abalável.

O transtorno se fizera presente e se intensificava com a energia favorável à propensão.

Após meses de cruel sofrimento pelos corações paternos, ainda mais visível no materno, certo dia no período noturno, desespero dos aflitos, quando a voz materna suplicava mais uma vez por sua partida para o reencontro com seu menino, com a face banhada com as lágrimas do pranto mais sofrido e, insustentavelmente, mais doído que o coração pudera aguentar, a mãe, fraterna companheira do espírito de seu filho, adormeceu como a criança exausta, nos braços do pai.

A mãe, na hora do descanso noturno, sobre o leito que presenciara por meses o desfalecimento perturbador do corpo e da alma, recebera o bálsamo calmante ministrado por mãos etéreas que jorravam luz brilhante e refazedora. Quando a respiração tomou compasso mais ritmado e suave e o coração, mais tranquilo, se manteve, cada célula do corpo fora visitada pela energia benéfica e restauradora, oportunizando o iminente momento.

O quarto recebeu uma proteção energética por meio de luz esplêndida isolando o ambiente. E com toda a preparação primorosa e eficiente, o espírito da mãe, inconsolável, foi amparado e guiado para a dimensão atemporal e imaterial. Ocasão de como se fora o início de um sonho, possivelmente comum, se não fosse o reencontro tão esperado da mãe com o espírito amado do filho querido. Esmeralda caminhava lentamente e segura por dois jovens, uma moça e um rapaz, que a amparavam um em cada braço, numa iluminação tão incomparável à terrena.

Os três se aproximaram de um rapaz, sentado, e que parecia inspirar alguns cuidados e, por isso, estava acomodado na poltrona simples. Ao redor do jovem estavam também os que aparentavam ser cuidadores. Eram dois homens, talvez de meia idade, mas robustos e vivazes, com semblante amoroso e calmo; aliás, um deles era um familiar muito amado.

A mãe, quando perto se encontrou e reconheceu os olhos inesquecíveis e inconfundíveis, o rosto tão familiar, sentiu a sua face visitada pela lágrima da emoção feliz, que por fim banhara totalmente o rosto materno.

– Filho amado! É você? – a mãe perguntou querendo tocá-lo.

– Sim, mãe querida, sou eu! – o filho respondeu também com a saudade embargada.

E o abraço na dimensão atemporal e imaterial ocorreu transbordante do amor mais puro: entre mãe e filho.

Foi um tempo imensurável, impossível de ser descrito com os vocábulos usuais, pois o sentimento, contendo a verdade da emoção, transcende, ultrapassa as barreiras da razão e somente a essência eterna – espírito e alma – é capaz de compreendê-lo e retê-lo inteiramente.

O filho, sentado, abraçava a mãe querida, ajoelhada a seu menino. Oportunidades benéficas refazem e fortalecem para a caminhada.

Depois do abraço intenso e renovador, a mãe olhou para os olhos do seu Leocádio:

– Meu filho, quanta saudade! Como você está, meu querido? Que lugar é este? Volte comigo, Leocádio, filho do meu coração!

Esmeralda estava transtornada pela ocasião presente. Tanto chamara pelo filho e agora se encontrava diante dele.

– Mãe querida... me escute! – o filho pediu, acariciando o rosto materno. – Por favor, mãe! Levante-se e sente-se à minha frente. Preciso lhe falar! – com ternura, disse o filho.

A mulher se ajoelou numa cadeira branca bem em frente dos seus olhos amados. E o filho segurou as mãos de sua mãe.

– Antes de começar com minhas palavras, mãe querida, quero lhe dizer quanto a amo, a admiro e respeito – o filho lhe disse com emoção na voz.

– Eu também, meu filho... como o amo! Não consigo mais viver... você é a minha razão, meu filho. Não sou capaz de fazer nada... ai, meu filho! – e a mãe beijou, entre lágrimas, as mãos mais jovens.

– Minha mãe... é por isso que tive a permissão de poder vê-la e lhe falar – o jovem explicou.

– Sim, meu querido, diga o que quiser... diga, meu amor... quanta alegria estar com você! – a mãe falava emocionada, feliz, chorava.

– Mãe... ouça-me! Muito me foi esclarecido quanto ao acontecimento. Mãe querida, para isso havia um propósito e um compromisso. Para que a senhora compreenda, no acidente, apenas “eu” fui vítima fatal... os meus amigos e o motorista quase nada sofreram, foi mais o susto que os abalou – e os olhos amorosos do filho olhavam sua mãe.

Esmeralda, com as lágrimas que não secavam de sua face, ouvia, atenta, o filho amado.

– Mãe, é necessário que a senhora modifique o pensamento e o sentimento... não há culpados, simplesmente, a ocorrência na hora determinada. Estou melhor a cada novo tempo, mas, mãe, o sofrimento e a revolta sentidos por seu coração não me felicitam, apenas me prejudicam e me impedem de dar os passos para a minha nova caminhada, pois posso experimentar o mesmo sentimento que a senhora vivencia, as mesmas lágrimas tristes que escorrem de sua face.

A mãe olhava para seu menino e compreendia o sentido de cada palavra.

O filho retomou:

– Minha mãe querida, é preciso que a senhora entenda e continue me amando como antes, sentindo a mesma emoção, sorrindo tão lindamente como fazia, amparando as pessoas que esperam a sua ajuda, vivendo com alegria a vida, amando o papai, não culpando o motorista do carro, visitando a vovó, orando e agradecendo ao Mestre Jesus... Estou vivo, mãe, apenas neste momento estamos em dimensões diferentes, porém no tempo determinado poderemos nos reencontrar e viver, novamente, no mesmo tempo e espaço.

– Meu filho amado, quanta felicidade poder te ver e ouvir essas palavras tão renovadoras para mim – a mãe se expressou.

– Sim, mãe. Peço-lhe, então, que viva com alegria e ampare quem puder. A vida é presente e precisamos dela cuidar – deu uma pausa. – Mãe, agora preciso voltar. Peço-lhe, mãe querida, que sinta por mim o amor e o carinho de antes... posso sentir o seu sentimento, mas só o benéfico pode me ajudar – o filho pegou as mãos da mãe. – Sinta sempre o meu amor, carinho e admiração. Sou seu filho e você, minha mãe, e este amor transcende tempo e espaço. Tenha alegria, mãe querida... precisamos caminhar.

Esmeralda e Leocádio, mãe e filho, se abraçaram amorosamente e não puderam conter o choro, agora

embargado da emoção compreendida e da oportunidade de estarem juntos para o esclarecimento... presente divino.

Olharam-se mais uma vez... e uma vez mais se admiraram com o verdadeiro amor.

E ao final, a luz se intensificou.

Durante a ocasião, Esmeralda nem percebeu que um dos cuidadores do filho era um familiar tão estimado e próximo, ao qual tanto amava.

Após o reencontro, a mãe retornou ao ambiente físico, no leito em seu quarto. Aos poucos despertou, extasiada com o acontecimento. Passou a mão em seus olhos e estavam molhados da lágrima da emoção. Abriu-os e experimentou um novo sentimento revigorado. Seu coração, emocionado, estava leve, sensação que desde o ocorrido não tivera. Pôde lembrar-se da ocasião com o filho, não os pormenores, mas a importante mensagem que ele lhe deixara.

No amanhecer seguinte, Esmeralda modificou a sua atitude decorrente do pensamento renovado na compreensão e no amor. Como dose homeopática, a mãe, ao longo do dia, relembrava o benfazejo momento com o filho, revivia as palavras, todo o ensinamento que seu menino lhe passara. De fato, recebera um presente decisivo para sua caminhada, pois a partir disso seus pés buscaram o caminho novo; seus olhos observaram em maior tempo as boas coisas; suas palavras de amparo foram proferidas mais vezes a um maior número de

peessoas; seu coração reaprendeu a sentir o puro amor e sua alma, bem mais leve e desprendida, recomeçou a alçar voo para o progresso, liberdade de todo espírito.

Sua felicidade ganhava mais brilho por saber que, com esta nova postura, o amado filho também ficaria melhor e com condições favoráveis para conquistar o seu crescimento.

E ao final da tarde quando o sol se deitava, Esmeralda olhou para o horizonte e disse, com a voz da mãe amorosa que era:

– Pai Onipotente e Onipresente, conhecedor pleno de tudo e todos, agradeço-Lhe eternamente a bondade pelo reencontro com meu filho. Peço-Lhe, segundo a Sua permissão, fé, força e compreensão a todos os filhos que em terra ou idade mais adulta deixaram o pai... a mãe e partiram para a dimensão real do espírito com o conhecimento do propósito, ou em alguns casos ainda, não, quanto à realização de seus compromissos – deu uma pausa e respirou fundo. – E ainda, Senhor... Pai de amor e de infinita misericórdia, peço-Lhe pelos pais e mães que sentiram a despedida prematura, aparentemente, de seus filhos amados. Que esses pais do momento recebam a luz da esperança, renovação e entendimento para prosseguirem com seus passos diante da empreitada contínua da vida. Que possamos ser sempre amparados com a luz e o amor. Obrigada, Senhor.

E com a prece tão verdadeiramente sentida por Esmeralda, o sol terminou de se pôr, dando lugar à lua, acompanhada das mais lindas e brilhantes estrelas do céu com o fundo azul-escuro perfeito.

Esmeralda e Leocádio, a partir do reencontro, retornaram à vida.

A mãe, animada com a oportunidade compreendida, se revigorou na descoberta de seu melhor no plano material; e o filho sentiu a liberdade e a renovação para caminhar nas trilhas do progresso no plano real do espírito.

Com compreensão, amor e fé, as almas e os espíritos conquistam a sustentação da qual necessitam para os degraus mais altos e cada vez mais sublimes.

Na cidade pequena, Esmeralda tornou-se a mãe protetora dos desvalidos, a irmã compreensiva dos irmãos em desequilíbrio, a alma benfeitora na seara do bem. E as manhãs e as tardes, a partir do novo tempo, ganharam o brilho do sol laranja e as noites foram abraçadas pela luz das estrelas e guiadas pelo clarão da lua e todo momento acompanhado do amor compreendido.

Um sonho no momento da morte

Senhor Hian formara família. Os filhos estavam casados e já lhe haviam dado alguns netinhos. Ele, bom homem, sempre trabalhara com agricultura, herança de família, mas nos últimos meses foi adoecendo e, há poucos dias, levado às pressas a um hospital.

Todo recurso fora utilizado para a sua recuperação, no entanto, constatada somente a diminuição da dor, e nenhuma melhora. A família estava presente; sua esposa, Evie, grande companheira, sempre ao seu lado.

Na quinta-feira, por volta das dezesseis horas, inesperadamente, o quarto de Hian, no hospital, ficara sem nenhum acompanhante, apenas o senhor em seu leito. Isso não havia acontecido antes.

Não demorou muito, um jovem rapaz entrou calmamente e se posicionou próximo à cabeceira. Passou a mão na cabeça do senhor que, com dificuldade, abriu os olhos e observou.

– Olá, Hian – o jovem saudou.

O senhor esboçou um tímido sorriso, mas parecia querer dizer algo.

– Vou inclinar um pouco a cama para tentar falar – o jovem se antecipou por entender a necessidade.

Depois de melhor acomodado, Hian consentiu com mais um discreto sorriso num canto do lábio.

O jovem estendeu as mãos sobre a cabeça do senhor, sem tocá-la, por alguns segundos e uma suave brisa de bem-estar se dispersou pelo ambiente singelo. Então, Hian se mostrou pronto para dizer o que tanto queria.

– Gostaria de falar.

– Sim, diga o que deseja – o jovem, atencioso, falou.

– Um desejo... – o senhor se expressou com certa dificuldade.

O rapaz estava bem próximo.

– Gostaria de dizer o que tanto queria ter feito – o homem falou devagar, mas um pouco mais sereno após a imposição de mãos sobre sua cabeça.

– Pois bem, estou para ouvi-lo – o jovem disse.

– Meu rapaz, hoje, analisando, mais se confirma a grandeza da vida... diante da pequenez que, muitas vezes, cultivamos no dia a dia – deu uma pausa e seu olhar ficou distante com as memórias. – Quando se é jovem muito ainda se precisa aprender, mas quando os anos se passam tão rapidamente e os vícios e enganos ganham unanimidade no palco de nossa caminhada, sinceramente, isso tanto nos entristece... e só percebemos, com nitidez, quando somos forçados a nos recolher na coxia e, assim, nos resta tempo para pensar e analisar...

O jovem, atencioso, ouvia o senhor que recomeçou a consideração:

– Sabe, meu jovem, quando meus filhos eram crianças, quantas vezes me pediram para eu participar dos folguedos

com eles... mas o trabalho era antes de tudo. Minha esposa, nos poucos passeios que fez, sempre fora sozinha. Nunca tive tempo de ver os desenhos dos meus filhos... Depois do jantar já estava dormindo e minha esposa lavava toda a louça, sozinha, e colocava nossos pequenos na cama. Analisando agora, o meu egoísmo me deixa menor que uma conta de mostarda.

– Hian, procure desabafar sem tanto sofrer, pois o que está feito serve apenas como exemplo. Compartilhe, mas tenha amor e compaixão por você – o jovem lhe explicou.

– Meu rapaz, quando se constata que tanto ficou sem fazer, muito difícil é a assimilação – o homem se lamentou.
– Penso também nos lugares a que poderia ter ido; nos abraços que não dei; no tempo que não tive para ouvir as pessoas; nos entardeceres que nem percebi; no céu azul e no sol brilhoso que não me lembrei existirem; nas gargalhadas ausentes; no olhar amoroso despercebido; no silêncio nos braços da companheira que não valorizei... Penso na incomparável maravilha que é a vida... e que não vivi – a essa hora os olhos de Hian estavam banhados pela lágrima do triste arrependimento. – Oh, meu Deus, tenha piedade de mim...

O senhor não mais pôde continuar pela tamanha emoção que o invadira.

Então, o jovem mais se aproximou e, novamente, posicionou as mãos sobre a cabeça do senhor.

Em alguns segundos, Hian voltou a se acalmar e procurou a figura do rapaz.

– Desculpe-me, mas ao mesmo tempo que o sinto familiar não consigo me recordar quem é você – o homem falou.

– Hian, talvez eu seja algum amigo desta jornada... que somente cultivou o cuidado por você... e não fora percebido, no entanto, sempre estive ao seu lado – o jovem falou.

E os olhos do senhor estavam, mais uma vez, embargados.

– Meu rapaz, obrigado por me ouvir. Sinto-me um pouco confuso... muitas lembranças, passagens vieram... e de todas pude sentir a emoção. Obrigado, sinto-me mais aliviado... Muito, muito obrigado.

E Hian suspirou profundamente e o cordão se desfez. Os olhos do homem ficaram úmidos pela visita daquela grande emoção e seguido acontecimento; fora um presente valioso para seu espírito poder seguir o caminho da eternidade.

A misericórdia do Senhor concedeu, a esse homem, a sua própria acareação ainda no invólucro terreno.

No quarto de hospital, o amparo dos bons espíritos era evidente e oportuno. Todos os pormenores foram cuidados; nada foge aos olhos da atenção espiritual.

Alguns parentes do campo etéreo estavam presentes naquele recinto, também dois grandes amigos, de longa

data, de Hian. E o amparo se verificou cuidadosamente frente à ocorrência.

Mais uns segundos se passaram e a esposa do senhor entrou no quarto. Os olhos do companheiro ainda estavam úmidos. A senhora se aproximou rápido, descontente pelo momento solitário do marido, entretanto, quando percebeu que Hian não mais respirava, de fato, o choro, muito sentido, saltou incontido, e o abraço no companheiro foi a primeira ação a fazer. Para a esposa, vieram sentimentos diversos, do tempo vivido e até do último momento de tê-lo deixado, sozinho, por aqueles derradeiros minutos.

Amigos espirituais se mantinham no ambiente procurando, com energia benfazeja, harmonizar e fortalecer os familiares para essa nova etapa, imprescindível para todos.

Talvez não seja um privilégio comum, na hora da partida, poder se arrepender de tudo aquilo que poderia ter feito, no entanto, é oportunidade definida poder fazer o melhor em relação a tudo e a todos em cada presente existência; o livre-arbítrio será a ação e a sua idêntica reação.

Que as verdades universais possam ser percebidas e amorosamente preservadas, sendo o que é importante sempre valorizado e o que é efêmero e ilusório sem tanta preservação e cuidado.

O amor, a paz, a bondade, a paciência, a tolerância, a família, a fé, a compreensão, o respeito, todos são verdades universais.

Sempre é tempo de acordar e começar ou voltar a ser o coração que valoriza a vida.

Oxalá, Hian tenha entendido o valor de uma existência e nós, quanto antes, possamos viver mais de acordo com a proposta perfeita e abençoada do Mestre.

As flores nascidas das lágrimas da dor

Quem dera fosse a espera pelos pais que retornavam de uma viagem.

O filho estava sentadinho esperando, mas não chegariam boas-novas. A família já se reunia na casa do menino; porém, o choro foi maior do que os abraços de reencontros felizes.

Inexplicavelmente, os pais de Isaac amanhecera mortos no leito do casal. Não se sabe a causa do inesperado acontecimento... os dois de uma vez. Cogitou-se uma suposta ocorrência com alguma comida imprópria servida na festa da noite anterior, à qual toda a família comparecera, no entanto, somente o casal sofrera tamanha complicação levando-o à fatalidade.

Poderia ser encontrado o motivo, mas não traria, ao convívio comum, os pais do menino.

De repente, as urnas chegaram para o velório; momento importante para preces e ocasião para o desapego do corpo físico, ligação mais intensa com o plano espiritual, pois a bondade do Pai é a eternidade dos dias para o espírito.

Primeiro foi o corpo da mãe a ser posicionado, em seguida, o do pai. Isaac, ficou sentadinho entre um e outro. Colocou uma mãozinha em um e depois em outro,

levantou-se, olhou para cada um com tanto amor, tanto carinho.

As pessoas presentes se comoveram muito pela docilidade do menino, do filho do casal. Mesmo com a pesarosa situação, Isaac não se desesperava, cuidava do pai e da mãe, mesmo sem mais necessitarem do amparo físico. Sentadinho na cadeira entre os dois, balançava os pezinhos, era franzino e nem alcançava o chão para repousá-los.

Os avós, os tios, um por vez, chegavam ao ouvido do menino e, com tanta brandura, perguntavam-lhe se precisava de alguma coisa; até água e suco eram levados até ele, pois não se distanciava do posto de cuidador amoroso. Somente duas vezes havia ido ao banheiro durante o período da manhã e já dois quartos da tarde também se findavam.

Isaac tanto foi cumprimentado com abraços e beijos na face e as pessoas deixavam sempre um pouquinho de lágrima em seu rosto. Talvez essas lágrimas não fossem somente pela perda do casal, mas muito mais pela comovente atitude do pequenino órfão. A ternura de seu olhar perante os pais, adormecidos nos caixões, fora dificilmente vista antes em outros olhos.

Como se não bastasse toda essa comoção, o filho ainda conversava com os pais sobre assuntos cotidianos, como se os dois pudessem lhe responder; os três normalmente conversavam e compartilhavam com risadas e tanta felicidade as conversas simples e maravilhosas do dia a dia.

E esse momento tão marcante para Isaac estava prestes a se encerrar, pois um homem com jeito calmo e amoroso adentrara o recinto onde ocorria o velório para dizer bondosas e confortantes palavras para os presentes, enfatizando, para o filho e família. Após a mensagem de conforto, as urnas seriam recolhidas e encaminhadas até o túmulo da família, que era preparado para recebê-las.

Quando foi informado o horário para o fechamento das tampas, naturalmente, algumas pessoas mais próximas começaram a se despedir e virou um ritual as pessoas se despedirem com um olhar para os dois falecidos e com um beijo na face ou na cabeça do filho do casal.

Exatamente às dezessete horas de uma tarde primaveril, haveria o enterro dos pais de Isaac.

Como é comum, antes de haver o sepultamento, já no cemitério, é realizada mais uma oração de corpo presente e, assim, ocorreu naquele momento; entretanto, as palavras amorosas e reconfortantes foram proferidas por um filho, agora órfão, de apenas onze anos.

O menino se soltou, com calma, da mão da avó materna e pediu para dizer algo. Todos, já muito emocionados pelo pouco comum acontecimento, ainda com mais expectativa, se puseram a ouvir.

Isaac, aparentemente tão frágil, começou a falar, posicionado em um local onde todos podiam vê-lo. Com as mãos entrelaçadas à altura do coração, o pequenino começou o discurso de um filho proferindo sobre seus pais:

– Antes de tudo, agradeço a Deus por ter sido o filho desses meus pais queridos. Quantos momentos felizes passamos juntos, tantas coisas descobrimos, quanto os meus pais fizeram por mim.

O juvenzinho deu uma pausa e seus olhos brilhavam como a gota do orvalho na manhã de um novo dia, mas sem desespero, pois seus pais haviam-lhe passado ensinamento sobre o significado de uma existência em relação à eternidade da vida. Isaac era iluminado por uma luz encorajadora e calma, e amigos do outro plano o sustentavam para a ocasião. Ele continuou:

– Quando tinha medo de dormir, sozinho, à noite, mamãe conversava com papai e ele logo me buscava e em seus braços me trazia para a sua cama e, com tanta felicidade, nós três conversávamos e tanta risada surgia, mas isso só quando estava com muito medo. E nas vezes que precisava me explicar alguma coisa, quando era bem criança ainda, papai se abaixava e de joelhos ficava para me olhar na direção dos meus olhos e, assim, com palavras bem simples e de fácil entendimento, eu compreender e aprender a nova lição. Quando estava bem frio, nós três ficávamos encolhidos no sofá, mas mamãe me colocava, sentadinho entre os dois para eu ficar quentinho e protegido. Mamãe, todas as noites, fazia comigo a oração de agradecimento e pedido pelos bons acontecimentos, saúde e proteção, também para eu ser um menino e, quando crescesse, homem de bem, que respeitasse e

compreendesse as pessoas, os animais e a natureza inteira, pois mamãe falava que ter respeito era o início do amor, e mesmo que ainda não amasse alguém como amo meus pais, mas com o respeito já estaria compreendendo a sua importância e um dia, também, poderia amá-lo.

Devagar algumas lágrimas escorreram dos olhinhos do menino, enquanto que no rosto dos presentes, até nos mais aparentemente insensíveis, estava o banho da lágrima das emoções. Momentos assim são pura reflexão de como está o convívio com os mais próximos e com a vida de uma forma geral.

E o filho retomou mais uma vez para a conclusão de seu discurso tão simples e verdadeiro:

– Só mais um pouquinho. Quero muito agradecer a Deus e pedir que Ele leve meus pais para um lugar bem bonito e protegido, e como papai um dia me falou: “nós nos reencontraremos, filho”, aguardo esse dia, mas com muita felicidade para viver ainda aqui, pois mamãe me falava que o sorriso nos olhos traz alegria para todas as coisas. E também agradeço a todos por estarem aqui e me fortalecerem com palavras, carinhos e muitos abraços... e agora continuarei a minha vida e, também, serei o homem de bem com que tanto mamãe se importava.

Isaac colocou uma mão em cada caixão e o soluço veio forte e incontido. As duas urnas foram descendo à medida apropriada e logo estavam recolhidas e o lugar, com o acabamento necessário.

No final daquela tarde, com os raios de sol bem fraquinhos, o menino, de mão dada com a avó materna que teria agora a importância de sua mãe, voltava para a casa sem os pais. Uma nova vida se iniciara. Aquele aparente e frágil menino caminhava amparado por seus parentes e por amigos espirituais tão dedicados ao bem comum.

Os atos obedecem a uma lei universal, à lei de Deus. Inúmeras vezes não se compreende o desencadeamento das ações e reações, no entanto tudo possui uma razão de ser. A mesma energia receberá a sua resultante em curto tempo ou na duração de existências inteiras.

Isaac estava no curso que, por algum motivo, lhe conveio essa ocasião e o amor de Deus, perfeito Criador, por meio de ajudantes amorosos encarnados e desencarnados, sempre o ajudará a buscar uma melhor maneira para o cumprimento do dever, degrau da evolução.

O livre-arbítrio é comum a todo espírito, o que diferenciará em bem ou mal são as escolhas na caminhada da vida.

E a avó de Isaac, a partir de agora, o levaria para a sua casa, cuidaria dele como o filho que em outro tempo não foi capaz de cuidar.

O sentimento de Allegra

Sentadinha no primeiro degrau da varanda da sala, apoiava o pequeno queixo nas mãos com idade de nove anos, a doce, mas tristinha, Allegra.

Sua casa ficava numa cidade do interior de um país europeu; muitos falam que esse país tem o formato de uma bota. E era bem nessa bota que Allegra morava.

Ela conhecera, desde cedo, as dificuldades as quais pode passar uma família. Não tinha irmãos, portanto, filha única, mas tinha um cãozinho, o Nico. Era sem raça definida, no entanto, mais que amigo, irmãozinho do coração.

E assim, juntos, estavam Allegra e Nico observando a vida pelo ângulo da varanda.

Ficavam horas daquele jeitinho, só olhando, sem saber para onde e nem para quê. Os olhinhos da menina desejavam buscar algo bem além do que se é visto pelos olhos do corpo. Às vezes, brilhavam como luzes de árvore de Natal, outros momentos, ficavam afogados nas lágrimas de saudade de algum lugar, de algum tempo, de algo amado, porém, sem, por enquanto, poder acessar.

A cabeça de Nico era sempre presenteada com o carinho de Allegra. Quantas vezes acariciava aquele irmãozinho... melhor amigo.

– Allegra, venha tomar banho! – sua mãe a chamou.

A menina se mantinha estática em seu mundo, só Nico ergueu as orelhas.

Mais alguns minutos se passaram...

– Venha logo, filha! Seu pai já está chegando. E você sabe que ele gosta de ver tudo em ordem para o jantar – avisou, mais uma vez, a voz materna.

Com lentidão, Allegra começou a se mover, mas antes, mais uma carícia para seu amigo. Os dois vieram para casa. Ela entrou e Nico ficou deitadinho no tapete, com a cabeça descansada nas patinhas dianteiras, agora, da varanda da cozinha.

O céu, àquela hora, tinha seus olhos muito brilhosos, brilho de estrelas.

Não se sabe se Nico aprendeu com a menina, no entanto, também admirava o céu, parecia sonhar com o infinito. Talvez imaginasse um osso bem grande e apetitoso, ou mesmo, era um cão mais sensível e admirável. Seu olhar, ah... era de bondade.

De longe, quando os dois estavam a meditar, sentadinhos, no degrau, demonstravam sentimento precioso, o puro coração a tilintar.

Nico ainda estava no tapete, quando a mãe da menina anunciou a hora da refeição. Bateu duas vezes com a colher no prato. Era seu jantar. Ele se levantou, com calma, aguardou que sua tigelinha fosse alimentada para, em seguida, ele se alimentar. O cãozinho recebia a comida

antes de todos. Talvez fosse pela ocorrência de um dia desses.

Era um domingo, final de outono, as três pessoas da família já haviam almoçado. Estavam satisfeitos – “mas e Nico?” – perguntou Allegra. Não restava mais nada, nem mesmo o pão da sobra. Esse tempo a família só fazia uma refeição, época que vivia “a duras penas”. Mas hoje, eles podiam fazer duas, graças a Deus.

Nico comia delicadamente, não enchia demais a boca e nem engolia, esbaforido, o alimento inteiro.

Enquanto isso, Allegra saiu do pequeno banheiro com o pijama que sua mãe costurara. Os cabelos estavam penteados e amarrados. Assim era mais prático e higiênico para se sentar à mesa e comer.

O pai acabara de chegar. Abraçou sua esposa e depois, a filha. Saudou Nico com uma frase direta: – “Oi, Nico!” – Sentou-se, tirou os sapatos, agradeceu ao céu por mais um dia de trabalho, ou melhor, mais um dia de vida, em seguida foi para o banho.

Allegra arrumou a mesa para o jantar. Era preciso aguardar o pai. Verificou se Nico havia comido – “Sim, comeu” – Ele abanou o rabo e deitou-se de novo no tapete. A porta da cozinha estava aberta, ele ainda podia participar do momento, porque depois do jantar só mesmo na manhã seguinte.

Sua casinha estava na varanda. Tinha uma cobertinha, fora de Allegra quando era bebê. A roupa do irmão maior sempre passa para o menor.

Finalmente, o pai saiu do banheiro. Da varanda, ele deu uma olhadela para o céu, e chegou a hora da refeição; sentaram-se à mesa.

– Como foi o dia? – o pai perguntou servindo-se da comida.

– Correu tudo bem – respondeu a mãe.

– Tudo certo, pai – e também a filha.

Só o barulho dos talheres era ouvido. Nico os observava.

Allegra comia sem muita fome, como era de costume; ela era bem miudinha, talvez uma definição melhor seria... frágil.

Mais algumas palavras e o jantar terminou. Allegra e a mãe limparam a mesa e cuidaram da louça; o pai se sentou em frente à televisão para assistir ao noticiário.

Pronto. Tudo em ordem. Cozinha arrumada. Era hora de fechar a porta.

– Boa noite, Nico. Durma bem! Que seja sempre protegido! – a menina falou, acariciando a cabeça do cãozinho.

Ele respondeu com olhos ternos e bondosos.

A porta estava fechada e a noite continuava lá fora. A lua parecia um holofote. Um ventinho fresco também soprava.

Chegou a hora de dormir; a menina já tirava cochilinhos na sala. Quando o sono vem não há quem segure.

– Allegra, vá para cama! Não se esqueça de escovar os dentes – orientou a mãe.

– Boa noite, mãe! Boa noite, pai! – disse a filha.

A garotinha se encaminhou ao banheiro, escovou os dentes, fez xixi, lavou a mão e foi para seu quarto tão pequenino, mas era o que tinha no momento.

Já deitada em sua cama sem muito conforto, Allegra fez sua oração e a Deus pediu e agradeceu. Através da janela, podia ver a lua que, naquela noite, estava brilhosa e cheia.

Quantos sonhos visitavam a mente da menina, quantas sensações ela sentia.

De repente, Allegra adormeceu. É nesse momento que a alma passeia, visita os amigos, os irmãos de longe, os quais tanto se ama; pode-se ir a qualquer lugar ou país sem ter passaporte. É a liberdade bem aqui e agora, é a realidade de sonhar. E era assim que a pequena compreendia, ou um pouquinho mais ou menos.

A menina era miudinha na cama. Seu corpinho, encolhido, tinha a circunferência de um bambolê.

Quando se deu conta, Allegra já estava bem lá no alto, observando sua casa, depois sua rua... seu bairro... cidade... cruzou o mar, sentiu a brisa do oceano.

De braços abertos, ela voava. Seus olhos eram duas luzes acesas e permanentes. Quanta alegria! Quando percebeu, estava em outro continente: o americano.

Passeou pelos países lá registrados, ouviu a música, reconheceu o povo, sentiu o encanto do lugar e seguiu.

Depois de cruzar o mar de volta, chegou a outro continente, o africano. Do alto, Allegra novamente observou os costumes, a gente, a dificuldade e também a riqueza de viver.

E ganhou novos ares, novo céu. O desenho, agora, era o contorno do continente asiático, os tsurus de origami a acompanhavam por aqueles ares e surpresas milenares. As sakuras estavam floridas... e rosas... e brancas... e encantadoras.

Mais alguns lugares faltavam para a turnê fantástica, esses ficariam para outra ocasião. Porém, no percurso de volta, Allegra foi levada, por mãos amigas, a outra dimensão, não mais aos continentes nem a países terrenos.

Ela viajava tão rápido que, às vezes, não sabia se era seu pensamento ou um impulso mágico. Simplesmente já estava no outro mundo. Lugar diferente; as cores eram mais fortes... vivas; as flores sorriam, conversavam; os peixes, no lago de água vibrante, pareciam conhecê-la. Esse era apenas um local, só que mais lindo do que o mais belo parque aqui na Terra.

A menina, na companhia de uma jovem mulher e de um rapaz, por sinal, muito bem vestidos, segura aparência e doce olhar, se encantou com os maravilhosos e agradáveis cenários. Allegra, de mãos dadas com o casal,

observava, realmente, tudo o que seus olhos podiam captar e depois armazenava na memória de seu coração.

Quantos acenos a garotinha recebeu. Jovens, mais velhos, crianças, assim como Allegra, todos a saudavam com a mão, com o sorriso, com o carinho doado do puro sentimento existente naquele lugar que não era a Terra.

Seus olhinhos nunca haviam sentido tanta luz, felicidade, esperança, vontade de viver para contar aos outros a beleza que lhe acontecera.

Allegra, em meio a tão emocionado momento, renovou em sua alma a lembrança de sua família; sua casa simples, mas feliz; sua cidade pequena, mas hospitaleira; seus poucos amigos da escola, no entanto, ainda assim, amigos e... com pausa e suspiro, seu grande companheirinho, seu irmãozinho Nico.

– Que saudade! – expressou a menina tão alegre e satisfeita, agora, com sua vida.

Ela não via a hora de voltar ao singelo e terno lar para viver com a alegria que até hoje não sentira; estava ansiosa para abraçar a mãe carinhosa e o pai, nem tanto, porém, preocupado e com muito amor pela única e amada filha. Quanto a menina faria!

– Vamos voltar!?! – perguntou em tom de decisão, a menininha franzina.

– Já deseja? – perguntou o rapaz que a acompanhava.

– Será concedida a permissão para o retorno – completou, a moça companheira.

Foram mais alguns breves passeios e presentes emocionantes recebidos e Allegra, sem muito perceber, junto aos dois companheiros, já estava se aproximando do céu sobre o país em forma de bota. O teto natural ainda estava com estrelas pulsando, com o fundo misterioso e acolhedor. Pronto! Allegra estava em sua cama novamente.

Ficou com um pouco de receio em mexer o corpinho miúdo no colchão sem conforto.

– “Dio mio”! O que me aconteceu? – ela se perguntou baixinho.

Depois, com calma, e cheia de satisfação, a menina começou a recordar, em parte, tudo o que lhe acontecera, os sorrisos, os acenos recebidos e doados.

– Que fantástico!

Extasiada, sentiu seus olhinhos se encherem de lágrimas e seu coração apertar um pouco. Nessa hora, entendeu o enorme contentamento o qual já vivia sem se dar conta. Allegra tinha uma família que a amava; uma casinha simples, mas que a acolhia; inúmeras oportunidades estavam à sua frente.

Com profundo coraçãozinho amoroso, elevou os braços, ainda na cama, e conversou com Deus:

– “Dio”, agradeço-lhe a minha vida e as tantas maravilhas vividas em todo o tempo desde que nasci. Agradeço a mãe amorosa e o pai protetor; meus amigos e ainda mais Antonella e Beatrice, minhas melhores amigas; meu querido amigo e irmãozinho Nico...

Allegra não parava de agradecer, pois tudo isso era o que já possuía na vida. Quanta fartura de pessoas queridas e acontecimentos felizes. A viagem que lhe sucedera foi um “regalo” dos anjinhos protetores com a permissão de Deus. Esses momentos, de fato, são despertamentos para a valorização da vida.

Sensação ainda nunca sentida pelo coração de Allegra, e que agora ele podia sentir.

Aqui, com sua família, a garotinha era só sorriso. Abraçou o pai e beijou a mãe, incansáveis vezes, naquele novo dia. Nico, então, quase ficou sem pelo de tanto Allegra acarinhá-lo e abraçá-lo. Como aquele coraçãozinho estava radiante.

De repente se lembrou dos semblantes e acenos recebidos no outro local, melhor dizendo, na outra dimensão. E no meio da brincadeira com as duas amigas na linda tarde, a menina olhou para o céu brilhante e azul e falou, com sinceridade, a Deus:

– Como sou feliz! Tenho aqui tantas pessoas que amo e me amam e tenho lá outros tantos também. Obrigada! Obrigada! Obrigada! – e saiu cantarolando esse agradecimento.

Com essa experiência vivida, Allegra passou a sentir a própria definição de seu nome: alegria. Pôde, assim, se sentir porque sofreu o distanciamento de uma ocasião presente e o contato com outra passada e certificou-se dos

tantos amores que se conquistam em dimensões diferentes. Mas Allegra ainda é jovem e muito aprenderá.

E à noite, quando foi dormir, a garotinha ficou com câibra no rosto. Motivo? Mil sorrisos da bela lembrança e mais mil da alegria plena de sua realidade de agora.

As sementes plantadas originarão os seus frutos

Às vésperas de sua morte, um homem revivia a sua passagem, inebriava-se com suas lembranças agradáveis e felizes em sua maioria. Ele, já há alguns dias, despedia-se, no leito, desta vida apreciando, pela janela do seu quarto, a paisagem com as flores, os pássaros, a natureza.

Recostado em dois travesseiros um pouco mais altos que de costume, Johan – era o seu nome – libertava sua mente para visitar os seus atos, abraçar os seus amados, acariciar o rosto dos netos e o das crianças que o conheceram, pois era pediatra aposentado e fora um mestre na arte de entender as crianças e devolver-lhes a saúde quando permitido ou, pelo menos, de promover amorosamente a luz da alegria para seus dias restantes.

Seu semblante, no decorrer de sua caminhada, aclarava-se e o homem conquistou única predominância: a satisfação de servir ao próximo. Muitas vezes, atendia os pequenos sem remuneração; o altruísmo era seu maior atributo e por isso amparo e trabalho se fundiam.

Recordava-se de olhares tão puros que lhe agradeceram o gesto fraterno e o respeito dispensado aos irmãos instituídos de mais discreta posição social e cultural.

“Obrigado, senhor Johan!”

Quanto essa frase fora ouvida pelo pediatra, mestre das crianças, senhor de tamanha bondade!

Agora, mais debilitado, os momentos sem visitas ou sem a família por perto eram muito raros. Quando ocorriam, somente o feliz sentimento recordado tinha proporção no tempo e espaço.

Suas mãos receberam, até o momento, imensuráveis vezes de saudação, beijos agradecidos, apertos constituídos do mais grato carinho. Telefonemas, durante toda sua vida de trabalho e vivência, foram diariamente, em cálculo bem singelo, de vinte a trinta... simplesmente pelo reconhecimento de tão incalculáveis boas ações.

Johan, em meio a mais sublime energia, amigos, família, esposa estimada, no início de uma quinta-feira – seu dia preferido –, com incomparável singeleza e tranquilidade, despreendeu-se de seu corpo físico e libertou-se para o infinito, conquista dos espíritos.

Houve o choro de quem ficou, choro comedido, silencioso, de não mais poder abraçar o corpo de uma alma tão bondosa, de não mais, por enquanto, conviver com o dono de atitudes, exemplos e palavras tão edificantes e consoladoras. Houve as lágrimas quentes e doces de, por um tempo, permanecer sem a maravilhosa pessoa... alma... bondosa flor que ainda perfumava cada mão presenteada no curso da atual existência.

Johan partiu e foi recebido por seus outros amigos que tanto desejavam o reencontro. Um amigo tão amado retornara ao lar imortal.

E em outro hemisfério, tão longínquo de onde Johan conquistara seus méritos, presentes para seu espírito, estava Joseph, homem, ermitão... solitário pela obra de suas ações. Em época alguma fora capaz de realizar uma atitude mais amorosa consigo, menos ainda com o próximo.

Nos anos em que vivera com sua família, ainda solteiro, era indiferente aos pais. A mãe, pobre e simples senhora, cuidava com muito amor do filho que lhe retribuía com frieza no olhar, nos gestos, no convívio. Nunca agradecera um carinho ou gentileza dos muitos, ainda assim, endereçados a ele. Com seu genitor não era melhor, em verdade, até de forma mais rude o tratava, sem ao menos um abraço em toda a vida... E quanto o pai esperou ser envolvido pelos braços filiais!

E Joseph se formou, conseguiu um emprego de alto padrão; logo jovem, começou a ganhar um salário considerável. No entanto, no decorrer dos meses e anos vividos não agregara ato benéfico algum. Não cativara um amigo sequer, mas de repente encontrara uma jovem com quem se casou. Duas meninas foram o número de crianças que o homem recebera como impulso para amaciar seu coração endurecido; nem mesmo esses dois presentes foram capazes disso.

Ele cumpriu o dever de pai e marido como o mantenedor da família e, de fato, nada lhes faltara. Entretanto, nenhum carinho, amor ou gesto afetuoso provinha daquele homem com tanto poder material e social. Finalmente, ele conquistara a presidência de uma grande companhia no país onde morava. Em tempo algum conhecera de perto algum funcionário, não se interessava em saber nem o nome da secretária que tanto o assessorava.

Dias e noites se passaram e, a cada novo tempo, Joseph, com maior indiferença, se dirigia às pessoas. Não era nem um pouco custoso a esse senhor deprimir alguém de seu convívio com seus variados comentários sarcásticos ou implacáveis.

E os anos se passaram e sua família não suportou tanta indignação, desamor, sofrimento. Então, Joseph ficara só naquela mansão construída sobre a frieza de seu sentimento. Quanto o senhor poderia ter feito de benéfico! Quantas pessoas poderia ter amparado com sua fortuna! O dinheiro e o poder ficaram determinantemente em sua seara terrena.

De certa forma, todo mal-aventurado é o mais carecido de tudo o que cerceou para os que o rodearam. E a idade chegou para o senhor Joseph, como chega a toda alma na sementeira da Terra. Com tempo bastante avançado, o seu corpo estava exageradamente debilitado, até mais em comparação aos de sua idade. Em seu palácio frio, o senhor

solitário estava em seu leito. Ninguém viera visitá-lo, somente os criados eram vistos pelos corredores; nem um passarinho voara próximo à janela de seu quarto.

E na mesma quinta-feira que Johan, Joseph também deixou seu corpo e seus olhos se abriram para uma paisagem cinza e repleta de solidão.

Há um momento em que as almas partem para a vida verdadeira, para onde não se leva nenhuma conquista material, somente as boas e meritórias ações realizadas ou a sombra, o bem que ainda não se desenvolveu.

Johan conquistou inúmeros amigos leais e amorosos nesta fase da existência e foi para o reencontro de tantos mais já conquistados à sua espera no plano imaterial.

Joseph, sem conquista alguma, voltou para o plano verdadeiro onde nenhum amigo o esperava.

Mas a bondade divina, percebendo a pequenez do filho desprovido de harmonia, já no plano eterno, endereçou socorro a seu amparo. A luz era forte demais para os olhos de percepção gris, mas o amor o embalou nos braços e o espírito, isento de qualquer disfarce, reconheceu mais uma vez seu deslize, sua oportunidade desperdiçada. O espírito chorou copiosamente até desfalecer.

Após indeterminado tempo, Joseph recobrou um pouco a energia e percebeu-se em um leito diferente do que deixara no planeta.

Na primeira ocasião da presença de alguém a seu lado, perguntou:

– Onde estou?

– Você está num local de amparo, meu irmão – um senhor respondeu.

– Mesmo com tudo que fiz e de tudo o que fui capaz... ainda recebo ajuda? – tornou a perguntar.

– Meu irmão, todos somos iguais perante o Pai. Todos receberemos socorro de acordo com o ensinamento do Mestre Jesus – o senhor explicou.

– Obrigado... Por favor, qual é o seu nome? – Joseph perguntou.

– Johan, meu irmão. Ficarei, por enquanto, para auxiliá-lo – o homem completou.

A continuidade da vida terrena e espiritual é sinônima. Ninguém passará de uma estirpe menor a maior se não houver méritos comprovados e renovação do espírito por meio de seus atos, palavras, sentimentos e pensamentos.

O Mestre está de mãos estendidas e braços abertos para receber tão ternamente os seus pequeninos, então, que desejem abraçá-lo.

A única visita para Joseph, pelo menos por enquanto, era a do amado pediatra terreno também conhecido como Johan.

Uma frase, um olhar, uma vida

– Suas mãos são as mais lindas, mamãe.

Eram sempre estas as palavras usadas pelo filho amoroso e companheiro. Mãos que enormemente o amparavam.

O garoto completara doze anos havia poucos dias. Estava se tornando um rapazinho, mas se sabe que cada pessoa tem um caminho a seguir e uma forma necessária para percorrê-lo.

A mãe se dedicava, por completo, ao pequeno Jeremias; ele não tinha irmãos, então, o tempo lhe era camarada e sempre mais prolongado. Seu pai trabalhava numa empreiteira do pequeno município, só à noite chegava ao lar singelo demais e aconchegante.

Ele deixava as botas sujas do trabalho na calçadinha de fora da casa. Lavava as mãos e braços e, agora mais aseado, buscava ansioso a única entrada da morada. No canto direito do ambiente caseiro de um só cômodo, encontrava-se o filho Jeremias sobre sua cama.

Os sorrisos se abriam: o do pai para o filho e vice-versa. Do ângulo que o garoto olhava, o brilho dos seus olhos tornava-se foco vivo de luz.

– Oi, meu filho! Como passou o dia? Está tudo bem com você? – o pai perguntava, amoroso, em sua simplicidade.

Mas, de fato, a singeleza é puro bálsamo e sabedoria.

O filho sorria e seus olhos respondiam com alegria ao pai. Beijos eram selados no rosto, na cabeça, nos olhos, nas mãozinhas do pequeno. Havia tanto amor. E a mãe observava a cena cotidiana, no entanto, com emoção maior a cada novo dia.

Após o encontro de pai e filho, o marido agora abraçou a esposa com toda admiração. Eram, os três, companheiros da jornada para o progresso espiritual.

– Que bom estar de volta ao lar! – o pai e marido falava.

Ele, antes de se banhar, fora fazer alguns reparos no casebre visando sempre à melhoria para a família que tanto tempo permanecia ali. Também estava construindo um pequeno carro de mão para levar o filho a passear, sentir o vento no rosto, receber, pelo sol, ainda mais a luz da vida. Sem um meio de locomoção para o filho, os passeios diários eram quase impossíveis.

Enquanto isso, a mãe cuidava do seu menino, ajeitava-o para lhe dar a janta, uma sopinha preparada com o que era necessário para o seu corpo. Cada colherada também estava repleta do alimento mais benéfico e salutar: o amor.

E quando terminava a comida, o filho sempre dizia:

– Suas mãos são as mais lindas, mamãe.

E aquelas mãos o limpavam, o acariciavam, o protegiam, o mantinham vivo.

No meio da tarde seguinte, um pouco mais cedo que o habitual, o pai chegou. Como sempre depois de toda doação ao filho, finalmente, ele terminou o carro para levar o pequeno ao desejado passeio.

Pai e mãe pegaram o menino querido e com todo cuidado o puseram no carrinho construído para ele.

Jeremias, depois de adequadamente colocado e seguro no carro de madeira puxado pelo pai, sentiu o brilho da vida em seu rosto tocando sua alma.

Para intensa alegria do filho, o pai acelerou os passos dando maior emoção; a mãe de mão dada com o pequeno já corria tão alegre só de ver sua felicidade.

Os três, naquela tarde, eram a realização do compromisso assumido. Espíritos comprometidos entre si por um bem maior: o amparo, o amadurecimento, a realização do amor.

E as flores passavam mais rápido, o céu avançava mais veloz e o sorriso virava gargalhada feliz.

De repente...

– Filho... – foi o grito da mãe.

Sem perceber, o pai passara por uma pedra mais saliente e lançara o filho para longe. Jeremias ficou ali caído sem se mexer, pois seu estado não lhe permitia, ele sofria de uma grave doença degenerativa, dependia de cuidado o tempo todo. Quando nasceu, os médicos informaram ao casal que ele nunca falaria uma palavra sequer, não

expressaria nenhuma emoção e que não passaria de tenra idade.

Até agora, segundo os pais, ele sentia toda emoção e demonstrava pelo olhar, também falava, mesmo que uma única frase, e já completara doze anos.

Pai e mãe correram, desesperados, para acudir o filho. Com cuidado viraram o menino... e seus olhos brilhosos estavam abertos e sorrindo.

– Filho querido, meu amor, você está bem? – a mãe perguntou, limpando-o da terra.

– Meu Deus! Meu filho! O que eu fiz? – o pai, inconformado, pegou-o nos braços.

E assim foram até o casebre que os esperava de portas abertas. A mãe preparara o banho morno e tudo mais de que Jeremias necessitasse.

O pai trouxera o carro para o quintal e a mãe preparara um mingau ralo de aveia do qual o filho tanto gostava.

Cada colherada levada à boca do pequeno era o amor mais compreendido e aumentado. O pai estava sentadinho ao lado se refazendo do susto e amando mais e mais aquele filho querido.

Depois de limpo e alimentado, em sua caminha construída pelo pai, o filho, com olhos calmos e reluzentes, falou a única frase que conseguia:

– Suas mãos são as mais lindas, mamãe e... “papai”.

A gratidão e o reconhecimento são o alicerce para o amor se desenvolver e prosperar.

E os olhos de Jeremias mantinham o fulgor da vida e a certeza de que o compromisso bem realizado desacata o desenvolvimento da medicina e comprova que a lei divina é soberana e incomparável, dispensa comentários e é operante nos recônditos menos prováveis da esfera da vida.

Só um sorvete de casquinha

Nem era domingo à tarde, mas a felicidade da pequena Tina – redução de Santina – era como se fosse; também parecia dia de aniversário, no entanto, não era nem um nem outro, o dia era uma quarta-feira comum.

Após trinta e um dias de internamento, Tina recebera alta e poderia voltar para casa. Seu estado de saúde era muito delicado, entretanto, por esse momento, estava, de certa forma, estável. Ela tinha exatamente oito anos e cinco meses. Essa vez somava a décima oitava internação sofrida pela pequena menina e sempre pelo mesmo motivo.

Sua mãe, de mão dada com a filha, andava devagar a fim de acompanhar as pernas menores e também pela debilidade que a criança se encontrava; finalmente, caminhavam pelo corredor do hospital buscando a saída. Até chegarem à porta delimitada, muitos foram os cumprimentos, despedidas, beijos e abraços entre a pequena Tina e os funcionários do local e, entre estes, desde o ajudante geral até os doutores com cursos no exterior. Sempre se reconhecem a verdadeira simplicidade e o puro sentimento e todos se afeiçoam aos seres com esses quesitos. E os que a abraçavam, emocionados, sentiam, na ocasião, a doce fragilidade, revestida, pela valentia de querer viver; Tina tanto amava a vida.

Finalmente, mãe e filha passaram a porta que ligava ao mundo comum, pois se sabe que o ambiente de um hospital não é muito agradável, embora o local seja de grande ajuda, ou melhor, imprescindível para o refazimento e auxílio dos inúmeros necessitados do momento, mas não deixa de ser um local em que a reflexão se torna mais acentuada e o sentimento, mais sedento pela vida simples e encantadora do lar, pois os dias em casa eram resultantes de uma vida mais tranquila e, principalmente, sem internações, como era o caso de Tina.

O céu estava azul e o sol bem dourado e quentinho. Quando a pequena voltou ao ambiente da sociedade, da correria, dos compromissos e horários, avistou pessoas andando; alguns cachorrinhos, de rua mesmo, passeando nas calçadas; os carros; os ônibus; o barulho característico de pessoas vivendo o dia a dia... de fato, Tina se alegrou e sentiu seu coraçãozinho com mais vida, ela queria viver, embora, seus pulmões fossem tão sensíveis e de precário funcionamento, mas sentiu-se tão feliz.

Parou um pouquinho, de mão dada com a mãe, para observar os ricos detalhes surpreendentes daquele momento, daquela imagem. E tanto se encantou e tanto desejava aproveitar cada segundo.

De repente viu, nas flores dos canteiros da calçada, um beija-flor colorido e tão cheio de alegria, viu também crianças feito ela, com os pais, tão contentes e soltando a gargalhada pueril e tão singela. E como Tina queria viver e

quanta felicidade sentia, pois havia resistido a mais uma internação; essa oportunidade era novo presente de Deus.

E para o outro lado, quando olhou, percebeu rapidinho um quiosque de sorvete de casquinha. Seus olhinhos brilharam. Ficou encantada e com muita vontade de provar a guloseima gelada e tão apreciada pelas crianças em todos os continentes.

Sua mãe compreendeu o olhar da pequena, mas antes de negar o pedido, já se antecipou:

– Filha, você sabe que não pode.

A menina olhou tão ternamente para a mãe e depois para a direção do sorvete.

– Por favor, filha, vamos pegar um táxi! – decidida, a mãe falou.

– Mamãe, é só um sorvete de casquinha, comerei com tanto gosto... – a pequena, com doçura, falou.

– Meu bem, você sabe de sua fragilidade... estamos saindo do hospital agora, minha querida... – a mãe tentou convencê-la.

A menina tanto olhava para o quiosque de sorvete.

– Por favor, mamãe! Deixo derreter bem na boca antes de engolir e ficará mais morninho.

– Meu amor, cuidamos tanto nesses últimos dias...

A mãe não teve como manter sua opinião. Olhou bem para a filha e lhe falou:

– Tina, compraremos o sorvete; minha razão tenta me impedir, mas meu sentimento me rende e possibilita essa ação.

– Oba, mamãe! Vou derreter bem antes de engolir e vai descer bem quentinho... e ficarei feliz e o doutor me falou que quando sentimos felicidade, o nosso corpo fica bem forte. Obrigada, mamãe! – os olhos da pequena se encheram de alegria.

E mãe e filha se aproximaram do quiosque de sorvete.

– Por favor, senhor, gostaria de um sorvete de chocolate – a menina olhou para a mãe e pediu com tanta alegria; seus olhinhos estavam sorrindo.

– Sim, senhorita! – o vendedor, com a animação que lhe era própria, respondeu.

– Mas não precisa ser muito sorvete, o senhor pode colocar só metade do tamanho normal – a menina sorriu e olhou para a mãe.

A pequena havia compreendido que o compromisso com a mãe era muito importante, pois se a mãe permitira o desejo, era de grande sensibilidade e compreensão que a filha cooperasse com uma atitude sábia e carinhosa.

E o vendedor entregou à pequena uma metade de sorvete de chocolate na casquinha. Tão feliz se sentiu a criança que deixava mais uma interação, que, mais uma vez, deixava o hospital.

No momento em que Tina pegou a casquinha, seus olhinhos viraram estrelinhas radiantes e todo um bálsamo de bem-estar foi solto pelo corpo infantil.

As duas buscaram, com passos calmos, o ponto de táxi. Voltariam para casa. Uma mão materna levaria a malinha de roupas e a outra mão estava dada com a mão esquerda da filha querida, pois a mãozinha direita carregava o delicioso sorvete de casquinha.

Quanta conquista e amor naquele ato.

A menina olhou para a mãe e falou:

– Obrigada, mamãe! Tão importante foi para mim e também tão delicioso está... hummm...

– Minha filha, tanto peço por sua felicidade... que Deus sempre a proteja!

– Ele já me protege, mamãe, pois mandou você como minha mãe, quem tanto me cuida e me ama.

Sorriram amorosamente e entraram no táxi.

– Você é que é o meu anjo, minha princesa querida – a mãe, emocionada, falou.

E as duas, no carro, seguiram para o lar que as esperava. Quase chegando a casa, a filha terminava o sorvete, demorou um pouquinho, pois derretia na boca antes de engolir.

– Que delícia, mamãe!

– Sim, meu bem. Era só um sorvete.

– Não, mamãe, era um sorvete de casquinha que tanto me deixou feliz e animada.

– Sim, filha! – a mãe concordou sorrindo e limpou o cantinho sujo de sorvete da boca da menina.

O que parece pouco para uns é infinito para outros. Quando se analisa a real situação deve-se buscar, também, a luz benéfica da história para sempre contentar o maior número de corações.

E o táxi parou em frente ao lar que as esperava. O cãozinho amoroso já estava ao portão, com tanta euforia as recebeu.

Outra oportunidade havia surgido para a pequena Tina e sua família.

Um Natal branco como o açúcar fininho

Se alguém perguntasse a Giovanni seu sonho a alcançar, de pronto responderia:

– Um bolo no formato redondo coberto com açúcar bem fininho.

Em meio às ruas estreitas e de pedras de um país da histórica Europa, o menino Giovanni se encontrava. Encaminhava-se a um lado, depois a outra extremidade da cidade. Engraxava perfeitamente os sapatos ofertados para o trabalho. E quando a oferta era pouca, ele, então, atentava-se aos sapatos dos transeuntes e conquistava seus donos para a atividade realizar. A família dependia de seu ganho.

O frio era castigante no dia 23 de dezembro em meados do século XX. Eram poucos os corajosos caminhantes desse momento. Alguns buscavam suas encomendas e outros ainda se aventuravam nas compras dos últimos presentes caros e desejados.

A neve não se intimidava e preenchia todos os espaços encontrados. As lojas, quantas luzes possuíam; as casas, a maioria delas com calefação, exibiam, pelos vidros das janelas, moradores felizes e satisfeitos com toda fartura permitida.

E com a caixa de seu trabalho nas costas, Giovanni também seguia para sua longínqua casa, no entanto, seu

lar. Não media a caminhada, os seus passos eram largos e rápidos, sua mãe o esperava. Mas passou no Panificio Supremo, nome dado à padaria, e pediu dois pães para levar.

As moedinhas separadas foram exatamente o preço pago, o restante guardaria em sua latinha.

E novamente neve e frio.

Os olhos do menino não se congelavam, na verdade, eram vivos e brilhosos, assim, como seu coração. No caminho, em vez de pensar em sua dificuldade, ele seguia conversando. Para quem o observava até podia pensar que ele falava sozinho; no entanto, dia desses, ele respondeu a um senhor curioso que fizera a pergunta:

– Falando sozinho, Giovanni?

– Não, senhor Paolo, converso com Jesus. Arrivederci!

E seguia com seus passos. E era muito feliz.

Finalmente, chegou à rua onde morava. Sua casa era a segunda, pequena, simplesmente um local para resguardar, descansar e abraçar a mãe tão amada por seu coração. Ficava bem pouco tempo, pois o estudo era matutino e a tarde e o início da noite eram tomados pelo trabalho que exercia desde os seus nove anos, o que já somavam quatro anos de trabalho em sua vida.

O casebre era acinzentado, pois em tempo algum recebera uma mão de tinta. Giovanni agora alcançou a única porta, estava somente encostada, como se mantinha em sua ausência.

Devagarzinho abriu. A luz do lampião iluminava com precariedade, mas mesmo mais fraca, era luz.

– Mamãe, já cheguei! – ele se anunciou com voz suave.

Encostou a porta, pois o vento trincava a pele e congelava os ossos.

Descansou a caixa de engraxate em frente à porta, forçando-a ainda mais a permanecer fechada; apenas o trinco não era tão confiável. Colocou o pequeno pacote de pão sobre a mesa.

Lavou suas mãos escurecidas pela graxa preta e marrom de seu ofício. Foi engatinhando para perto da mãe.

– Mamãe, aqui estou! Que saudade! – abraçou o corpo materno tanto e tanto.

– Meu filho! Minha única alegria!

Os braços do filho enlaçavam-na com o amor puro. Era a fortuna mais vultosa desta alma.

Sem muita força para falar ou se movimentar – devido à morte repentina do marido e pai de Giovanni que a abalara de forma incalculável – a mulher se encontrava débil e impossibilitada de reaver a vida dinâmica que tinha tempos atrás.

O menino, todos os dias, pedia em prece, junto da mãe, não a sua cura como mágica instantânea, mas que a mãe compreendesse a situação, aceitasse o andamento e fortalecesse a verdadeira fé, que de fato, move montanhas.

– Que dia é hoje, meu filho? – com voz fraca, a mulher perguntou.

– Hoje é dia 23 de dezembro. Amanhã é a véspera do Natal, mamãe – o menino respondeu radioso.

– Não há nada para celebrar – respondeu a mãe, com secura.

– Mamãe, há muito para celebrar. Estamos vivos, oportunidade para o progresso. Temos um ao outro. Temos também onde morar e o que comer. E quanto mais empenho para a vida, com mais alegria ela nos retribuirá. Vida é presente de Deus, mamãe – o filho se encantava com o sentimento embutido em seu coração.

A mãe é que, pelo menos naquele momento, se encantou com as palavras proferidas por uma voz tão jovem; entretanto, o olhar era antigo.

E aquelas palavras tocaram o âmago materno. As lágrimas foram a consequência.

– Meu filho, nem o bolo que você tanto gostaria de provar, não lhe posso presentear.

– Mamãe, antes de provar o bolo do qual tenho tanta vontade, gostaria mesmo de te encontrar com os olhos felizes e com a gratidão de viva estar. Quem sabe na noite de Natal... – o menino preferiu não completar.

Deu um beijinho na testa da mãe e foi arrumar o jantar, talvez prepararia um caldo ralo para comerem com pão. E assim aconteceu.

Mais uma noite passara e o novo amanhecer era presente.

Logo cedo, o menino partiu para o trabalho; por aqueles dias não haveria aula. Então aproveitou o tempo para ganhar um trocado a mais. E muitos foram os sapatos a mais engraxados. O coração natalino, certamente, suaviza os mais sofredores. A vibração de sentimentos mais amorosos gira de forma mais rápida e naturalmente se eleva. Como sempre deveria ocorrer.

E Giovanni sabia disso, pois preservava o sentimento completo no bem e no amor.

O dia findava e como passara depressa!

As moedas duplicaram no bolso do menino e com mais as que havia economizado poderia comprar o bolo redondo coberto com açúcar fininho. Foi isso mesmo que ele fez. Entrou na padaria e com sorriso largo e os olhos com a luz brilhante pediu:

– Por favor, quero comprar este bolo – apontou com o dedo sujo da graxa de sapato. – Vou comer com minha mãe agora na noite de Natal – o menino falou com grande satisfação.

O bolo estava embrulhado e pagou-o com muitas moedas economizadas no ano corrente.

Com quanta alegria aquele pequeno buscava o caminho de casa!

Chegou à rua onde morava, aproximou-se de sua casa. Abriu devagar a porta e logo se anunciou. A mãe não respondeu.

O lampião estava com a luz mais fraca do que de costume. Com o bolo nas mãos, procurou pela mãe na cama. O leito estava vazio.

Seus olhinhos, apreensivos, agora, começaram a se inundar com a lágrima da surpresa desencantadora.

Percebeu-se sozinho na casa simples, segurando o grande desejo nas mãos. Tantos pensamentos, simultaneamente, visitaram seu coração e sentiu-se...

– Meu filho, você já chegou? – a mãe entrou perguntando.

O filho viu a mãe e suspirou de alegria ao percebê-la em pé, chegando à porta.

Devagar colocou o bolo na mesa e observou dois pratos, talheres e dois copos também sobre ela. Mais adiante avistou algumas panelas no fogão.

A mãe, com um pouco de dificuldade por tanto tempo sem energia para viver, aproximou-se do filho e falou:

– Fui buscar um pouco de sal na casa da vizinha, pois não havia suficiente para temperar a nossa ceia, meu filho – a mãe, emocionada, falou.

O filho abraçou a mãe querida como se houvesse apenas aquele tempo para estarem juntos; intensamente amoroso.

– Giovanni, filho querido, há momentos em nossa vida em que enfraquecemos, sofremos e fazemos sofrer; porém, a luz de Jesus sempre brilha, como você fala. E há os anjos para nos lembrarem disso e esses anjos não possuem asas,

eles estão bem pertinho e convivem conosco. Obrigada, meu anjo querido – a mãe o abraçou e o beijou incontáveis vezes.

Olhando para cima, o menino agradeceu profundamente a oportunidade, sem se recordar, de encaminhar o filho, enfraquecido na fé espiritual, confiado no passado e transformado na mãe do presente.

E os dois enxugaram as lágrimas e se sentaram à mesa para a primeira ceia de Natal revigorada na fé. Comeram juntos a comida simples e pouco diversificada, mas com o mais lenitivo bálsamo: o amor.

Após o jantar, o menino desembulhou o seu presente, na verdade, para a mãe.

– Olhe só, mamãe. Um bolo inteirinho! É para você.

– Não, meu filho. É um desejo seu.

– Não, mamãe. Há muito tempo, papai me contou que quando você era criança tinha o grande desejo de poder comprar um bolo assim... inteirinho e até agora você não pôde. E hoje, nesta noite de Natal, quero lhe presentear com este bolo redondo coberto de açúcar fininho com que tanto sonhou. É para você, mamãe – o filho, amoroso, falou.

– Meu menino, meu anjo, minha felicidade e meu incentivo para viver. Quanta alegria você me traz! – a mãe beijou a cabeça do filho.

O menino cortou o primeiro pedaço e colocou-o no pratinho, amassado, de alumínio das refeições diárias e ofereceu à querida mãe.

– Feliz Natal, mamãe!

E lá fora, a neve caía trazendo a brancura da paz em conformidade com o amor no interior do lar.

Um espírito acompanhando os laços da Terra

O tempo físico computado somava quase cinco anos completos de sua partida. Senhor Luttemberg, cuja última existência se dera em Viena, Áustria, recebera notícias de seu grupo familiar, mas visitá-lo ainda não tivera oportunidade. Ele pôde, em algumas ocasiões permitidas, acompanhar momentos de seu lar terreno, de seus entes queridos, ocasiões essas, vistas, de onde o senhor Luttemberg se encontrava, no plano da erraticidade.

Em vezes inúmeras, esse senhor que fora tão respeitado por sua conduta reta e trato amoroso na última existência física, características já conquistadas por seu espírito, questionava-se quanto mais poderia ter realizado em benefício da família que se desmantelava diante de entardeceres e alvoreceres.

E de onde estava, sem muito poder cooperar, sentia muito pela situação vivenciada pela família que a cada dia se desestruturava por atitudes, palavras e sentimentos tão despropositados do caminho do bem e do amor.

O senhor Luttemberg, triste e inconformado, ainda de fato, sofria pelo valor exacerbado que, principalmente, os filhos davam ao dinheiro e a posições sociais; tudo isso é momentâneo e terreno. Os filhos, sobre qualquer situação ou pessoa, passavam por cima, e quanto mais se

ratificavam essas situações, maior era a sua tristeza. Não sabia o que poderia fazer.

No local onde se encontrava para seu bem-estar e equilíbrio, entendimento e progresso, o senhor cultivava, com carinho, a amizade mais próxima e enobrecida de dois amigos; eles estavam há mais tempo por lá e já podiam orientar alguns companheiros que necessitavam de amparo e de fortalecimento para a seara do bem e do amor.

E numa dessas conversas, o senhor, muito infeliz com o que lhe fora mostrado sobre sua família, perguntou e pediu aos amigos:

– O que eu poderia fazer para ajudar meus entes queridos que se encontram no campo tão arraigado ainda das paixões, do orgulho, do vício? ... Por favor, me ajudem!

– Caro Luttemberg, estejamos com fé renovada e a prece incandescida. Tanto é necessário apaziguar, com o pensamento harmonioso, o coração dos irmãos que se encontram em desatino moral, emocional. Todos nós já vivenciamos fases de enorme desajuste, no entanto, são degraus rumo ao progresso. Uns demorarão mais e outros menos sofrerão por fazerem o percurso em menor tempo também. Toda ação implica a reação para essa energia e tudo atrairá conforme o que propagar. Acalmem-se, irmão! É importante que procure se restabelecer e, assim, se sentirá melhor e mais poderá ajudá-los – Heitor, um dos amigos, esclareceu-lhe.

– Sim, amigo. Agradeço-lhes as palavras e a vibração fraterna e amorosa que me direcionaram.

Luttemberg pediu licença e se retirou. Precisava pensar um pouco e também serenar as ideias.

Num jardim onde as flores são tão lindas, os pássaros são tão belos e aquela natureza, incomparável, se comunicava por sorrisos e uma linguagem inteiramente amorosa, o senhor se sentou num dos bancos e se pôs a admirar a riqueza divina da esfera onde agora era sua morada. Os peixes, no pequeno lago do jardim, eram ternos e a vibração sentida era tão positiva e elevada como tudo no local. As flores eram inigualáveis e pareciam conversar tão amistosamente entre si. A vida emitia um brilho que os olhos humanos desconheciam; em todo lugar a claridade de paz e bem-estar se encontrava.

O senhor Luttemberg foi envolvido por uma luz calmante e amorosa e tanto se sentiu em harmonia e feliz. Compreendeu, com a lucidez das ideias, que todos são eternos e perfectíveis, e sua preocupação não ajudaria nenhuma das partes. Reequilibrou-se e fortaleceu-se com a prece amparadora aos entes ainda no plano terreno. Rogou ao Pai, ao Mestre querido, mas sempre antes com o pedido de permissão, que sua família recebesse socorro e a benéfica intuição para que, aos pouquinhos, entendesse e assimilasse o caminho novo e verdadeiro, real para a felicidade.

Ele se sentiu mais feliz por tanta alegria e pelo recebimento de mais uma dádiva, o bálsamo da clareza e compreensão. Olhou para o lado e a uma distância aproximada de três metros à sua direita, estava, uma garotinha linda, com seus cinco anos.

– Vovô, em breve irei para a jornada de mais uma existência na Terra. Serei responsável pela melhor condução e união de nossa família – a linda menina aproximou-se e abraçou tão docemente o avô.

No prazo de alguns meses, Luttemberg recebera a notícia de que sua filha estava grávida e teria uma menina, como primogênita.

Toda a família terrena, após a notícia, passou a ter, mesmo que ainda sutil, uma transformação benéfica no comportamento. E um dos propósitos a alcançar da pequena menina, espírito milenar, seria o de levar o amor aos mais recônditos lugares e às mais implacáveis criaturas, iniciando por seu núcleo familiar.

Seu nome de batismo seria Amélie, mas seria conhecida mundialmente como irmã Maria Amélia Auxiliadora, a peregrina do amor aos corações endurecidos e ao mesmo tempo tão carentes.

A ordem divina é primorosa e perfeita. Há sempre o motivo a encerrar o entendimento. Tudo é assistido e orientado e a visão é plena em todas as suas possibilidades. O que sempre caberá a cada espírito é a sua responsabilidade perante seu eterno caminho.

A todos, rege o mesmo princípio, mas são as decisões que implicarão a estrada íngreme ou o passo mais suave.

É o mesmo céu sobre a planície; é o mesmo sol a brilhar na manhã; é a mesma lua a iluminar o campo e a cidade; é a mesma vida a pulsar no universo.

E em sua jornada, a irmã Maria Amélia Auxiliadora levará o bálsamo do amor compreendido ao maior número de irmãos.

Uma garotinha em busca de um mundo melhor

Era hora de Abele ir para cama, estava com sono. Fora mais um dia repleto das atividades rotineiras: balé, aula de inglês, escola.

Mesmo com nove anos, era bastante independente e cumpridora de seus deveres. Escovava os dentes sem a mãe pedir... incrível; preparava a cama para dormir; tomava água antes de se deitar, pois aprendera na aula de Ciências que esse hábito era benéfico para o corpo; dava boa noite para os pais e para o irmão Enrico, quatro anos mais velho.

Estava de pijama de flanela e meias; a neve suave era intermitente. Já no quarto, viu Klaus que a esperava, seu grande companheiro.

Deitou-se e, olhando pela janela a descida suave dos floquinhos, fez sua oração sem muita demora, mas suficiente para agradecer o proveitoso dia.

Suspirou e falou:

– Oi, Klaus. Desejo que o seu dia tenha sido muito bom... para mim, foi um ótimo dia.

Seu amigo a olhava com ternura e sorria. Aproximou-se um pouquinho mais da menina.

A amizade começou há quatro anos quando se encontraram pela primeira vez; essa era a contagem de Abele. Klaus foi quem viera ao encontro da garotinha.

O jovem lhe contou o que fizera durante o dia e sempre relatava os acontecimentos importando-se mais com o aprendizado a passar adiante.

– Em todos os lugares pelos quais passei, procurei deixar mais amor para aliviar a tristeza. Um momento chegará no qual o carinho e a paz serão comuns para todos nós, querida Abele.

Os olhinhos da menina brilhavam ouvindo o amigo.

– Klaus, às vezes, fico pensando por quanto sofrimento algumas pessoas passam... umas vivem mais tranquilamente, mas outras... nem dá para entender – a garotinha lamentou.

O amigo a ouviu com afeto e logo falou:

– Sim, Abele. Há ainda muita dor... tanto física quanto moral... espiritual. Mas, em meio ao desequilíbrio, pode não parecer, porém, muitas coisas estão melhorando.

– Hoje, na escola, a professora nos perguntou como poderíamos viver uma vida feliz... Eu não soube responder direito, só falei que para uma vida feliz penso que é bom ter paz e não xingar e nem brigar... porque quando brigo com alguém, Klaus, fico com minha cabeça pesada, dor na barriga e sentindo um vazio, mas não é vazio de fome. Quando estou bem com meus amigos e minha família... fico leve e feliz – Abele explicou.

– Isso mesmo, a harmonia entre as criaturas surge quando o respeito está presente e esses são características do amor. Quanto mais carinho você doar ao mundo, mais carinhoso ele ficará... assim ocorre com qualquer sentimento... o que doamos, também receberemos – Klaus começou a falar.

– A professora pediu para perguntarmos à nossa família, como poderemos viver uma vida mais feliz. Mamãe e papai já responderam, e gostaria que você me respondesse... você tem um jeito de falar que me dá bem-estar e paz. Você pode responder? – a menina pediu.

Klaus sorriu com doçura para a garotinha. Ele estava sentado bem pertinho de Abele.

– Posso responder, sim. Todos somos filhos de Deus, então, somos irmãos. O que nos desejamos de bom também o nosso irmão gostaria de receber. É muito agradável ser tratado com amor, respeito, carinho, honestidade e ternura. Algo também muito importante é cuidar do nosso sentimento, nossa atitude e nossa palavra. Se plantamos uma florzinha de qualquer jeito, sem cuidado, dificilmente, ela nascerá, e se nascer será fraquinha e logo morrerá, mas se dela cuidarmos com muita consideração e compromisso, será uma forte e bonita flor – deu uma pausa. – Se você pegar uma bolinha e jogá-la contra a parede ela voltará com a mesma força que foi jogada. Tudo funciona a partir de uma lei chamada ação e reação. Então, para viver feliz, querida Abele, deve-se pôr

em prática o que se deseja receber – o jovem amigo começou a explicar.

A garotinha, deitada de lado, escutava com tanta atenção as palavras do jovem rapaz.

Ele continuou:

– Por isso há tantas coisas simples que muito nos ajudam e podemos realizar, como a oração diária, o respeito à vida, o cultivo dos bons pensamentos e boas palavras, a realização ao outro do que desejamos a nós, a preservação da natureza, a proteção dos animais, a paciência com quem mais precisa e menos conhece e a consideração com quem pensa de forma diferente. Todos conquistaremos o progresso, mas cada um em seu tempo determinado. E tão precioso é lembrar que Deus, nosso Pai, sempre sabe tudo sobre seus filhos e sempre os amará com o mesmo amor... e, minha querida Abele, amar mais é sempre a receita para a felicidade. Se colocamos em prática as boas ações e palavras e os bons sentimentos, tudo ao nosso redor será abençoado com benéfica energia e, assim, seremos felizes e contribuiremos para a realização de um mundo melhor – o jovem amigo pareceu concluir.

– Quantos ensinamentos, Klaus... e sem nos esquecermos de que Jesus é o nosso bondoso amigo e irmão – a menina falou.

– Sim, Abele, Jesus é a nossa linda luz na vida.

Os olhinhos da garotinha começaram a se fechar, o sono estava chegando e o ambiente, naquele lar, tão

amistoso, pois aquela família muito já fazia por um mundo melhor.

– Boa noite, Klaus. Até amanhã. Que você tenha lindos sonhos – Abele, quase dormindo, falou.

– Boa noite, minha querida. Sejam lindos e protegidos o seu soninho e seus sonhos. Que possa assimilar todo o ensinamento e ser cada vez mais essa estrelinha brilhosa da manhã – o jovem amigo desejou.

Klaus passou, carinhosamente, a mão na cabeça de Abele e, com suavidade, foi se afastando até que desapareceu para logo, em outro lar, amparar outros irmãozinhos para se transformarem também em estrelinhas que irão contribuir para a ascensão do Planeta.

Por muitos, esses amigos são chamados de anjos da guarda, outros mais os chamam de espíritos protetores, ainda são denominados imaginários, mas de fato existem e podem ser melhor entendidos como irmãos emancipados pelo amor e grandes trabalhadores da seara de Jesus.

A pequenina que aprendeu a compartilhar

Veio de muito longe, não sabia de onde. Algumas pessoas, durante o longo percurso, deram algo para ela comer e água para beber. E se instalou numa rua calma com casas grandes e muito bonitas. Já era quase noite quando chegou. Encolheu-se na calçada em frente a uma notável casa branca com belo e cuidado jardim. Ficou bem encolhidinha em frente ao portão pequeno, ao lado do da entrada da garagem.

Seus olhos, um pouco desesperançosos e solitários – pois quem a adotara, simplesmente não a quis mais e a colocou na rua –, imploravam, lacrimosos, por alguma atenção; ela precisava tanto de comida e de carinho. De repente, uma pequena cachorrinha com pedigree da luxuosa casa branca percebeu a presença daquela simples e grande cachorrinha de rua e, sem perder tempo, anunciou a estranha presença com um latido irritante e persistente. Um de seus donos apareceu para ver o que era, observou a pobre cachorrinha do lado de fora, mas nem se importou com ela. Pegou sua pequenina de raça com tanto amor e carinho e fechou a porta na cara da pobre cachorrinha abandonada.

Aquela noite foi bem fria, mas finalmente os raios de sol começaram a aparecer para aquecer o animalzinho sem um lar que passara a noite no relento frio e úmido. Ela

olhava para a porta, tinha a esperança de alguém abri-la e alguma coisa lhe ser oferecida... um pouco de água, um cobertorzinho e alguma comida, mas apenas o que aconteceu foi o latido da cachorrinha moradora. E os olhos bondosos da vira-lata encontraram os da pequena com pedigree. Mais uma vez, o dono a chamou e fechou a porta sem sequer querer perceber a doce criatura na calçada.

A pequena moradora, muito curiosa, insistia em observar a outra cachorrinha do lado de fora. Pela terceira vez, ela correu para a frente da casa, mas sem latir, pois compreendeu que se não fizesse alarde, poderia ficar mais tempo para conhecer melhor a visitante da hora. E as duas, com um pouco de estranhamento por parte da com pedigree, começaram a se cheirar através dos vãos das grades. A cachorrinha abandonada tinha pura bondade no olhar. Assim, a com pedigree logo voltou para dentro, estava com fome e foi até sua tigelinha sempre com ração boa e fresquinha.

Ninguém, até aquele momento, havia oferecido qualquer coisa que fosse para a doce criatura na calçada; pelo menos o sol a aquecia.

Durante a refeição da pequenina com pedigree algo muito especial aconteceu. Ela, aparentemente, apenas com o instinto de satisfazer sua fome, sentiu-se sensibilizada com a pobrezinha do lado de fora. Parou de comer, bebeu um pouco de água e correu para ver se a outra cachorrinha ainda estava na calçada. Depois de constatado, ela, então,

correu até sua tigela e, com cuidado, levou-a arrastando pela boca até a direção do vão da grade onde a cachorrinha abandonada estava. Em seguida, correu para buscar a outra tigela com água que, mesmo com cuidado, chegou quase sem nada. Mas, por infelicidade, as tigelinhas eram maiores do que o espaço entre um ferro e outro. Os olhos da cachorrinha abandonada baixaram: “O que será de mim?”, pareceu ser o seu pensamento. No entanto, a pequenina com pedigree não desistiu e seus olhinhos se tornaram ainda mais brilhosos, havia tido uma ideia.

Ela olhou bem nos olhos da grande vira-lata e, decidida, pegou um grãozinho de ração e se aproximou do vão para dar na boca da cachorrinha bondosa na calçada. E, assim, muitos grãos alimentaram, com consideração e carinho, a visitante. A delicadeza com que uma doava e a outra recebia era muito emocionante de se ver, como ocorreu com o dono que, de dentro da sala através do cantinho da janela, observou toda a atitude amorosa.

Depois de comer, ficou com sede, mas a pequenina de dentro não teve nenhuma ideia para dar a água. Uma sombra bem grande surgiu sobre as duas, era o dono da menorzinha. A cachorrinha de fora abaixou a cabeça, estava com medo do que lhe pudesse acontecer. A com pedigree abanou o rabinho e sorriu com os olhos ao vê-lo.

O homem, com calma, abriu o portão e a sua pequenina ficou do lado de dentro e a vira-lata, apreensiva, ouviu as seguintes palavras:

– Chega de sofrer! Venha, minha querida, entre no lar que, a partir de agora, também será seu.

A cachorrinha maior, ainda um pouco assustada, entrou devagar, receosa, bebeu o restinho de água da tigela, recebeu um afago na cabeça do seu novo dono e ao lado da pequenina de latido insistente e irritante caminhou para a sua nova vida.

Haverá as infelicidades e as decepções, mas o amor sempre existirá para curar as dores de um coração.

A mais sublime arte: amar neste instante

Eram dois irmãos: Ian e Iasmin. O jovem chegara aos quinze anos e a linda e carinhosa irmã contava oito. Viviam num bairro comum, numa cidade sem grande destaque de indústrias, nem de desenvolvimento. Seria apenas uma cidade como tantas outras, se não fosse o encanto de uma pequenina cidadã, irmã, ternura e amor, exatamente, em pessoa.

Na casa moravam os dois irmãos, pai e mãe, uma calopsita, graciosa, chamada Bela e um cão conhecido como “Voa Raso” – este nome foi dado por Iasmin, pois quando Bob, seu nome de batismo, via um passarinho ou pombinha, ele abaixava o corpo, arrastava-se e, sem ser percebido, avançava rapidamente contra seus pobres irmãos da natureza; mas ele aprende. E por isso, de tanto observar e achar graça, a linda menina o rebatizou de “Voa Raso”. No entanto, Iasmin não achou nem um pouco de graça quando Bob alcançou um passarinho e... pobrezinho! A menina, então, explicou ao cão que aquilo não era certo de se fazer, também deu uns gritos com ele, que encolheu tanto as orelhas que parecia estar de toca. Uns irmãos ensinando outros... é a vida.

Esse acontecimento, Iasmin também relatou ao irmão Ian, como sempre fazia nas outras ocasiões.

Desde pequenina, seus olhinhos brilhavam com o mais puro dos sentimentos quando avistavam Ian, o amado irmão. E com o passar do tempo, esse amor se fortalecera a cada novo amanhecer, a cada novo anoitecer. A mãe, em determinados casos, precisava interceder, pois os abraços de lasmin em Ian eram tão apertados e demorados que para o irmão parecia faltar o ar.

E logo corria a mãe para desatarracar a menina do irmão. Ela queria abraçá-lo tão fortemente a ponto de, no sentido conotativo, colocá-lo em seu coração.

Conforme lasmin crescia, compreendia mais a situação da família, em especial, a do irmão. Ele nascera com um tipo muito raro de paralisia e desde o nascimento permanecia no leito, quase imóvel; entretanto, tinha aparente entendimento do que ocorria, conhecia perfeitamente sua família e, pelos olhos, demonstrava sua emoção. Mas a irmã afirmava total compreensão e que ele ainda a demonstrava de outras maneiras.

– lasmin, filha querida, você vai sufocar o seu irmão – a mãe falava preocupada.

– Não, mamãe. O Ian gosta de abraço bem apertado, não é, irmão? – a menina pedia a comprovação.

lasmin perguntava, conversava, respondia por ele de tanto já conhecer o amado companheiro. Com os anos, ela mais o compreendia e o amava.

E nas idades em questão, de oito e quinze anos, estava o melhor relacionamento fraternal que se podia presenciar.

Todas as coisas novas que lasmin conhecia, correndo compartilhava com Ian. Um dos casos foi o de um pequeno pandeiro trazido por um parente do vizinho. Quando o amigo mostrou-o à menina, ela imediatamente pediu para levá-lo ao querido irmão.

– Ian... Ian... Olhe o que trouxe para você conhecer... um pandeiro... ele faz barulho... ouça... – lasmin, um pouco descoordenada, bateu várias vezes no instrumento.

O rapazinho, de certa forma, se assustou, verificado pela piscadela dos olhos, mas, de repente, o canto direito da boca esticou levemente.

– Sabia que você ia gostar! – a irmã, tão alegre, constatou.

lasmin identificava todos os movimentos faciais que o irmão fazia.

Então não se contentava apenas em mostrar o objeto, ela levava-o para o irmão tocar, sentir a textura, a temperatura.

Pegou, com delicadeza, a mão do irmão para sentir o pandeiro, explicou cada parte, como alguém lhe havia explicado, e, por fim, levemente, os dedos de Ian bateram no instrumento reverberando um som interessante que o rapazinho sorriu do jeito que só lasmin reconhecia.

A mãe ouvindo o barulho correu até o quarto dos irmãos e, afobada, perguntou:

– Filha, o que está fazendo?

– Trouxe o pandeiro para o Ian conhecer – a menina respondeu com toda graça e felicidade.

– Meu bem, deixe-me lhe explicar mais uma vez... Ian não percebe as coisas como nós percebemos... ele tem limitações e, às vezes, essa euforia e acontecimentos podem incomodá-lo, compreendeu? – a mãe, explicando, perguntou.

– Está bem, mamãe... compreendi – lasmin concordou e respondeu logo.

A menina sabia que o irmão a compreendia mais que tudo e ela o conhecia mais que ninguém. Ela só assentiu para não ter de ouvir o discurso materno novamente, pois de tanto lasmin levar ao irmão as novas coisas, os discursos maternos eram corriqueiros.

– Deixei a panela no fogo... cuide de seu irmão! – a mãe pediu e foi até a cozinha.

– Está bem, mamãe – a menina respondeu e já soltou um sorriso gigantesco para Ian.

E de fato, os sorrisos de canto da boca do rapazinho só surgiam quando estavam apenas irmão e irmã – cumplicidade da vida.

A menina tirou os chinelinhos e logo subiu na cama do irmão; era um leito reforçado e com grades, um berço grande.

Sem se mexer nem dizer uma palavra, mas lasmin sabia que o irmão estava feliz, aliás, ela sabia que ele adorava quando ela trazia as coisas novas, contava estórias, relatava

os fatos e descrevia alguma imagem de além das paredes do quarto.

E de um jeito tão particular, a irmã acariciava o rosto do irmão e se deitava bem do seu ladinho segurando, com ternura mais plena, uma de suas mãos. Eram dezenas de minutos a logo formarem a primeira hora, depois vinham as outras mais que os dois seres fraternos tanto apreciavam e amavam.

Nesta mesma tarde, deitadinha ao lado do irmão, lasmin sentiu vontade de descrever-lhe o momento de quando ela fora à praia pela primeira vez.

A tia Maria, irmã caçula de sua mãe, a levava para conhecer o mar nas últimas férias. De fato, a menina aproveitou muito, mas em todos os dias, nas partes dos dias, em toda a viagem, a menina pensava em seu querido irmão e em como ele se sentiria num lugar tão maravilhoso como aquele.

Se Ian não poderia ir à praia, o mar e a sua beleza viriam até ele por meio das palavras, da imaginação e do amor de lasmin.

E irmão e irmã, deitados juntos, participando do mesmo momento, naturalmente, a narração começou a surgir.

lasmin, segurando uma das mãos fraternas, iniciou mais uma vez uma das muitas histórias para Ian.

– O primeiro dia que conheci o mar... foi lindo, Ian. Antes pisei a areia... hum, ela era bem fofinha, parecia uma

quantidade enorme – abriu os bracinhos – do leite em pó que você toma e até a cor era parecida. Depois, afundei meu pé nesta imensa quantidade de areia – ela sempre olhava para os olhos do irmão, e esses olhos eram calmos. – Quando vi aquele tanto de água, corri para a beirinha e senti a água molhando os meus pés... sabe quando a mamãe te dá banho e ela molha primeiro o seu pé, então, assim mesmo. Mas a água era salgada, gosto do sal que a mamãe põe na sua papinha... e fica aquele gostinho gostoso... e você sabe que a mamãe sempre me dá um pouquinho da sua comida?... é uma delícia! – os olhos da menina sorriam.

A mãe entrou no quarto para saber se estava tudo bem.

– Filha, de novo você está na cama do seu irmão? – a mãe perguntou.

– Sim, mamãe! O Ian sempre me pede para contar o que acontece lá fora – a filha respondeu tão simplesmente.

– Iasmin, você sabe que é feio mentir – a mãe, um pouco severa, falou.

– Não estou mentindo, mamãe!

– Seu irmão não fala, você sabe disso!

– Ah, mas entendo tudo o que ele me diz com o seu olhar, o seu jeito... conheço muito bem o Ian, mamãe. Ele é o meu irmão – Iasmin ao lado de Ian, falou com segurança.

– Está bem, filha! Mas não o sufoque, você sabe que ele precisa ficar nesta exata inclinação – a mãe, cuidadosa, falou.

– Eu sei, mamãe! Pode ir para lá que nos entendemos muito bem, não é, meu irmão lindo?! – a menina falou.

– Tudo bem! Mas cuidado, hein!?! – a mãe reforçou.

– Fique tranquila, mamãe... tchau, tchau – disse a menina.

E a mãe presenciou, mais uma vez, aquele especial amor fraterno e saiu para a cozinha.

– Então, Ian... a mamãe nos interrompeu... mas continuarei... e o sol é bem quentinho como quando a mamãe seca o seu cabelo com o secador e sai aquele vento bem morninho – deu uma pausa. – Brinquei muito na água e na areia. Depois a tia Maria me comprou um sorvete... gelado como a pedra de gelo que trouxe para você conhecer a semana passada. Hum... lá estava bem legal – e os olhos da menina se encheram de lágrimas. – Mas faltava você, Ian – e um chorinho baixo surgiu. – Queria tanto que você tivesse ido comigo, que pudesse brincar, tomar sorvete, brincar no mar, passear, andar na areia... – e a irmã não se conteve e chorou sentida por tanto amor pelo querido irmão.

E lasmin abraçou-o tão encantadoramente e disse quanto o amava e quanto era lindo... bonito... inteligente... carinhoso e tantas mais qualidades.

Os olhos do irmão também se encheram de lágrimas cheias de ternura, mas sem o som da palavra, se bem que o amor não precisa de nenhuma palavra, pois já é o mais grandioso sentimento.

Assim, os irmãos ficaram carinhosamente juntos, e de nada mais precisavam... apenas a companhia um do outro já era a felicidade para ambos.

A noite começava a chegar; então, lasmin beijou a testa do irmão e foi para o banho; o papai logo estaria em casa e ela precisava estar limpinha.

Os três jantaram e compartilharam o momento. Ian sempre era o primeiro a se alimentar, portanto, já estava bem alimentado em sua cama.

lasmin ajudou a mãe com a louça; o pai foi passar um tempo, no quarto, com o seu menino. E mais um dia findara.

E um novo amanhecer nasceu.

A mãe estranhou o silêncio na casa; lasmin sempre tinha muita energia... e agora tudo estava tão quieto!

– É capaz de lasmin estar deitada junto com Ian – a mãe pensou em voz alta.

Chegou ao quarto onde os filhos dormiam. Ian já estava com os olhos abertos. A filha estava deitadinha em sua cama.

– Que estranho! lasmin ainda não acordou! – a mãe pensou alto mais uma vez.

Logo, a mãe foi cuidar do filho. Fez a higiene e trocou-o de roupa. A mãe estranhou muito e foi chamar a pequena.

– Filha, acorde, meu bem! Ian já acordou! – a mãe falou com carinho.

A menina não se mexia e estava tão serena.

– Iasmin! Filha! – a mãe começou a se desesperar. – Filha, acorde! Iasmin...

E a filha não mais podia responder. Ela, como um pequenino filhote de passarinho, sem mais a energia terrena, não mais pertencia a esta dimensão... partira voando levemente para a continuação de seu progresso. Iasmin agora poderia ser vista entre as estrelas sorrindo o sorriso mais lindo como os que sorria para Ian, seu irmão amado.

A mãe abraçava o corpinho frágil e dizia quanto a amava e quanto era uma filha tão querida e uma irmã tão amorosa... e era muito criança para deixá-la.

O pai, ouvindo o choro, correria para o quarto e, presenciando a cena, chorou como a criança que estava embalada nos braços maternos. Os pais se abraçaram com a filha entre eles.

Aquele quarto fora cenário de tanto amor, fraternidade, ternura, compreensão e agora, de momento imensamente delicado: a separação de um ser tão querido, um filho.

E como sempre Iasmin falava, – “Ian entende tudo” – o jovem rapazinho estava quase imóvel em sua cama, mas

com os olhos cheios da lágrima mais eternizada por ter sido extremamente amado por uma criança de espírito tão nobre e amparador.

A menina ensinou o irmão a olhar pela janela e apreciar as estrelas no alto céu; quem sabe já previa sua partida e deixou para o irmão o mais eterno brilho: o das estrelas. Na verdade, era uma delas.

Ismin aprendeu rapidamente que o amor deve ser demonstrado hoje, pois do amanhã não se tem notícia... só vivendo. Por isso, ela amou tanto o seu irmão Ian.

E a luz se fez forte na partida de um anjo.

Janelas que se abrem na noite de Natal

Os enfeites de Natal eram de muito bom gosto. A casa estava belamente decorada tanto interna quanto externamente. A família receberia convidados para a ceia, portanto, houve muito trabalho a fazer.

Na requintada residência, moravam Edgard, pai e esposo; Haydée, mãe e esposa; Frederico, filho de onze anos e inúmeros funcionários para manterem sempre, em perfeita condição, a ordem e a limpeza impecáveis na qual se encontrava a luxuosa mansão.

Era uma família feliz, cujo respeito sempre houve, assim como o amor e a preocupação com o bom comportamento e aquisição de cultura. A religião também era operante naquele núcleo familiar.

A governanta Louise vira Frederico nascer e tinha por ele um grande afeto. Embora ele sentisse grande simpatia também pela senhora, aliás, mulher com grande educação em todo aspecto, o menino sentia um carinho admirável pela cozinheira, Laurin, e por seu esposo, o motorista, Ludovic.

O casal não tivera filhos, talvez por motivos ocultos ou por simples escolha. Eles se conheceram na casa onde ainda hoje trabalham e, em pouco tempo de conhecidos, iniciaram uma vida comum a dois. O casal completara recentemente três décadas e meia de união, pois

começaram quando os patrões eram ainda os pais de Edgard.

E na véspera deste Natal, haveria comida muito saborosa e sofisticada feita pelas mãos de Laurin e acompanhada de todo seu amor, pois cozinhar era uma amada arte para a mulher.

Tudo estava pronto, e devido à época muito fria e nevosa, o finalzinho de tarde já era noite há muito tempo.

A família estava pronta. Os três estavam muito bem vestidos e penteados, nobres anfitriões. Todos os funcionários estavam com o uniforme de gala e com simpático sorriso no semblante.

Os primeiros convidados começaram a chegar e foram recepcionados com muita alegria e consideração. Até um jovem pianista fora contratado para tocar canções natalinas. De fato, tudo estava maravilhoso e impecável.

Para as crianças, havia muitos presentes, brincadeiras e animadores, no entanto, a diversão era um pouco contida, nada de gritaria, nem correria pelos ambientes decorados. Todos os convidados estavam se valendo da ocasião tão proveitosa que o momento oferecia, pois a família anfitriã era de posição social influente desde gerações.

Os funcionários, sempre muito cordiais e atenciosos, serviam primeiramente os quitutes requintados, acompanhados de bebidas caras e todas da mesma região mais ao Sul da Europa.

A casa estava cheia e o amor também era muito presente.

Frederico, como os pais, era um anfitrião muito gentil; o exemplo é o melhor ensino. Atentava-se para que as crianças estivessem se divertindo e realmente estavam.

Pelas janelas de vidro em forma de pequenos quadrados, via-se a neve cair e deixar o campo em paz, bem branquinho. As luzes dos postes e casas estavam acesas e significavam a vida pulsando em cada lugar.

No momento em que se anunciou que o jantar seria servido, a campainha tocou.

– Deve ser algum convidado atrasado devido a um imprevisto. Por favor, senhora Louise, abra a porta – pediu Edgard.

– Sim, senhor – a governanta respondeu.

Com elegância, senhora Louise se encaminhou e abriu a porta. Ela já recebia, com sorriso, o possível convidado; era o guarda da rua para avisar que o carro de um provável convidado estava com o farol aceso. Logo, tudo se resolvera e o jantar iniciou.

A comida era muito variada, saborosa e com apuro extremo. Quem quisesse poderia se servir, ou então, poderia ser servido por um dos funcionários de prontidão. Realmente, a ocasião estava perfeita.

Mais uma vez a campainha tocou. As pessoas nem perceberam, ou mesmo, não se importaram, deveria ser outra vez o guarda para algum aviso. Somente a

governanta se dirigiu para atender. Abriu e, dessa vez, não era a mesma pessoa da vez anterior.

– Boa noite, o que o senhor deseja?

– Boa noite, senhora. Há tempo tento entregar uma carta neste local... uma carta escrita há muitos e muitos anos – o homem, de aproximadamente setenta anos, respondeu.

Senhora Louise o observou e, antes que alguém o percebesse, ela lhe pediu que entrasse pela lateral da casa e chegasse à porta dos fundos. Ele aceitou e seguiu discretamente.

A governanta avisou alguns funcionários que estaria na cozinha para resolver a inesperada situação. Na cozinha, Laurin estava cuidando para que não faltasse comida durante o jantar e Ludovic estava sentado ao canto da mesa, fazendo companhia à esposa; o casal já havia jantado antes.

Então, a senhora Louise recebeu o senhor, desconhecido, pela porta dos fundos.

Quando os olhos do senhor se encontraram com os de Laurin, foi como se algo completamente impensável estivesse ocorrendo naquele instante. A cozinheira até se afastou um pouco.

– Não pode ser! – exclamou Laurin.

– O que está acontecendo? – a governanta perguntou para tentar compreender.

– Nada, não, senhora Louise – Ludovic tentou apaziguar, pois conhecia toda a história, embora não tivesse vivenciado, no entanto, conhecia Ernest, o antigo motorista da família, que estava à sua frente.

– Mas vocês se surpreenderam...

A governanta não concluiu e logo saiu, pois ouvira o suave sininho da sala de jantar solicitando a sua presença.

– Ernest, o que faz aqui? – Laurin perguntou, quase apavorada.

– Durante muitos anos, procurei por este endereço e finalmente consegui chegar, pois foram tantas as dificuldades. A casa ainda está com a mesma família, ou melhor, seus descendentes – o senhor falou.

– O que quer fazer? Já se passou todo esse tempo... – com os olhos lacrimosos, a senhora cozinheira falou.

– Quero apenas entregar a carta do antigo patrão, senhor Edgard, pai. Ele me deixou essa incumbência; eu sinceramente precisava realizar – deu uma pausa. – Ele a escreveu pouco antes de morrer, penso que desejava esclarecer algumas situações. E também quando se compartilha, o alívio normalmente acontece – Ernest concluiu.

– Tanto tempo se passou... e justo na noite de Natal? – Laurin perguntou chorando.

– Não há como evitar... Gostaria de somente entregar a carta...

– E arrasar uma história inteira de família? – Ludovic, severo, questionou.

Nesse momento, em que a discussão, mesmo ainda reprimida, começou a se tornar mais declarada, a senhora Louise retornou à cozinha, observou o acontecimento e perguntou imediatamente:

– O que está acontecendo aqui? Os senhores podem me explicar?

Os primeiros instantes foram de silêncio total. Os olhos estavam assustados e lacrimejados por tamanha emoção ressuscitada.

– Por favor, desejo uma explicação – insistiu a governanta.

– Senhora, vim aqui para entregar uma carta que há muito tenho comigo.

– Carta de quem para quem, senhor? – tornou a perguntar.

– Do senhor Edgard, pai, para o senhor Edgard, filho – Ernest respondeu.

– E percebo que vocês se conhecem – afirmou a governanta.

– Sim, eu e Ernest nos conhecemos, senhora Louise – respondeu Laurin.

– Por favor, só preciso entregar ao senhor Edgard, filho, e logo irei embora – o senhor Ernest falou.

– Como o senhor já percebeu, hoje é a noite de Natal e acontece um jantar em família e com muitos amigos. Por

favor, compreenda... posso entregá-la mais tarde – senhora Louise, com toda cordialidade, falou.

Senhor Ernest mais o casal se olharam e logo o visitante, inesperado, sugeriu:

– Senhora, dessa forma, nada me assegura que a carta chegará às mãos da pessoa interessada... sendo assim, gostaria que a senhora a lesse em voz alta para garantir que outras pessoas estejam cientes de seu conteúdo.

– Sim. Então, depois da leitura, o senhor pode comer algo aqui na cozinha e seguir sua vida; pode ser assim? – a governanta quis se certificar.

– Sim, senhora. Muito lhe agradeço – o senhor respondeu.

A senhora Louise pegou o envelope amarelado e dele retirou a carta da mesma cor. Abriu, com cuidado, para não rasgá-la.

Atenciosa, a governanta iniciou a leitura:

Sou Edgard Thompson.

Escrevo algumas palavras para expressar tão imenso sentimento que me invade a alma. Recebi um filho como presente maravilhoso enviado por Deus. É de meu sangue somente, e não do sangue de minha esposa, no entanto, ela o tomou como filho e o ama perdidamente. Sabe da história que me ocorreu e, por amor, perdoou-me e eu, agradecido de forma eterna, teria como objetivo determinado e

amoroso viver a plenitude com minha família, se não fosse esta doença, incurável, que me acometera.

Estou certo de que em alguns dias não mais estarei entre os meus que tanto amo, mas, sim, em outro plano para continuar a caminhada. Minha amada esposa, que não podia ter filhos, sabe que a mãe biológica é Laurin, mulher simples, e para não perder o vínculo, contratou-a como cozinheira para, assim, também ser cuidada. Houve compreensão de todas as partes e, a partir disso, temos um segredo guardado.

Não se sabe quais caminhos haverá na estrada da vida, apenas as escolhas é que abrirão para o céu azul ou para um céu mais gris.

E algo ainda é mais exato: um coração deve ter fé e muito amor. Os erros existirão até o momento em que o discernimento e vontade forem determinantes.

Encerro esta carta dizendo que, embora tenha errado muito, amo e eternamente amarei meu filho único, minha esposa e Laurin, esta por tanta simplicidade e ternura ter também conquistado meu coração pelo instante necessário para conceber um filho, meu profundo desejo.

Reconheço, perfeitamente, meu ato inadequado... irresponsável, no entanto, há coisas que acontecerão de toda forma, pois devem ser.

Sempre,

Edgard Thompson

Após a carta lida, as pessoas, na cozinha, que participaram do acontecimento, estavam perplexas e, ao mesmo tempo, com mais leveza e harmonia, pois após muitos anos, o fiel motorista do senhor Edgard, pai, cumprira sua promessa, feita, no leito de morte de seu patrão.

Mais um olhar, perplexo, no canto da porta, era presenciado. Edgard, como a governanta se ausentara da sala de jantar, buscou algo na cozinha quando, ainda no início da leitura, já pôde compreender o esclarecimento.

De seus olhos escorriam lágrimas muito emocionadas e todos perceberam o patrão naquele instante. De fato, o medo e o desconforto recuavam sua energia para a fé sobrepujar a insegurança.

E sem esperar, Frederico entrara na cozinha e, sem ainda saber a real situação, porém, por puro amor, se aninhou nos braços de Laurin como sempre fazia.

As lágrimas de amor e luz escorriam juntamente com a nova maravilhosa energia benéfica.

Para o espírito, a eternidade é seu tempo determinante. Muito já se viveu e ainda infinitamente ocorrerá. Programações existem para que num desejado e abençoado breve futuro, a caminhada possa ser mais amorosa e feliz entre o maior número de espíritos.

E a partir daquela noite de Natal, o neto abraçava a sua avó; o filho, a sua mãe, embora fora infinitamente amado por sua mãe de coração que há tempo partira.

A estrela de Natal brilha todos os dias, pois Jesus Cristo é a luz.

E em muitos núcleos familiares haverá os nós a se desatarem e apenas os laços de família a serem dados com amor.

Continuamente há o que reparar, no entanto, sem julgar, pois cada espírito sabe de si e, pela misericórdia de Deus, sempre haverá novas oportunidades na estrada para uma vida melhor.

No lar desta família, a riqueza pôde ser vivenciada como conforto material, entretanto o amor era a característica mais definida e presente.

O senhor Ernest também ficou para o jantar da noite de Natal. E os olhos de Laurin brilharam, assim como os de Frederico e Edgard, filho.

FIM